

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem

Benedicto Roberto Alves Carlos

DAS RUAS ÀS REDES:
uma análise argumentativa do movimento social negro na *internet*

Mariana – MG

2023

Benedicto Roberto Alves Carlos

DAS RUAS ÀS REDES:
uma análise argumentativa do movimento social negro na internet

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Tradução e Práticas Discursivas

Orientador: Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes

Mariana – MG

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C284r Carlos, Benedicto Roberto Alves.
Das ruas às redes [manuscrito]: uma análise argumentativa do movimento social negro na internet. / Benedicto Roberto Alves Carlos. Benedicto Roberto Alves Carlos. - 2023.
102 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem.
Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Discussões e debates. 2. Análise do discurso. 3. Ativismo digital. 4. Movimentos sociais. I. Carlos, Benedicto Roberto Alves. II. Mendes, Paulo Henrique Aguiar. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 81'42(043.3)

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Benedicto Roberto Alves Carlos

Das ruas às redes: uma análise argumentativa do movimento social negro na internet

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Aprovada em 20 de julho de 2023

Membros da banca

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Prof. Dr. William Augusto Menezes - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Profa. Dra. Leslie Sedrez Chavesa - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 20/07/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Aguiar Mendes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/10/2023, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0570048** e o código CRC **F2103AE8**.

Esta pesquisa é dedicada a toda a população negra, que resiste diariamente à discriminação racial. Esta pesquisa é em memória de George Floyd e Beto Freitas. Sejam resistência. Axé!

AGRADECIMENTOS

Como diria Xande Pilares: “muita gente me ajudou a chegar até aqui, foi aos trancos e barrancos, mas eu consegui. Aos meus amigos, a minha família e a minha fé, a vocês devo tudo”.

Primeiramente, gostaria de agradecer todo o apoio e suporte que foi dado pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e pelo Departamento de Letras (DELET).

Ao prof. Paulo Henrique Aguiar Mendes, orientador da presente pesquisa. Agradeço por todas as orientações, pelo apoio e, principalmente, por acreditar em meu trabalho. Além disso, gostaria de agradecer por todo cuidado e paciência que teve comigo durante este processo. Gratidão, Paulo. Espero que a nossa parceria continue.

À profa. Leslie Sedrez Chavez e ao prof. William Augusto Menezes pelas participações na banca de qualificação e, posteriormente, compondo a banca de defesa. A leitura feita por ambos foram de grande valia para o resultado final da pesquisa. Muito obrigado.

Ao senhor Dojival Pereira, criador da Afropress, que disponibilizou uma tarde para realização da entrevista que foi de muita importância para o nosso trabalho. Aprendi muito com você, senhor Dojival. Gratidão!

Gostaria, também, de agradecer a minha família que sempre esteve ao meu lado e nunca largaram a minha mão. Um abraço especial: ao meu pai (dotô) e a minha mãe (Marlene). Aos meus irmãos: Tielle, Dri, Cleria, Leo e Vitor. Amo todos vocês e obrigado por auxílio.

Aos meus parceiros que nunca me abandonaram e sempre me fortaleceram. Um abraço especial ao: Maycon Alves, Pará, Gustavo Trajano, Heitor Alves, Vitor Barbosa e Carol Ribeiro. Não sei o que seria do Bené sem vocês. Amo todos vocês.

Aos meus amigos “virtuais” que me proporcionaram momentos de leveza e alegria durante todo o processo. Um abraço especial ao: Ferrugem, Rui, Mario, Megale e Nero. Alguns desses já ultrapassaram a barreira do virtual. Mais um abraço para você, Rui.

À Maria Luiza que ficou grande parte deste processo ao meu lado me apoiando e acreditando no meu potencial. Meu coração estará sempre com o seu. Um forte abraço.

Cada pessoa citada neste pequeno texto fez de mim o que eu sou, ou seja, vou levar um pedacinho de vocês em cada coisa que eu fizer e para qualquer lugar que eu for (coisas mais para frente).

Por fim, gostaria de agradecer a Ella O'Connor, mais conhecida como Lorde, por conta da sua música ter sido como um refúgio em dias difíceis. Pude ser tocado através da sua arte, Ella. Acredito que você me acompanha em todos os processos importantes e estranhos da minha vida. Gratidão. Espero que a luz do sol me mostre o caminho.

Certidão de óbito

**Os ossos de nossos antepassados
Colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.**

**Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.**

**A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.**

**A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.**

(Conceição Evaristo)

RESUMO

Os objetivos desta dissertação é investigar o modo como os discursos antirracistas são construídos na internet, além de analisar a maneira como os ativistas digitais abordam a temática racial em suas páginas na *web*. Para compreender o surgimento do ativismo digital e o *modus operandi* dos mais novos movimentos sociais, faz-se necessário traçar um percurso histórico sobre a atuação dos movimentos sociais no século XX, além de abordar conceitos como antirracismo, racismo e movimento social. Em vista disso, a presente pesquisa possui um caráter interdisciplinar, pois estabelece um diálogo com outras áreas do conhecimento como as Ciências Sociais e a Comunicação. Outro objetivo da pesquisa é desenvolver um estudo que busque inserir as teorias da argumentação e do discurso no âmbito da internet, tendo em vista que na virada do século XX para o século XXI, entramos em uma nova era, a era da *Web 2.0*. Nos primeiros anos do século XXI, temos um novo conjunto de formas de comunicação. Como aporte teórico para o desenvolvimento de tal objetivo, buscamos utilizar autores tradicionais do campo da argumentação e do discurso tais como Aristóteles, Chaim Perelman, Dominique Maingueneau, Emile Benveniste, Ruthy Amossy, Marie-Anne Paveau, dentre outros. A dissertação se apoia na hipótese de que com os avanços tecnológicos, a maneira de interagir com a sociedade e/ou agir sobre o outro mudaram. Assim, o que significa estudar as teorias da argumentação e do discurso em pleno século XXI, tendo em vista esses novos meios de comunicação? É importante pensarmos que o dispositivo e/ou a rede influenciam a maneira como comunicamos, com quem comunicamos, e o que comunicamos. Faz-se necessário repensar a sociedade – e as teorias da argumentação e do discurso – com base nessas novas formas de comunicação. Ademais, compreendemos que a internet auxilia na atuação e/ou mobilização dos movimentos sociais contemporâneos, uma vez que a *web 2.0* possibilita o desenvolvimento do ativismo digital.

Palavras-chaves: Argumentação. Interação. Discurso. Web. Ativismo digital.

ABSTRACT

The objectives of this dissertation is to investigate the way anti-racist discourses are constructed on the internet, in addition to investigating the way digital activists approach racial issues on their web pages. To understand the emergence of digital activism and the modus operandi of the newest social movements it is necessary to trace a historical path on the performance of social movements in the 20th century, in addition to approach concepts such as anti-racism, racism and social movement. In this point of view, the present research has an interdisciplinary character, because it establishes a dialogue with other areas of knowledge such as Social Sciences and Communication. Another objective of this research is to develop a study that seeks to insert the theories of argumentation and discourse in the context of the internet, just because at the turn of the century XX to XXI, we entered into a new age, the age of Web 2.0. Thus, assuming that from the beginning of century XXI, we have a new set of ways to communicate. As a theoretical contribution to the development of this objective, we seek to use traditional authors from the field of argumentation and discourse, such as Aristóteles, Chaim Perelman, Dominique Maingueneau, Emile Benveniste, Ruthy Amossy, Marie-Anne Paveau and others. The dissertation is based on the hypothesis that with technological advances advances the way of Interact with the society or with the other changed. So, what does it mean to study the teorys of argumentation and of the speech in century XXI, in view of this news ways of communication? Furthermore, it is important to think that the device and the web influence the way that we communicate, with who we communicate, and what we communicate. It is necessary that we rethink the society and the teorys of the argumentation and the speech with these new ways of communication. Furthermore, we understand that the internet helps in the performance and mobilization of contemporary social movements, since web 2.0 enables the development of digital activism.

Keys words: Argumentation. Speech. Interaction. Web. Digital activism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Captura de tela de um tuíte do perfil <i>Alma Preta</i>	60
Imagem 2: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	61
Imagem 3: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	62
Imagem 4: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	63
Imagem 5: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	64
Imagem 6: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	65
Imagem 7: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	65
Imagem 8: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	66
Imagem 9: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	67
Imagem 10: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	68
Imagem 11: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	68
Imagem 12: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	69
Imagem 13: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	69
Imagem 14: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	70
Imagem 15: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	71
Imagem 16: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	71
Imagem 17: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	72
Imagem 18: Captura de tela de uma matéria no <i>site Afropress</i>	72
Imagem 18: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	73
Imagem 19: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	74
Imagem 20: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	75
Imagem 21: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	75
Imagem 22: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	76
Imagem 23: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	77
Imagem 24: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	77
Imagem 25: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	75
Imagem 26: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	78
Imagem 27: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	79
Imagem 28: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	80
Imagem 29: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	80
Imagem 30: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	80
Imagem 31: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	81
Imagem 32: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	82
Imagem 33: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	83
Imagem 34: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	84
Imagem 35: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	84
Imagem 36: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	85
Imagem 37: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	85
Imagem 38: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	86
Imagem 39: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	86
Imagem 40: Captura de tela de uma matéria no <i>site Alma Preta</i>	87

Sumário

Introdução	6
Considerações metodológicas iniciais	8
1 Racismo e Antirracismo	11
1.1 Movimentos sociais: atuação em rede	22
1.2 O ativismo digital em uma perspectiva discursiva argumentativa	27
2 A Análise do Discurso e suas perspectivas teóricas	37
2.1 Análise do Discurso e as teorias da argumentação	40
2.2 Da Análise do Discurso para a Análise do Discurso Digital	49
3 Análise do objeto: os discursos antirracistas na <i>web 2.0</i>	57
Considerações Finais	89
Referências bibliográficas	91
Anexo	94

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo investigar a construção do ativismo digital a partir da *web 2.0*, além de analisar a construção dos discursos antirracistas elaborados pelos ativistas digitais. Pretendemos, também, inserir as teorias da argumentação e do discurso no ambiente digital. Desse modo, utilizamos as páginas *Alma Preta* e *Afropress* como fontes para analisar como as respectivas páginas constroem argumentos antirracistas em função dos acontecimentos sociais e das discussões sobre racismo no Brasil e no mundo. Além disso, pretendemos analisar como a página representa e constrói o que seriam as respectivas argumentações racistas combatidas por elas, em função de fatos e acontecimentos delineados na esfera pública. Assim, esta pesquisa se justifica pela importância social e por seu caráter representativo, pois contribui para a compreensão da articulação dos movimentos sociais negros em rede, e para a ampliação de estudos sobre o racismo e antirracismo, além de ajudar a compreender o funcionamento das relações raciais nos meios digitais.

Outra relevância desta dissertação está nas contribuições científicas, uma vez que pretendemos aprofundar os estudos acerca do ativismo digital através de duas áreas de estudo das Ciências da Linguagem, a saber: a Argumentação e a Análise do Discurso. Além disso, buscamos dar visibilidade aos movimentos sociais negros e às pessoas negras que há tanto tempo são excluídas das diversas posições de influências positivas na sociedade, pois, segundo Silvio Almeida (2019, p. 47), “dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista [...], se há instituições cujos padrões que privilegiem determinados grupos raciais, é porque o racismo é parte da ordem social.” Esta pesquisa pode contribuir para o aperfeiçoamento de argumentos bons e convincentes, além de identificar possíveis críticas e/ou pontos fracos nos discursos produzidos pelos movimentos sociais negros. Desse modo, não se limita apenas ao interesse das Ciências da Linguagem, mas, também, busca alcançar outras áreas do conhecimento como a área da Comunicação e das Ciências Sociais, além dos ativistas sociais.

Compreendemos que a *internet* possibilita o associativismo, tendo em vista seu amplo alcance. O ciberespaço tem reunido alguns grupos que buscam lutar contra as desigualdades sociais e as discriminações. A hipótese proposta pela pesquisa é de que a *internet* se tornou uma ferramenta poderosa para os movimentos sociais negros, pois é por meio dela, por exemplo, que são compartilhados os casos de racismo, mensagens antirracistas e conteúdo que busca empoderar o sujeito negro. Para Nilma Lino Gomes (2011, p.135), “[...] esse

movimento produz discursos, reordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou as articula, possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados.” Assim, os movimentos sociais negros buscam desconstruir a imagem pré-discursiva do sujeito negro, ao mesmo tempo em que buscam o empoderamento do sujeito negro. Além disso, entendemos que a *internet* pode ser utilizada como ferramenta de democratização.

Por conseguinte, como suporte para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos como referência as teorias da argumentação e do discurso para compreendermos como os discursos antirracistas são elaborados pelos movimentos sociais negros. Desse modo, a importância de estudar teorias da Análise do Discurso deve-se ao fato delas estarem diretamente ligadas aos problemas de nossa vida pública e social. As teorias são úteis ao estudo e à compreensão de temas atuais que vivenciamos cotidianamente. De acordo com Viviane Ramalho e Viviane Melo (2011, p. 13), “a linguagem se mostra um recurso capaz de ser usado tanto para estabelecer e sustentar relações de dominação quanto, ao contrário, para contestar e superar tais problemas.” Embora exista um movimento de contracultura que busca romper com a ideologia dominante, é possível conjecturar que as classes sociais privilegiadas acabam dominando as crenças e os valores de uma dada sociedade, ou seja, as classes sociais dominantes acabam controlando a *doxa* de um corpo social.

Frequentemente, pessoas de grupos sociais vulneráveis, como as mulheres, os negros e a população LGBTQIA+, sofrem ataques nas redes sociais, evidenciando, assim, certa ideologia predominantemente patriarcal, branca e heteronormativa. Em vista disso, as teorias da argumentação e do discurso fornecem conceitos e/ou ferramentas para que o pesquisador possa compreender a maneira como certos discursos operam em uma sociedade. Uma das principais características da *internet* é que ela não possui fronteiras, tendo em vista que um internauta pode criar um perfil falso no *Facebook* ou no *Twitter* para atacar determinados grupos de pessoas, além de espalhar notícias falsas e discursos de ódio. Além disso, uma notícia publicada *on-line* pode atingir milhares de pessoas ao redor do mundo em questão de segundos.

Para Ruth Amossy (2017, p. 173), “[...] as interações pelo computador são apontadas por alguns como lugar de livre curso de uma violência desenfreada e perigosa, enquanto outros reconhecem nelas um instrumento de democratização.” A *internet* pode ser entendida como uma ferramenta perigosa e poderosa, tendo em vista que, segundo Amossy (2017), os internautas podem fazer uso da violência verbal, atacar a face do outro e ter sua face

preservada por meio da criação de perfis falsos. Entretanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, compreendemos que a *internet* pode ser utilizada como um espaço de aprendizado, de luta e de resistência.

Vale lembrar que, embora possa ser usada como uma ferramenta de propagação de discursos de ódio, a *internet* também pode ajudar no combate a teses homofóbicas, machistas e racistas. De acordo com Pereira (2011, p. 7), “a *internet* oferece o espaço para que estas questões sejam tematizadas, articuladas e publicizadas, tornando, assim, possível a inclusão, através da produção e distribuição de informações daqueles que até então encontravam-se inexistentes.” Tem-se, neste caso, um exemplo que ilustra o poder da *internet*, enquanto uma ferramenta de luta contra os preconceitos.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS INICIAIS

Como o *corpus* da pesquisa é constituído por discursos antirracistas construídos a partir de dois fatos ocorridos na esfera pública, a presente pesquisa utilizou o estudo de caso como método de pesquisa. Para Magda Maria Ventura (2007, p. 384),

com este procedimento se supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso. tornou-se uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.

Desse modo, o estudo de caso permite, ao pesquisador, uma compreensão mais aprofundada do objeto a ser analisado. No caso desta pesquisa, este método permitiu nosso entendimento acerca da construção dos discursos antirracistas, além de um aprofundamento maior a respeito do ativismo digital.

De acordo com Ventura (2007), o estudo de caso, como método de pesquisa, pode ser dividido como intrínseco ou particular. No primeiro caso, o método é intrínseco quando o pesquisador busca a compreensão melhor de um caso particular intrínseco. Já no segundo caso, o adotado na pesquisa, é quando o pesquisador estuda melhor um caso para compreender outros aspectos, ou seja, o caso é ampliado para questões exteriores a ele. Por exemplo, no caso desta dissertação, foram coletados dois casos semelhantes para observar os discursos que foram construídos a partir desses dois casos. Além disso, esse tipo de estudo de caso permite, também, a possibilidade de orientação para estudos futuros.

Da mesma forma, buscamos utilizar a abordagem qualitativa, uma vez que buscamos estudar a maneira como o movimento social negro se comporta discursivamente nas plataformas digitais acerca das questões de racismo. Desse modo,

conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo a sua estruturação (OLIVEIRA, 2020, p. 37).

Ao utilizarmos a abordagem qualitativa, Oliveira (2018) destaca a importância de se trabalhar com um referencial teórico consistente que consiga dar conta do *corpus* da pesquisa. A pesquisa buscou traçar um percurso descritivo – e interpretativo – dos discursos antirracistas produzidos pelas páginas destacadas anteriormente. Pretendemos conceber o *corpus* da pesquisa como sendo o computador e/ou os dispositivos eletrônicos, uma vez que, conforme destaca Paveau (2021), eles são os responsáveis pela produção dos discursos nativos *on-line*.

Outra justificativa em relação à escolha da máquina como *corpus* ocorre porque “os analistas do discurso que trabalham com os discursos *on-line* ainda continuam, em grande parte, a elaborar seu *corpus* com base em critérios tradicionais da análise do discurso” (PAVEAU, 2021, p. 137). Assim, pretendemos levar em consideração as estruturas que compõem o universo digital.

Por conseguinte, pretendemos selecionar alguns textos da página *Alma Preta* e *Afropress*, em razão de sua relevância, número de seguidores e popularidade. Feito isso, o passo seguinte será identificar os argumentos mais recorrentes, assim como sua forma de manifestação na materialidade textual. A seleção de postagens se dará em função de eventos históricos significativos para questões raciais, como o movimento *Black Lives Matter*, que ocorreu no segundo semestre de 2020 ao redor do mundo, e o caso de João Alberto Freitas, que foi espancado até a morte em um supermercado na cidade de Porto Alegre/RS.

Em maio de 2020, George Floyd¹, um homem negro, foi assassinado por policiais no estado de Minnesota, nos EUA. Na autópsia de Floyd, consta que a causa de sua morte foi uma parada cardíaca, uma vez que havia um policial pressionando o joelho em cima do pescoço de Floyd, impossibilitando, assim, o homem de respirar. A última frase dita por

¹ Notícia disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/george-floyd-como-negro-morto-pela-policia-inspira-hoje-luta-antirracista/>

George Floyd minutos antes da morte foi “eu preciso respirar.” Após o corrido, ativistas rapidamente começaram a se manifestar, nas ruas dos EUA, contra a ação truculenta dos policiais. Além disso, no *Twitter*, internautas começaram a postar a *hashtag* *#BlackLivesMatter*, gerando, assim, um movimento social conhecido pelo mesmo nome.

A morte de Floyd comoveu pessoas ao redor do globo, tendo em vista o grande número de *tweets* que foram postados repudiando o ato dos policiais, além das manifestações que ocorreram nas ruas dos EUA em prol da vida dos negros. Devido à grande proporção que a morte de George Floyd causou ao redor do mundo, as pessoas começaram a colocar em discussão a importância de proteger as vidas negras, tendo em vista que, diariamente no Brasil, pessoas negras são perseguidas e mortas. Em vista disso, os movimentos sociais negros possuem um importante papel nas denúncias de casos de racismo, além da construção de discursos antirracistas.

No mesmo ano, no Brasil, João Alberto de Freitas, um homem negro, foi brutalmente assassinado por seguranças no interior de uma rede de supermercados, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul². A morte do homem gerou revolta nas ruas, que acabaram ocasionando em manifestações, ao redor do Brasil, em frente à rede de supermercados. As manifestações deram início nas plataformas digitais e se estenderam até as ruas, levando dezenas de pessoas, dentre elas artistas como Djonga e Tico Santa Cruz. Entretanto, a rede de supermercados, em 2021, fechou um acordo de 120 milhões de reais, fazendo com que ficasse livre de qualquer ação da justiça, o que causou revolta em grande parte dos ativistas negros.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado um referencial bibliográfico que dialogasse sobre a temática das mídias digitais, movimentos sociais, além dos estudos sobre argumentação e discurso. Desse modo, o presente trabalho possui um caráter interdisciplinar ao possibilitar um diálogo com outras áreas do conhecimento. Sobre a interdisciplinaridade, Ruth Amossy (2011, p. 14) destaca que

o pesquisador pode empregar a argumentação em discurso a finalidades que são do domínio de outras disciplinas e não apenas das Ciências da Linguagem [...] Em vez de ver aí uma confusão desagradável ou um embate inquietante de fronteiras, podemos nos alegrar por uma interdisciplinaridade que já muitas vezes mostrou-se profícua e que convém, para nós, desenvolver.

² Notícia disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2021/11/um-ano-da-morte-de-beto-freitas-movimentos-sociais-buscam-justica-e-carrefour-quer-limpar-seu-nome/>

Desse modo, entre as bases teóricas a serem lidas e resenhadas, destacamos as obras de Chaim Perelman, Marie-Anne Paveau, Manuel Castells, Ruth Amossy, entre outros. Além disso, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, realizamos uma entrevista com o ativista e criador da página *Afropress*, Dojival Pereira. Em relação à entrevista, Oliveira (2020, p. 86) destaca que ela “é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador (a) e entrevistado (a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando.” Cabe destacar que a entrevista realizada nos auxiliou para a compreensão do ativismo digital e da mobilização por meio da *web*.

Ademais, para ampliar a discussão sobre questões raciais, a leitura da obra de Almeida também se faz relevante, uma vez que utilizaremos o conceito de *racismo* proposto por este autor para entender a forma sistemática de discriminação que tem por base a raça. Almejamos, também, utilizar os conceitos de *discriminação racial*, *preconceito racial* e *racismo estruturante* para cruzar com as informações obtidas por meio da análise dos discursos da página. Por fim, faremos uma análise para identificar como o movimento social negro, a partir dos ocorridos, construiu o seu discurso para combater o racismo presente na sociedade.

Por fim, os capítulos da presente dissertação foram distribuídos da seguinte maneira: no primeiro capítulo, buscamos trabalhar com os conceitos de *racismo* e *antirracismo*, além de retomar o período colonial para apresentar as variadas formas de resistência dos negros escravizados, demonstrando o discurso como uma ferramenta de resistência que vigora até a atualidade. Buscamos também traçar um percurso histórico sobre a atuação dos movimentos sociais negros no século XX. Ademais, abordamos o conceito de atuação em rede proposto por autores da área da Comunicação para ilustrar a articulação dos movimentos sociais negros, além de discutirmos sobre ativismo digital na *web 2.0*. No segundo capítulo, optamos por desenvolver as teorias da argumentação e do discurso, inserindo-as em uma perspectiva da Análise do Discurso Digital proposta por Marie-Anne Paveau (2021). O terceiro capítulo é dedicado à parte prática da pesquisa, pois é onde realizaremos as análises dos discursos antirracistas coletados. Por fim, apresentaremos as *considerações finais* da pesquisa.

1 RACISMO E ANTIRRACISMO

O racismo segue presente na sociedade brasileira, trazendo severas consequências à população negra, tais como depressão e exclusão social. Para Silvio Almeida (2019, p. 65), “o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo o momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional.” Antes de tratarmos necessariamente sobre o antirracismo enquanto movimento social, faz-se necessário definir o que vem a ser o racismo. Entendemos que o antirracismo pressupõe o racismo, assim, nossa concepção de racismo é baseada na ideia desenvolvida por Van Dijk (2021) e Jacques d’Adesky (2001), sendo então uma prática sistemática caracterizada pelo abuso de poder e de dominação, que tem como base as diferenças étnicas e culturais entre grupos, pois

no Brasil, esse racismo é direcionado principalmente contra pessoas de ascendência africana, por um lado, e contra povos originários, por outro; mas também contra pobre, mulheres, grupos LGBTQIA+, nordestinos, comunidades periféricas e ribeirinhas (VAN DIJK, 2021, p. 9).

Em vista disso, a presente pesquisa se dedica a estudar apenas os discursos antirracistas produzidos pelos movimentos sociais negros, uma vez que, no Brasil, entendemos como racismo os preconceitos das pessoas brancas em relação às pessoas negras. Entretanto, cabe destacar que existem práticas racistas voltadas contra a população indígena e que, também, há discursos antirracistas produzidos pelos movimentos sociais indígenas. O discurso racista, além de ser uma prática racista, é o principal meio de propagação de preconceitos e ideologias racistas (VAN DIJK, 2021).

Dando continuidade à noção de racismo, Jacques d’Adesky (2001) a divide em duas perspectivas distintas: a primeira noção está relacionada à negação total da identidade de um grupo, ou seja, a existência e o valor do grupo são reprimidos. Nas palavras de d’Adesky (2001, p. 25), “o racismo apaga, anula ou destrói a diferença entre os grupos: nesse sentido, ele é heteróforo.” Já a segunda perspectiva está relacionada à negação de humanidade de um grupo, tendo em vista que os negros foram escravizados exatamente por conta de, segundo Abdias Nascimento (2016), uma suposta *inferioridade* africana.

Do mesmo modo que d’Adesky (2001) aponta diferentes tipos de racismo, o mesmo ocorre com a noção de antirracismo. Desse modo, o autor divide a concepção de antirracismo

em quatro categorias, a saber: antirracismo universalista de tipo espiritualista, antirracismo universalista de tipo biomaterialista, antirracismo diferencialista de tipo espírito-cultural, e antirracismo diferencialista de tipo biomaterialista. Dessas quatro noções, buscamos adotar somente a primeira durante o desenvolvimento da pesquisa, pois entendemos que esse tipo de antirracismo é o adotado pelos movimentos sociais negros. Assim, o antirracismo universalista de tipo espiritualista entende que os grupos de pessoas que se encontram à margem da sociedade não pretendem continuar nessa mesma condição, tendo em vista que

eles estão aptos ao progresso sob condição de beneficiar-se de contextos favoráveis [...] Crê no progresso para todos por meio de uma educação que racionalize os costumes, destrua os preconceitos e elimine os particularismos culturais considerados “arcaicos” ou “bárbaros” (D’ADESKY, 2001, p. 28).

Por outro lado, Van Dijk (2021) compreende o antirracismo como um *macromovimento* social que é constituído por variados movimentos sociais menores. Assim, entendemos que o antirracismo, enquanto *macromovimento*, engloba os movimentos sociais feministas, negros, LGBTQIA+, dentre outros. Desse modo,

definir o antirracismo como um macromovimento social requer flexibilização teórica e histórica. Se o antirracismo pressupõe o racismo, primeiro precisamos aceitar que a escravização, como a praticada no Brasil, foi uma forma de racismo, mesmo quando as noções de “raça” e “racismo” ainda não existiam, porque era uma forma específica de dominação baseada em raça: de populações negras por populações brancas (VAN DIJK, 2021, p. 11).

O fato de o antirracismo ser um *macromovimento* social faz com que ele possa ter um caráter solidário, ou seja, pessoas que não fazem parte do grupo dos dominados – os brancos – também podem lutar em conjunto com os negros e se opor ao sistema de dominação.

É importante ressaltar que as ideias racistas e antirracistas são possíveis apenas por causa da noção de discurso, tendo em vista que as pessoas expressam suas opiniões, conhecimentos, intenções, valores e ideologias a partir do discurso. As pessoas utilizam a linguagem para realizar ações sobre o outro, tais como solicitar, desculpar, convidar, perguntar etc. Maingueneau (2004), seguindo a teoria dos Atos de Fala proposta por Austin e Searle, alega que todo discurso/enunciação é uma forma de agir que, por sua vez, visa

produzir uma modificação nos alocutários. Além disso, Maingueneau (2004) destaca que um discurso, mesmo sem a presença de um destinatário explícito, é voltado para um *tu*.

Para compreender os funcionamentos dos discursos antirracistas, faz-se necessário a compreensão teórica dos assuntos relacionados às pautas raciais. Assim, pretendemos colocar autores da área da Análise do Discurso como Van Dijk, Chaim Perelman, Ruth Amossy e Marie-Anne Paveau em diálogo com autores como Abdias Nascimento, Nilma Lino Gomes, Silvio Almeida, Jacques d'Adesky, entre outros.

O período conhecido na história como *Brasil Colônia* ocorreu do século XVI ao XIX. O termo surge, na historiografia, devido ao fato de o Brasil ter sido colônia de Portugal durante séculos. Foi durante esse período que os negros foram trazidos – contra sua vontade – do continente africano para o território brasileiro. Assim, deu-se início a um dos períodos mais violentos da história: a escravidão. Nas palavras de Abdias Nascimento (2016), o processo de escravização dos povos negros-africanos é considerado um dos processos mais violentos da história da humanidade. Portanto, a chegada dos portugueses ao Brasil foi marcada por um processo de exploração e “com o simultâneo aparecimento da raça negra, fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão” (NASCIMENTO, 2016, p. 58). Os negros africanos começam a serem trazidos, de maneira forçada, ao Brasil já a partir dos anos de 1530³.

O comércio de negros escravizados, segundo Abdias Nascimento (2016), estava regularmente constituído em 1535. Desse modo, eles foram à base para a construção do país, além de terem sido os responsáveis pelo enriquecimento da coroa portuguesa, tendo em vista que

o papel do negro escravo foi decisivo para o começo da história econômica de um país fundado como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo, a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca (NASCIMENTO, 2016, p. 59).

³ Ver NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 4 ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

Os negros eram os responsáveis pelos trabalhos braçais durante o período do Brasil Colônia, tendo em vista seus trabalhos nas plantações de cana-de açúcar, café, mineração, entre outras tarefas. Embora tivessem sido a base para o enriquecimento da coroa portuguesa, os negros escravizados não eram beneficiados pelos materiais que produziam.

Como destacado anteriormente, a linguagem é um dos recursos fundamentais de grande parte da atividade humana, pois “sem comunicação a vida não tem sentido. Sendo assim, a palavra é um meio privilegiado para (se) conhecer e (se) fazer conhecer” (MELLO, 2020, p. 2588). As pessoas necessitam da linguagem, sendo ela oral ou não, para conseguirem inserção na sociedade. É a partir da comunicação que reivindicações são feitas, melhorias são cobradas e ideologias são propagadas. Entretanto, cabe destacar que, na sociedade em que vivemos, o direito à fala, muitas vezes, é silenciado para alguns grupos, como os LGTQIA+, as mulheres, os negros e indígenas.

A colonização é um sistema violento no qual uma nação e/ou cultura impõe-se sobre outra, pois

a noção de colonização remete para a coexistência de povos com histórias e línguas distintas em um dado momento histórico. Colonizar supõe um contato entre diferenças, contato esse que se dá pelo uso da força, não se realizando, portanto, sem tensões e confrontos (MARIANI, 2004, p. 25).

Além da violência verbal que ocorria durante o processo de colonização, Bethânia Mariani (2004) alega, também, que se trata de uma colonização linguística, tendo em vista que, no caso da história do Brasil, a Coroa Portuguesa impôs o português como a língua padrão da colônia, ignorando as demais línguas indígenas faladas no território brasileiro. Mariani (2004) entende que a única maneira de relatar os acontecimentos do passado e ressignificar ideais é por meio da língua deixada pelo colonizador, ou seja, a única maneira de lutar contra o processo de colonização, contra a discriminação e o preconceito é através da linguagem e/ou do discurso. É necessário se apropriar da língua do opressor para combater seus preconceitos, é por meio da linguagem que as pessoas subalternas buscam ocupar espaços na sociedade. A linguagem pode funcionar, para muitas pessoas, como uma maneira de libertação, além de autoafirmação.

No período colonial, o discurso funcionou, para os negros escravizados, como uma das formas de resistência. Como destaca Van Dijk (2021), a resistência contra as formas de

escravidão existe desde a Antiguidade. As resistências discursivas do período colonial foram iniciadas pelas pessoas religiosas no século XVII. Para Van Dijk (2021, p.42),

pode ser que nesses períodos houvesse ideias compartilhadas por várias pessoas ou grupos, mas ainda não havia um *movimento* social no sentido atual, como definido nas teorias dos movimentos sociais, que marcam o seu início no século XVIII.

Desse modo, os discursos pré-abolicionistas foram elaborados durante o período do iluminismo, que acabou sendo um dos maiores movimentos políticos da história. No Brasil, o movimento abolicionista se popularizou após 1880. Assim, os discursos elaborados por alguns religiosos são entendidos, segundo Van Dijk (2021), como sendo pré-abolicionistas, ou seja, discursos que preparavam um movimento social.

Cabe destacar que os discursos produzidos pelos padres não podem ser considerados discursos antirracistas devido ao fato de que os termos raça e racismo ainda não existiam. Além disso, as manifestações discursivas elaboradas pelos religiosos não eram apelo, abolicionistas e sim reivindicações para aliviarem o processo de escravização. Os discursos construídos por eles, segundo Van Dijk, (2021), eram carregados de estereótipos negativos – e consequentemente racistas – em relação à imagem dos negros escravizados. Entretanto, apesar destas características citadas, os discursos dos religiosos eram carregados de críticas relacionadas aos abusos e as violências que os negros sofriam por parte dos colonizadores. Os discursos abolicionistas, elaborados por alguns religiosos do século XIX, tiveram influências desses discursos críticos dos séculos XVII.

Após mais 300 anos de escravidão, o povo negro conquistou a liberdade no ano de 1888, com a assinatura da Lei Áurea. Cabe destacar que essa conquista teve o auxílio de ativistas negros, tendo em vista que, segundo Leslie Sedrez Chaves e Denise Cogo (2013, p. 216),

os constantes e longos movimentos de luta e resistência dos afrodescendentes, o crescimento dos grupos abolicionistas, as pressões de outros países, a implementação de uma série de medidas restritivas ao tráfico de escravos e um conjunto de fatores políticos, sociais e econômicos, levaram gradativamente o Brasil a abolir a escravidão em 13 de maio de 1888, através da assinatura da Lei Imperial 3.353, conhecida como Lei Áurea.

Ainda que livres, os negros encontraram dificuldades para se integrar à sociedade, uma vez que, após a abolição, viram-se excluídos e, ainda, marginalizados, sofrendo todo tipo de discriminação possível (DOMINGUES, 2008). Os negros começaram a se articular antes do século XX, em uma tentativa de diminuir a discriminação e da busca por melhores condições de vida. Com o passar dos anos, os discursos antirracistas foram se modificando, em razão das pautas que foram sendo colocadas, e a partir das demandas da época.

Diante disto, temos as primeiras movimentações do que chegará a ser o movimento social negro. É a partir do discurso que os ativistas sociais negros são capazes de elaborarem de discursos que visam diminuir com a discriminação racial. A população negra brasileira se organizou e se articulou criando grupos que lutaram por uma melhor inserção do negro na sociedade. Primeiramente, compreendemos o conceito de movimento social como sendo

um grupo mais ou menos organizado, sob uma liderança determinada ou não; possuindo programa, objetivos ou plano comum; baseando-se numa mesma doutrina, princípios valorativos ou ideologia; visando um fim específico ou uma mudança social (WARREN, 1987, p. 13).

Por conseguinte, entendemos por movimento social negro como sendo “as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade” (GOMES, 2021, p. 23). As lutas do movimento social negro são pautadas, segundo Domingues (2007), pelos assuntos relacionados à raça e à identidade racial, uma vez que essas duas pautas são utilizadas para reivindicações políticas. Assim, as conquistas obtidas pelo povo negro nos últimos anos ocorreram por conta dos movimentos sociais negros, que lutaram desde o início do período colonial contra o racismo estrutural e contra a segregação racial.

Após a instauração da Lei Áurea, os negros libertos, segundo Domingues (2007), lutando por melhores condições de vida, começaram a criar movimentos de mobilização racial pelo país. Foram criadas, na época, dezenas de associações, clubes e grupos. Essa mobilização criada pelos negros é caracterizada como “de cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural, as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de “homens de cor”, como se dizia na época” (DOMINGUES, 2007, p. 103). De acordo com Domingues (2008), no final do séc. XIX, já eram feitos jornais, tais como o *Treze de Maio* e *O Exemplo*, que denunciavam o preconceito racial. Desse modo,

surge, no início do século XX, o que conhecemos como *imprensa negra*, que seria responsável por publicar jornais para tratar assuntos específicos do sujeito negro. Em entrevista realizada com Dojival Pereira, criador da agência de notícias *Afropress*, ele afirma o seguinte sobre a *imprensa negra*:

A imprensa negra teve um papel determinante no nosso processo de resistência. Se não fosse a existência da imprensa negra, nós não teríamos sobrevivido às políticas de branqueamento. [...] Entre os anos de 1910 e 1920, a imprensa negra teve um papel fundamental na nossa resistência, porque a imprensa negra, que se organizava de forma associativa, né?! Imprensa escrita, né?! Era também um instrumento de resistência física, compreende?

O principal motivos dos negros terem criado uma imprensa alternativa se deve ao fato de que os assuntos de interesse da população negra eram deixados de lado pela sociedade da época. A *imprensa negra* foi capaz, segundo Domingues (2007), de reunir diversas pessoas para auxiliar no combate ao preconceito contra os negros. Na presente pesquisa, devido ao importante papel prestado contra a discriminação racial, compreendemos que a *imprensa negra* foi um importante movimento articulatório para a população negra, uma vez que

esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira (DOMINGUES, 2007, p. 105).

As publicações da *imprensa negra* enriqueceram o combate contra a segregação racial. No início do século XX, os negros buscaram desmitificar o mito da democracia racial, após denúncias de integrantes do Movimento Social Negro, como Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, tendo em vista que eles denunciavam as desigualdades entre brancos e negros. De acordo com Domingues (2008, p. 102),

para reagir a esse quadro de marginalização nas primeiras décadas da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes resolveram instituir o que posteriormente foi designado de movimento negro organizado, criando dezenas, quiçá centenas de grupos, de caráter eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural.

Devido a esse histórico, o movimento social negro pode ser considerado um dos movimentos sociais mais antigos que temos notícia na história de nosso país. Pensando nisto, os próximos movimentos destacados abaixo são movimentos sociais que tiveram um grande destaque e importância no século XX.

No ano de 1931 foi criada, na cidade de São Paulo, a Frente Negra Brasileira (FNB), que, por sua vez, também lutava contra o racismo e para que os negros passassem a ocupar os espaços que por muitos anos não ocuparam ou foram impedidos de ocupar. Para Domingues (2008), a FNB foi o movimento negro mais importante do início do século XX. O movimento teve início na cidade de São Paulo, entretanto, com o passar do tempo, já estava presente em alguns estados do Brasil, como em Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia.

A FNB, segundo o Geledés – Instituto da Mulher Negra⁴, chegou a contar com mais de vinte mil pessoas. A FNB fez com que as pessoas negras, excluídas da sociedade, pudessem encontrar forças para enfrentar o preconceito e denunciar a segregação racial. A FNB formou escolas, grupos musicais, teatros, time de futebol, curso de formação política, de artes, de ofícios. A intenção, ao desenvolver esses projetos, era fazer com que as pessoas negras se integrassem na sociedade. Segundo Gomes (2011), o movimento negro surge como um novo personagem na cena brasileira ao apresentar a realidade racial do país.

Na década de 1930, a FNB conseguiu do então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, a anulação da proibição do ingresso de negros na Guarda Civil de São Paulo. Esse acontecimento mostrou a importância do movimento negro na luta contra o racismo. Entretanto, no ano de 1936, a FNB se transformou em partido político tendo influências, segundo Domingues (2007), pela conjuntura internacional de ascensão do nazifascismo. Em 1937, com o Estado Novo e a instalação da ditadura varguista, a FNB foi extinta. Porém, na mesma época, outros grupos com ideais similares aos propostos pela FNB foram criados por todo o Brasil.

Em 1944, Abdias do Nascimento, fundou, na cidade do Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro (TEN), cujo intuito era valorizar o negro na dramaturgia brasileira, tendo em vista que as pessoas negras não tinham espaço na dramaturgia naquela época. Para Abdias do Nascimento (2019 p. 162), “extensa e profunda foi a influência que o TEN exerceu, tanto no setor propriamente teatral como, de maneira geral, na sociedade brasileira.”

⁴ Site do Instituto: https://www.geledes.org.br/o-que-e-o-geledes-instituto-da-mulher-negra/?gclid=CjwKCAjwnIr1BRAWEiwA6GpwNTw6BP-k5Dk6eIFtl-MQBweC7Ah1CjWQP1hglr6y2hT9JHorCpeKxxoChPMQAvD_BwE

O TEN foi responsável por trazer, ao Brasil, as propostas do movimento da negritude francesa, que servia de exemplo para os movimentos de outros países. O TEN foi extinto em 1968 devido à Ditadura Militar no país.

Com a instauração da Ditadura Militar, no ano de 1964, no Brasil, os movimentos sociais, como o movimento negro, por exemplo, tiveram de sair de cena, de acordo com Gomes (2011), por conta de perseguições políticas, embora algumas pessoas continuassem agindo, ou seja, indo contra o estado autoritário. Nas palavras de Domingues (2007, p. 111),

o golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Ele desarticulou uma coalizão de forças que palmilhava no enfrentamento do ‘preconceito de cor’ no país. Como consequência, o Movimento Negro organizado entrou em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criar um problema que suspostamente não existia, o racismo no Brasil.

Foi no ano de 1978, durante a ditadura militar, que foi criado outro grande movimento de destaque, o Movimento Negro Unificado (MNU), que, segundo Gomes (2011), é um dos principais protagonistas na luta antirracista brasileira. No dia 7 de junho de 1978, o MNU fez história ao realizar uma manifestação em plena Ditadura Militar e contar com mais de duas mil pessoas no ato.

Com a criação do MNU, o combate ao racismo mudou no país, tendo em vista que,

naquele período, o movimento negro passou a intervir amiúde no terreno educacional, com proposições fundadas na revisão dos conteúdos preconceituosos dos livros didáticos; na capacitação de professores para desenvolver uma pedagogia interétnica; na reavaliação do papel do negro na história do Brasil e, por fim, erigiu-se a bandeira da inclusão do ensino da história da África nos currículos escolares (DOMINGUES, 2007, p. 115).

Os ativistas faziam panfletos, jornais e organizavam atos públicos em lugares estratégicos da cidade de São Paulo. Além disso, o movimento juntou forças com jornais famosos que eram contra a Ditadura Militar, como a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Desse modo, depois de anos de lutas, as ações realizadas pelo MNU contribuíram para que as questões raciais fossem colocadas em discussão. Isso levou, em 2003, à criação da lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da História da África nas instituições de ensino. É importante realizar esse percurso histórico acerca dos movimentos sociais negros para mostrar

que esse ato de militância não é recente e que teve início após a abolição da escravidão, além de mostrar que as políticas públicas de ações afirmativas tiveram início por conta desses grupos do passado.

Após o final de 1970, o movimento social negro foi crescendo e ganhando força com o passar dos anos. No começo dos anos 2000, de acordo Domingues (2007), o movimento social negro passa a ser influenciado pelo movimento *hip-hop*. A música sempre se fez presente para os negros, segundo Abdias Nascimento (2020), no início do período da colonização, a música servia como alívio para os negros escravizados, depois de um longo e doloroso dia nas colônias. Assim,

o *hip-hop* expressa a rebeldia da juventude afro-descendente, tendendo a modificar o perfil dos ativistas do movimento negro; seus adeptos procuram resgatar a auto-estima do negro, com campanhas do tipo: *Negro Sim!*, *Negro 100%*, bem como difundem o estilo sonoro *rap*, música cujas letras de protesto combinam denúncia racial e social, costurando, assim, a aliança do protagonismo negro com outros setores marginalizados da sociedade. E para se diferenciar do movimento negro tradicional, seus adeptos estão, cada vez mais, substituindo o uso do termo *negro* pelo *preto*. (DOMINGUES, ano, 119)

Baseando-se em bell hooks (2017), compreendemos que é por meio da linguagem que somos capazes de tocar uns aos outros, além de ter a capacidade de despertar o amor e a compaixão. Apesar da influência e do apoio ao movimento social negro, o *hip-hop* ainda não é entendido como um tipo de movimento social negro, pois “embora seja esposado pelos negros, ele também tem penetração nos setores da juventude branca marginalizada que vive na periferia dos principais centros urbanos do país” (DOMINGUES, 2007, p. 120).

As concepções de movimentos sociais sofreram uma mudança, tendo em vista o modo como se articulavam e as pautas dos movimentos sociais do século XIX (MACHADO, 2007). Os movimentos sociais do século passado eram vistos, de acordo com Machado (2007), como organizações contra o sistema capitalista. Em meados dos anos de 1980, surge o termo *novos movimentos sociais* para distingui-los das pautas dos antigos movimentos sociais, uma vez que “os ‘novos’ movimentos sociais seriam principalmente os movimentos pacifistas, das mulheres, ambientalistas, contra a proliferação nuclear, pelos direitos civis e outros” (MACHADO, 2007, p. 253). Os mais novos movimentos sociais buscam estabelecer suas demandas a partir de seus contextos sociais, históricos e sociais (MACHADO, 2007).

Por conseguinte, com os avanços da tecnologia, compreendemos que o ato de militar e articular em grupo mudou nos últimos anos, devido à popularização das redes sociais, e o surgimento da *web 2.0*. No ano de 2001, ocorreu na África do Sul a Conferência de Durban, que visava o combate ao racismo, a discriminação racial e a xenofobia. A conferência foi promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU). Durante a conferência, os membros presentes chegaram ao consenso de que, devido à popularização da *internet*, seria interessante para os atuais ativistas que passassem a utilizar a *web* como ferramenta de luta. Sobre a utilização da *internet* como ferramenta, Dojival Pereira afirma que

a Afropress foi criada no contexto das iniciativas tomadas durante a conferência de Durban, que passou a estimular o uso das modernas tecnologias como instrumentos estratégicos de combate ao racismo. Foi isso que nos inspirou. A conferência de Durban estimula o uso das modernas tecnologias. [...] Jornalista que sou desde os anos 70, pensei 'como é que podemos transformar o nosso ativismo do combate ao racismo, como podemos utilizar instrumentos para amplificar, né?!' Para ecoar mais alto a nossa luta, daí surge a ideia da Afropress.

Assim, as centenas de notícias publicadas *on-line* fizeram com que surgisse a concepção de ativismo digital. Isso faz com que, frequentemente, o racismo, as causas LGBTQIA+, dentre outras pautas, venham sendo colocadas em discussões também nas plataformas digitais.

Amossy (2018) aponta que um debate *on-line* se distancia de uma discussão e/ou interação comum, uma vez que, em uma discussão comum, aquele que toma a palavra assume a responsabilidade pelo que diz, seja acusando ou defendendo um argumento. No Brasil, para tentar combater as problemáticas envolvendo a *internet*, a presidenta Dilma Roussef, no ano de 2012, sancionou a lei 12.735,⁵ a qual prevê que os órgãos da polícia judiciária estruturarão equipes e setores no combate a ações delituosas em rede de computadores e dispositivos móveis. Um dos objetivos do movimento social negro é denunciar casos de racismo que ocorrem cotidianamente na sociedade. Conforme destaca Pereira (2011), o papel dos movimentos sociais contemporâneos é proporcionar meios para coletivizar as relações sociais dentro de uma sociedade, ou seja, tornar acessível, para todos, assuntos como saúde, educação e cultura.

Os trabalhos voltados para essa área de estudo buscam enriquecer a discussão sobre o racismo no Brasil. Entretanto, segundo Van Dijk (2021, p. 7), “muito se tem escrito sobre o

⁵ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12735.htm

racismo no Brasil, mas nem tanto sobre o discurso racista e ainda menos sobre o antirracismo e o discurso antirracista.” Assim, a presente pesquisa foi desenvolvida a partir das noções de racismo, antirracismo e, principalmente, pelos discursos antirracistas produzidos pelos ativistas digitais. Além disso, buscamos conceder o protagonismo aos ativistas negros, que há tanto tempo lutam diariamente contra as variadas formas de racismo.

A resistência antirracista se fez presente em diversos territórios ocupados pelos europeus, por exemplo, nos continentes América, Ásia, África, e na Austrália e na Nova Zelândia. A mobilização antirracista se consolidou após a abolição da escravidão no Brasil, no final do século XIX, lembrando-se de que o país foi a maior colônia europeia, sendo o que mais recebeu escravos durante a colonização (VAN DIJK, 2021). Cabe destacar que, desde o início da colonização, os negros lutaram contra a escravidão, ao criarem as comunidades quilombolas e outras formas de resistência⁶.

1.1 MOVIMENTOS SOCIAIS: ATUAÇÃO EM REDE

É indispensável, antes de abordar o conceito de atuação em rede, conceituar o que vem a ser uma sociedade civil. Compreendemos que sociedade civil implica, segundo Gohn (2010), uma participação mais vigorosa por parte dos cidadãos em relação ao sistema e à vida pública. O conceito de sociedade civil está interligado à ideia de ação e de democracia, tendo em vista que o indivíduo toma partido e/ou consciência de todo processo político, social e cultural que acontece na sociedade na qual está inserido. Nas palavras de Gohn (2010, p. 11),

pode-se observar a participação cidadã via o protagonismo civil expresso nas ações coletivas de inúmeros agentes da sociedade civil tais como: nos movimentos sociais, fóruns e assembleias, conselhos de inúmeros tipos (com destaque para os gestores porque são previstos em leis), nas redes e conexões internacionais de entidades civis, nas ONGs e entidades do Terceiro Setor.

É a partir desta visão que percebemos a importância de exercer e de respeitar a cidadania, pois é a partir dela que os cidadãos são capazes de participarem ativamente de todo processo democrático de uma nação.

Os movimentos sociais aparecem na cena democrática como uma organização que fornece, conforme Gohn (2010), inovações e mudanças no cenário político e social.

⁶ Ver DIJK, Van. Discurso Antirracista no Brasil: Da abolição às ações afirmativas. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

Estudiosas como Nilma Lino Gomes (2021) e Maria da Glória Gohn (2010) reconhecem que os movimentos sociais possuem um caráter educador por conta de todo o conhecimento que é compartilhado entre os sujeitos que fazem parte do movimento, além do modo como as suas ideias são transmitidas e ensinadas para o restante da população. Os movimentos sociais, a partir dos anos de 1990, segundo Gohn (2010), criaram maneiras de organizações populares, ou seja, os movimentos sociais são os responsáveis por fazerem com que as demandas das classes sociais desprivilegiadas fossem institucionalizadas e debatidas nos cenários políticos pelo país.

O conceito de atuação em rede foi desenvolvido por muitos autores da área da comunicação como Manuel Castells, João Alberto Machado, entre outros, e pode ser entendido como a união de atores sociais que compartilham entre si ensinamentos, ideais, reivindicações sociais, além de um intercâmbio cultural. Nas palavras de Machado (2012), a noção de rede está relacionada à troca de informações e/ou saberes, formações de grupos de apoio etc. Para dar conta de suas demandas, os movimentos sociais negros passam a atuar em rede, ou seja, buscam estabelecer parcerias entre seus semelhantes.

A noção de rede é estudada por diversos campos do conhecimento, como a Comunicação, Educação, Saúde, mas tem sua origem na área das Ciências Sociais. Ao optarmos por desenvolvermos tal conceito, buscamos trabalhar com pontos de vistas variados de um mesmo assunto. O conceito de rede está, segundo Acioli (2007), diretamente ligado na vivência costumeira do mundo globalizado em que vivemos. O conceito de movimento em rede é desenvolvido por pesquisadoras da área de comunicação e das ciências sociais. As autoras da área concebem a atuação em rede como sendo a relação estabelecida entre corpos políticos que possuem objetivos semelhantes.

Devido aos avanços tecnológicos e à popularização da internet, os movimentos sociais atuais passaram a integrar, em suas ações e planejamentos, a *web* como forma de articulação. Para Machado (2007, p. 248),

tais tecnologias não apenas se tornaram instrumentos de fundamental importância para a organização e articulação de tais coletivos sociais, como também proporcionaram a formação de novos movimentos sociais e novas formas de ativismo. Estas passam a se caracterizar com base em uma atuação cada vez mais em forma de rede.

Ainda de acordo com o autor, a rede possibilita que diversos indivíduos que antes estavam isolados se encontrem e formem uma rede de apoio global em prol de uma causa

comum. Machado (2007) compreende as redes como sendo uma teia que envolve troca de informações, formações de grupos de pressão e de apoios. O autor alerta que, devido à popularização da *internet*, essa rede de resistência conta, cada vez mais, com um número maior de pessoas, além da “possibilidade de comunicação rápida, barata e de grande alcance faz atualmente da *internet* o principal instrumento de articulação e comunicação das organizações da sociedade civil, movimentos sociais e grupos de cidadãos” (MACHADO, 2007, p. 268).

A *web* é um espaço que, segundo Machado (2007), possibilita que um internauta assumira papéis e/ou funções diversas como ativista, cidadão, editor, distribuidor, além de ser um consumidor do serviço. Este novo modo de interação faz com que, ao integrar diversas pessoas conectadas em rede, transformações ocorram no modo de atuação dos mais novos movimentos sociais, uma vez que “um mesmo ativista pode estar enredado com outras causas, com outros atores coletivos; pode militar em vários movimentos e, mesmo transmitir suas reivindicações nas diferentes redes de que participa” (MACHADO, 2007, p. 276). É a partir desta perspectiva que é possível perceber a importância da atuação dos movimentos sociais em rede, visto que a *web* proporciona um fortalecimento maior das pautas dos mais diversos movimentos sociais.

Nas palavras de Sonia Acioli (2014, p. 22), “em Ciências Sociais, rede seria o conjunto de relações sociais entre um conjunto de atores e também entre os próprios atores.” Uma rede, então, reúne diversos indivíduos em uma situação de troca de informações e experiências. Em relação à noção de *redes sociais*, de acordo com Acioli (2014), surge nos estudos de Antropologia Social, embora muitos acreditem que o termo “redes sociais” tenha surgido com as redes sociais como *Orkut*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Desse modo, podemos estabelecer uma relação entre o conceito de redes e a noção de redes sociais, uma vez que “a concepção básica de redes – tanto para uso metafórico, quanto para o uso analítico – seria a de que a configuração de vínculos interpessoais entrecruzados é de forma inespecífica conectados às ações dessas pessoas e às instituições da sociedade” (ACIOLI, 2007, p. 4). Podemos entender a rede, portanto, como uma união de indivíduos ligados a uma coletividade, sendo capazes de criarem redes de apoio e de resistência.

O conceito de rede social passou a ser estudado pelos pesquisadores das Ciências Sociais no final dos anos 60. Compreendemos a rede como social como sendo uma *teia* onde se encontra todos os sujeitos que vivem em sociedade. Para os estudiosos das Ciências Sociais, a rede social é uma importante ferramenta de análise para investigar as relações

estabelecidas entre as pessoas, além de averiguar suas variadas formas de organizações. Acioli (2007, p.8) aponta que “as redes são virtuais, mas também reais, são técnicas, mas também sociais, portanto são por vezes estáveis, mas também dinâmicas. Elas incluem em si mesmas um movimento social de dinâmicas ao mesmo tempo locais e globais.” Desse modo, uma pesquisa que busca entender o funcionamento das redes necessita examinar como as conexões passam do específico para o geral. Assim, a noção de redes sociais pode ser entendida como os laços sociais existentes entre indivíduos em uma sociedade. Portanto, segundo Scherer-Warren (2013, p. 192),

do ponto de vista dos movimentos sociais, a organização em redes permite a reafirmação de formas de sociabilidade históricas, de criação de novas formas de sociabilidade históricas, de criação de novas formas de sociabilidade trans-identitárias – por exemplo, articulando discursivamente as opressões de classe, raça e gênero e outras [...].

Os ativistas digitais, atuando em rede, são guiados, segundo Machado (2007), por valores universais, como os direitos humanos, minorias, liberdade de expressão, preservação ambiental, dentre outros. Scherer-Warren (2013) destaca que a importância atribuída, por parte dos movimentos sociais, à utilização das novas tecnologias como ferramenta de apoio tem se destacado no campo das Ciências Sociais. Os estudiosos da área compreendem que as redes sociais potencializaram para o fortalecimento do ciberativismo, pois, segundo Scherer-Warren (2013), as redes sociais funcionam como um aporte teórico para estudar os movimentos sociais, além de ampliar as formas de organização e de luta.

Atualmente, a partir das atuais demandas e de todo aparato tecnológico, compreendemos que os movimentos sociais contemporâneos exercem um papel fundamental nas decisões políticas que são decididas no país. Além disso, Scherer-Warren (2015) alega que um dos principais pré-requisitos para o sucesso de um movimento social é sua capacidade de atuar em rede e nas redes, em outras palavras, os movimentos sociais contemporâneos necessitam estar em diálogo com os mais diversos tipos de organizações como as antirracistas, classistas, feministas, além de utilizarem as plataformas digitais como meio de mobilizações.

É a partir deste diálogo que o saber é construído e incorporado nas lutas dos ativistas digitais e, conseqüentemente, dos movimentos sociais. O avanço da tecnologia, como abordado anteriormente, auxiliou para a expansão do movimento social negro, uma vez que

“nessas redes, os ativistas negros constroem formas de estar junto, de se conectar e formar laços, ao mesmo tempo em que dinamizam modos de participação social que buscam incidir na agenda pela igual racial no Brasil” (CHAVES; COGO, 2013, p. 225). De acordo com Chaves e Cogo (2013), o movimento social negro demonstrou que o é *ser* negro, no Brasil, ou seja, enfrentar e desconstruir argumentos que visam apaziguar o preconceito racial que existe no país.

Desde seu início, conforme destaca Nilma Lino Gomes (2021), o movimento social negro possui um caráter emancipatório, reivindicativo, além de ser afirmativo, ou seja, ele é concebido como um importante ator político. Na atualidade, existem diversos movimentos sociais negros que buscam uma articulação em rede, promovendo, assim, uma maior igualdade social, além do combate ao preconceito. Chaves e Cogo (2013) alegam que, no movimento social negro, as redes são as responsáveis pelas interações entre os sujeitos, além de auxiliarem na elaboração de ações informais ou institucionalizadas. Desse modo, “a perspectiva de uma comunicação em redes do movimento negro no Brasil não é nova, e já aparece evidenciada em práticas comunicacionais como a da imprensa negra” (CHAVES; COGO, 2013, p. 226). As autoras destacam o importante papel desempenhado pela imprensa negra no século XX, sendo considerada uma precursora da atuação em rede dos movimentos sociais negros.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, passamos a considerar que a imprensa negra se expandiu para o universo da *web*, tendo em vista que a *internet* possibilitou que os ativistas digitais criassem *blogs*, *websites*, jornais e portais de notícias. Os ativistas digitais compreendem que

o incremento dos usos da Internet está relacionado, ainda, aos esforços do movimento negro em dar visibilidade ao debate sobre as relações etnicorraciais e compartilhar, de modo mais amplo, ações de cidadania com as populações afrodescentes e com o restante da sociedade brasileira (CHAVES, COGO, 2013, p. 230).

É importante que, com base neste trecho em destaque, o Governo desenvolva políticas públicas que possibilitem, para a população, de uma maneira mais fácil e barata, o acesso a dispositivos eletrônicos e, conseqüentemente, à *internet*. Na presente pesquisa, buscamos investigar como os movimentos sociais negros se apropriam da internet ao produzir discursos que visam desconstruir teses racistas.

Além disso, apuramos como esses movimentos buscam (re) educar os brasileiros em relação às questões raciais a partir de postagens feitas *on-line*, pois, segundo Nilma Lino Gomes (2021, p. 28), “parte-se da premissa de que o Movimento Negro, assim como outros movimentos sociais, ao agir social e politicamente, reconstrói identidades, traz indagações, ressignifica e politiza conceitos sobre si mesmo e sobre a realidade social.” Para compreender quais estratégias esses movimentos sociais negros utilizam para conquistar a aprovação do auditório, utilizaremos de alguns conceitos da área da argumentação. Além disso, para compreender os discursos que são produzidos *on-line*, faz-se necessário incluir o quadro teórico da Análise do Discurso (AD) e da Argumentação nos meios digitais. Desse modo, na próxima subseção, pretendemos ancorar o estudo do ativismo digital em conjunto com as teorias da argumentação e do discurso.

1.2 O ATIVISMO DIGITAL EM UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA ARGUMENTATIVA

A *internet* tem início no ano de 1969, nos Estados Unidos. Naquela época, havia uma rede de computadores criada pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) e/ou ARPANET, em português. Esta rede foi criada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com o intuito de movimentar pesquisas para o país conseguir, segundo Castells (2003), certa superioridade tecnológica militar. Porém, a *internet* apenas foi “lançada”, de modo geral, no ano de 1995, e, a partir disso, foi possível uma conexão aberta entre todas as redes de computadores do mundo. Compreendemos que a *internet* “é uma rede que conecta os computadores entre si em nível mundial. Essa rede disponibiliza diversos serviços: o compartilhamento de arquivos, a mensagem instantânea, a telefonia, o envio de correio eletrônico e a *web*” (PAVEAU, 2021, p. 34). Cabe destacar que a *web* (*world wide web*), segundo Paveau (2021), foi criada em 1989 como sendo um serviço da *internet*.

No século XXI, os meios de comunicação passaram por uma mudança, com o surgimento das novas tecnologias e com o aprimoramento da *internet*. Desse modo,

o acesso à comunicação por uma parcela cada vez maior da população tem potencializado formas de se comunicar em ampla escala, baseadas em redes horizontais de comunicação multidirecional e interativa, principalmente fazendo-se uso da *Internet* (BARBOSA; BERNADES, 2018, p. 7).

É a partir deste avanço que, segundo Castells (2013), os atuais movimentos sociais têm se organizado e articulado. A *internet* e, conseqüentemente, suas redes sociais desempenham um importante papel na luta contra as variadas formas de discriminações, tendo em vista sua abertura e sua capacidade de conectar milhares de pessoas de uma só vez. Assim, os atuais ativistas conseguem, na rede, reunir diversos indivíduos que almejam o mesmo objetivo, uma vez que “o caráter aberto da *internet* permite a união de diferentes subjetividades sem a necessidade de intermediários ou líderes, possibilitando a criação de um espaço comum em que a conexão dos sujeitos cria condições para a ação coletiva” (BARBOSA; BERNADES, 2018, p. 7).

Nos anos 1990, surge a *web 1.0*, sendo, de acordo com Paveau (2021), responsável por conectar as informações dentro da rede, além de ser conhecida como a *web* dos portais de informações e dos fóruns. No início dos anos 2000, emerge a *web 2.0*, conhecida como sendo a *web* social ou participativa (PAVEAU, 2021). A *web 2.0* é responsável por conectar as pessoas umas às outras em rede, ou seja, ela é caracterizada como sendo, nas palavras de Paveau (2021), a *web* das redes sociais e do compartilhamento multimidiático. No ano de 2010, aparece a *web 3.0*, caracterizada, de acordo com Paveau (2021), como sendo a *web* dos dados ou *web* semântica. Assim, *web 3.0* é a responsável por administrar e organizar os dados armazenados na *web*. Paveau (2021) alerta para uma emergência de criação de uma possível *web 4.0*, que é compreendida pela autora como a *web* inteligente ou *metaweb*, uma vez que “integraria uma dimensão conectada ao conjunto dos elementos do nosso ambiente de vida” (PAVEAU, 2021, p. 35). Pretendemos retomar os estudos da Paveau no capítulo seguinte, quando abordarmos sobre a Análise do Discurso Digital.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, o foco foi o estudo acerca da *web 2.0*, tendo em vista que, com seu advento, o internauta, cada vez mais passa a ter maior controle sobre os meios digitais, fazendo parte desse processo de uma maneira ativa, uma vez que, na primeira geração da *web*, não existia uma interação e/ou uma troca entre os internautas. A *web 2.0* possibilitou que os internautas criassem conteúdos como *blogs* e *websites*, por exemplo. Ela possibilita ainda um maior ativismo social, uma vez que potencializa o trabalho coletivo, a produção e a distribuição de informações conjuntas (PRIMO, 2007).

A *web 2.0* tem se mostrado uma parceira importante dos antigos e dos mais novos movimentos sociais, tendo em vista a facilidade de compartilhar informações e fazer denúncias, além de proporcionar um maior diálogo entre as pessoas. Isso cria uma rede de movimentos e/ou de pessoas que lutam por uma mesma causa, pois, segundo Roesler (2012,

p. 1), “com a *web 2.0*, o ciberespaço tornou-se um ambiente social acessível a todos, onde é possível selecionar e controlar as informações de acordo com as necessidades e interesses de cada grupo social.” Entendemos o ativismo digital como sendo, segundo Patrícia Margarida Farias Coelho e Marcos Rogério Martins Costa (2013), um movimento que surgiu a partir dos avanços tecnológicos e que busca combater os preconceitos e as desigualdades presentes na sociedade por meio da *internet*.

A *web* possibilita o associativismo, a partir do seu amplo alcance, pois, de acordo com Rafael Roesler (2012), a *internet* agrega uma enorme corrente de informações que circulam sem fronteira e limites. Conforme aponta Barbosa e Bernades (2018), a *internet* é, hoje, um importante instrumento de comunicação e de mobilização para os novos movimentos sociais. Entendemos que a *internet* é um dos maiores instrumentos de comunicação e de mobilização política, pois “quando se fala sobre o impacto da *internet* no processo democrático, parece unânime a ideia de que a grande rede cria cidadãos digitais ativos e participativos” (BARBOSA; BERNARDES, 2017, p. 6). Um dos motivos de a *internet* possibilitar que os cidadãos se tornem participativos politicamente é devido ao fácil manuseio das ferramentas disponibilizadas em rede, pois em uma mesma publicação postada *on-line* é reunido um conjunto de textos em resposta ao discurso primeiro. Além disso, no âmbito digital, fornece ferramentas para que o internauta possa expressar sua reação a determinada publicação postada. Esses mecanismos digitais fazem com que os tecnodiscursos proporcionem um novo modo de interação e de produção de sentido (PAVEAU, 2021).

Pensando na atual atuação dos movimentos sociais, é indispensável à utilização dos dispositivos eletrônicos, pois “com a incorporação da *internet* e das mídias nas rotinas sociais, as relações passaram a ser fundamentalmente mediadas por elas” (BARBOSA; BERNARDES, 2018, p. 10). Um dos motivos que favoreceu a popularização da *internet* foi a possibilidade de compartilhar experiências e opiniões de maneira rápida e acessível. Além disso, muitos pesquisadores da área acreditam que a *internet* é um lugar que as pessoas se sentem mais confortáveis para dialogar, tendo em vista a rede de comunidades que é criada a partir dela.

O fato de alguns movimentos sociais utilizarem a *internet* como modo de mobilização e/ou articulação não exclui a importância dos movimentos sociais que organizam seus atos nas ruas, fazendo manifestações, distribuindo panfletos etc. Ainda que a presente pesquisa destaque a importância do ativismo digital, é importante considerarmos, também, que a militância/ativismo ocorre principalmente fora das redes, uma vez que esses movimentos foram criados fora da *web*. Entretanto,

a ocupação de praças públicas como forma de resistência também tem sido uma de suas marcas. E contam com o poder da internet no que se refere à capacidade de divulgação da informação assim como a sua velocidade de transmissão (BARBOSA; BERNADES, 2018, p. 12).

A *internet* demonstra ser um importante instrumento para as mobilizações que ocorrem fora das plataformas digitais, tendo em vista seu alto número de usuários e a maneira como a informação é distribuída pelos internautas. É importante reforçar que os algoritmos são os responsáveis pela viralização dos conteúdos compartilhados *on-line*, ou seja, são feitos cálculos para que, segundo Paveau (2021), certas informações apareçam com mais frequência, em melhores lugares de visualização e serão mais espalhadas do que algumas outras informações. Além disso, Paveau (2021) alerta que os algoritmos são controlados por experientes pessoas da área da tecnologia e comunicação. Os ativistas digitais, além das reivindicações sociais, buscam combater os algoritmos para que suas informações e experiências cheguem ao maior número de pessoas possíveis.

Entendemos que o ativismo digital está preocupado com a luta por melhores condições de vida para aqueles que se encontram marginalizados na sociedade, tais como as mulheres, os negros, os indígenas, as pessoas LGBTQIA+, entre outros. Desse modo, é interessante a união entre as pessoas que se articulam por meio da *internet* e as pessoas que se organizam nas ruas fazendo manifestações e ocupações, pois os meios digitais podem auxiliar nas mobilizações que ocorrem na rua.

Em vista disso, para transmitir suas pautas, os movimentos sociais atuam em rede para facilitar o discernimento de suas reivindicações. Barbosa e Bernades (2018) alegam que o ciberespaço possibilitou que pessoas de todas as classes sociais passassem a ocupar lugares públicos, uma vez que

por meio das redes sociais digitais podem ser feitas campanhas, petições, *advocacy* de diversas causas, lobbies de pressão para a aprovação ou rejeição de leis, disseminação de informação sobre fatos de interesse político sob diversas versões, além de criação de grupos políticos diversos (DESLANDES, 2018, p. 3133).

Desse modo, os ativistas digitais são capazes de desempenhar um importante papel na sociedade de transformadores sociais. É a partir desta concepção acima que Barbosa e Bernades (2018) definem o ciberativismo como sendo a integração da *internet* nas pautas dos movimentos sociais. A *web*, nesta perspectiva, auxilia na distribuição das informações e

exigências, além fornecer meios para a criação de espaços para discussão e troca informações. Cabe destacar que, seguindo os estudos de Castells (2013), esse novo modo de se articular possui, de acordo com Barbosa e Bernades (2018), duas características partilhadas, a saber: as locais e as globais. A primeira, segundo as autoras, são locais, pois possuem um contexto de luta específico. Já as globais dizem respeito ao fato de os ativistas digitais estarem conectados com pessoas ao redor do globo, seja transmitindo ou recebendo mensagens.

Assim, fica evidente que a *internet* auxilia o desenvolvimento do senso crítico de grande parte dos internautas, devido à troca recíproca que ocorre na *web*, pois

é certo que a internet rompeu com o modelo de comunicação unidirecional de comunicação. Sua tecnologia em rede permite a interação entre os mais diversos usuários, que também produzem informação, participam e criam espaços de debate (BARBOSA; BERNADES, 2018, p. 14).

Essa articulação em rede permite que os ativistas estejam em contato com as reivindicações de outros ativistas e/ou movimentos sociais. Esse movimento em rede cria uma teia de atores sociais que lutam por uma maior igualdade de raça, gênero, entre outras pautas. Segundo Machado (2012), as pautas das pessoas que se relacionam através de uma rede são diversas. Os indivíduos estão gradativamente lutando por questões culturais e valores diferentes, mas que, de certa maneira, dialogam entre si. Assim, essas lutas estão diretamente ligadas à construção de uma coletividade, além de auxiliar na construção de sujeitos sociais.

Na atualidade, a *internet* aparece como uma concorrente das grandes mídias, como a televisão e as rádios. No caso da televisão e do rádio, embora seja possível escolher o canal e em qual rádio sintonizar, os usuários não conseguem ter controle sobre o que será transmitido. Os consumidores estarão mais sujeitos às influências ideológicas das grandes mídias, uma vez que

muito mais óbvios e consequentes são os padrões de acesso à mídia de massa: quem tem acesso preferencial aos jornalistas, quem será entrevistado, citado e descrito nas reportagens jornalísticas, e de quem serão as opiniões capazes de influenciar o público. Ou seja, através do acesso à mídia de massa, os grupos dominantes também podem ter acesso e, consequentemente, controle parcial sobre o público em geral (VAN DIJK, 2008, p. 90).

É a partir desta perspectiva que a *internet* se constitui como um meio de comunicação onde os usuários possuem uma maior autonomia sobre o conteúdo a ser consumido, além das

postagens a serem visualizadas e compartilhadas. A *internet* possibilita que as pessoas se mobilizem contra a ideologia de massa que é propagada na televisão e no rádio, tendo em vista que “o acesso das minorias às mídias de massa é uma condição crucial para sua participação na definição pública de sua situação” (VAN DIJK, 2008, p. 98).

Conforme apontado por Van Dijk (2008), pensando na atualidade, a *internet* concedeu para a população marginalizada um acesso ao discurso. A possibilidade que o internauta tem de ter o direito de postar seus desejos, indignações, entre outras possibilidades, faz com que a *internet* seja vista, aparentemente, como “solidária”. Existe um embate, na *web*, entre os internautas que propagam a ideologia de massa compartilhada pelas grandes mídias de um lado e esses sujeitos marginalizados e/ou pessoas que são a favor da causa do outro, que buscam desconstruir essa ideologia que, muitas vezes, mostra-se ser homofóbica, machista, racista e xenofóbica. O ativismo digital, com o tempo, foi ganhando uma maior visibilidade e apoio por parte da população, tendo em vista que grande parte das pessoas não se envolvia com movimentos sociais fora da rede. Em relação ao crescimento do ativismo digital nas redes sociais, Coelho e Costa (2013, p. 10) destacam que notaram esse crescimento a partir dos números de *tweets*, *retweets*, *likes* e *posts* nas redes sociais. Esses tecnogêneros servem para exemplificar que apenas com um clique as pessoas podem passar informações, responder, reclamar e fazer denúncias.

Os ativistas perceberam o ciberespaço como uma importante ferramenta para lutarem por melhorias e fazerem reivindicações, pois “neste sentido, quando se fala sobre o impacto da internet no processo democrático, parece unânime a ideia de que a grande rede cria cidadãos digitais ativos e participativos” (BARBOSA; BERNADES, 2018, p. 14). O ciberespaço permite que os ativistas que possuem causas parecidas formem uma rede de associativismo; em outras palavras, os internautas se juntam em prol de uma causa. Entretanto, acontece que nem toda a população brasileira tem acesso à *internet* e aos novos dispositivos móveis. No Brasil, “32% dos brasileiros, especialmente os mais pobres, ainda não têm acesso à *internet*” (DESLANDES, 2018, p. 3134). Devido ao fato de nem todos os brasileiros terem o acesso à *internet*, faz-se necessário que os ativistas digitais sejam responsáveis por levarem a demanda dessa população para as redes, além de reivindicarem políticas públicas que forneçam acesso à *internet* para essa parte da população.

Portanto, para Coelho e Costa (2013, p. 12), o ciberespaço, por meio de suas ferramentas interativas, é uma plataforma fundamental para os movimentos sociais do século XXI. A *internet* impulsiona as lutas e os debates por conta do seu amplo alcance, fazendo

com que um maior número de pessoas participe das causas defendidas pelos movimentos sociais. As problemáticas levantadas pelos ativistas são de grande importância para grande parte da população de uma sociedade. Assim, o ciberespaço desenvolve um ambiente com pessoas mais conscientes e sensibilizadas pela causa, e isso ocorre na medida em que os internautas compartilham as causas pautadas pelos ativistas.

É nítido perceber que a *internet*, na atualidade, segundo Castells (2003), é o tecido de grande parte da vida humana. Alguns estudiosos da área comparam a criação da *internet* com a invenção da rede elétrica e do motor elétrico, tendo em vista que essas duas últimas invenções foram capazes de transformar todo o mundo. Um dos principais motivos que faz a *internet* ser tão importante é a sua capacidade de distribuir informações por todo campo da atividade humana. Assim, a *internet* é, hoje, um dos pilares desta nova era da comunicação. Ainda de acordo com Castells (2003, p. 7), “a *internet* passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede.” Compreendemos a rede como sendo, seguindo os conceitos de Castells (2003), um conjunto de nós conectados. Essa concepção de rede, segundo o autor, seria uma prática humana bastante antiga, mas que, atualmente, foi atualizada devido à criação da *internet*.

A rede fornece à sociedade, ferramentas organizacionais que nos auxiliam na adequação ao ambiente em que estamos inseridos, fazendo com que sejamos capazes de prosperar e sobreviver às mudanças a que estamos sujeitos (CASTELLS, 2003). Além disso, a noção de rede começa a ganhar forma após o surgimento da *internet*. As redes sociais que são estabelecidas entre as pessoas são importantes ferramentas de organização política, uma vez que

a introdução da informação e das tecnologias de comunicação baseadas no computador, e particularmente a Internet, permite às redes exercer sua flexibilidade e adaptabilidade, e afirmar assim sua natureza revolucionária (CASTELLS, 2003, p. 8).

A utilização das redes de computadores, segundo Castells (2021, p. 62), tem crescido cada vez mais nos últimos anos, criando, assim, novos meios de comunicação e, conseqüentemente, influenciando as vidas das pessoas. O autor compreende que as novas tecnologias surgidas no século XXI são ampliações da mente humana.

As novas tecnologias não definem, de fato, a vida de um sujeito. Porém, a tecnologia faz parte da sociedade, do mesmo modo que a sociedade utiliza e se integra a essas novas tecnologias, o que leva diretamente, segundo Castells (2021), a um dilema, tendo em vista que uma sociedade não pode ser retratada sem seus aparatos tecnológicos. O autor aponta que a capacidade, ou a incapacidade, de controle de uma nação, em relação à utilização das novas tecnologias, pode ser decisiva na evolução histórica de uma sociedade.

Assim, “as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais” (CASTELLS, 2021, p. 77). Buscamos, durante o desenvolvimento da pesquisa, estudar a *internet* a partir destes conjuntos de comunidades virtuais criadas, visto que é a partir desta coletividade que os movimentos sociais negros passaram a se apropriar das novas tecnologias com o intuito de educar a população quando o assunto é questão racial, pois

assistimos, nas redes sociais, uma profusão de páginas pessoais, de figuras públicas e de grupos juvenis, publicadas por pessoas negras que escrevem sobre a experiência de ser negro, denunciam o racismo, transmitem informações, dão dicas de beleza e cuidados com a pele e o cabelo crespo. Discussões como apropriação cultural, colorismo, racismo, ações afirmativas são realizadas na vida on-line e off-line de maneira crítica, política e posicionada pelos sujeitos negros (GOMES, 2021, p. 70).

Os ativistas negros, na busca por uma emancipação da colonização, passam a criar uma rede de resistência e conhecimento que auxilia no combate às mais diversas formas de discriminações sofridas pela população negra.

O debate e a polêmica se acirraram ainda mais nos últimos anos no contexto brasileiro, principalmente em temas populares como a discriminação racial, a religião, a política, entre outros. Estes assuntos causam discórdia e refutações quando duas pessoas possuem opiniões contrárias. Com o avanço da tecnologia e a criação das redes sociais, as pessoas tendem a debater mais, tendo em vista que elas se sentem mais seguras atrás da tela de um computador e/ou celular. Ruth Amossy (2017), em seu livro *Apologia da Polêmica*, questiona o porquê de a polêmica ser vista como algo tão negativo.

Qual seria o motivo de ela ser tão popular e estar constantemente presente nos espaços públicos? A atual sociedade se diverte com as polêmicas apresentadas nos meios sociais de comunicação, mesmo que elas não nos façam refletir. A polêmica é gerada a partir de um

desacordo durante um debate e, quando isso ocorre, o orador busca agredir verbalmente a imagem pessoal da pessoa com a qual está debatendo (AMOSSY, 2017). A principal maneira para não gerar uma polêmica, segundo Amossy (2017), é permanecer neutro frente a algum assunto, ou seja, não tomar um partido.

O termo polêmica é oriundo do grego *polemikos*, que possui relação com guerra e ao ato de combater. Amossy (2017) compreende que a polêmica tem relações com uma guerra de palavras, ou seja, vencer o oponente por meio do diálogo. Este termo está ligado, também, aos debates que ocorrem nas redes sociais, onde o internauta utiliza argumentos para atacar diretamente pessoas ou grupos. A polêmica é ligada a um interesse coletivo para que ela não passe apenas de uma simples discussão e um combate particular entre duas pessoas, uma vez que

a polêmica é, portanto, um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa dada cultura (AMOSSY, 2017, p. 49).

Para o analista do discurso, assim como para o sociólogo e para o historiador, a polêmica é cheia de ensinamentos sobre os pensamentos da sociedade na época na qual o discurso está inserido. A polêmica trata de um debate atual que é de interesse coletivo (AMOSSY, 2017).

A polêmica não é pautada apenas na violência verbal, mas sim no conflito, isto é, em opiniões contraditórias. Não é em toda situação de conflito que ocorre a polêmica, mas ela surge a partir do conflito. Ela é colocada à mostra quando, segundo Amossy (2017), o outro é impedido de expor livremente seu ponto vista; o polemista ataca a própria imagem da pessoa (argumento *ad hominem*); a violência verbal está ligada ao *pathos*, pois a agressão surge com reações pautadas nas emoções do orador. Todos esses exemplos destacados são comuns de serem percebidos na atualidade, em razão de que circulam nos meios sociais violências verbais contra o público LGBTQIA+, a população negra, as mulheres, os indígenas, entre outros. A *internet* acabou se tornando um palco para a polêmica, pois é possível se deparar com debates polêmicos em redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

Como abordamos, o principal meio dos movimentos sociais atingirem o seu objetivo é por meio do diálogo, ou seja, do discurso. Assim, para compreender o modo como os

discursos funcionam no âmbito da *web 2.0*, buscamos trabalhar com algumas vertentes e conceitos da Análise do Discurso.

2 A ANÁLISE DO DISCURSO E SUAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A Análise do Discurso (AD) é um ramo da Linguística que busca compreender o funcionamento e as intenções do discurso. A AD é uma disciplina recente que surge no final da década de 1960, tendo Michel Pêcheux como um de seus fundadores. Charaudeau e Maingueneau (2020) relatam a dificuldade de traçar um percurso histórico acerca da criação da disciplina, pois a AD é uma renovação de estudos filosóficos, hermenêuticos e retóricos. Para Emediato (2020, p.24),

a primeira geração de analistas do discurso é a da escola de Michel Pêcheux, fundadora da análise do discurso na França a partir dos anos 1960. [...] De base marxista-althusseriana a proposta de Pêcheux (1975) está comprometida com o a priori de uma teoria da organização social, econômica e política, sendo indissociável da problemática da luta de classes.

A AD francesa está preocupada em explicar e/ou compreender o funcionamento da sociedade a partir dos discursos e das concepções ideológicas dos indivíduos. Além disso, é de interesse da AD desenvolver um estudo e/ou análises que ultrapassem a estrutura gramatical de uma determinada língua, em outras palavras, os estudos do discurso buscam relacionar o texto ao contexto pelo qual o discurso está inserido. Os estudos discursivos prezam pelo estudo da língua em situações reais de uso, tendo em vista que “a análise do discurso aparece como a disciplina que estuda a linguagem como atividade ancorada em um contexto e que produz unidades transfrásticas” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2020, p. 44).

Um analista do discurso, ao relatar sobre seu objeto de estudo, não está tratando da linguagem e/ou da língua, e sim do discurso. Maingueneau (2004) concebe o discurso como sendo qualquer utilização que é feita da língua por parte dos oradores. Para o autor, o discurso pode ser dividido em diversas características. Por exemplo, o discurso é estruturado por elementos que vão além do texto, ou seja, é orientado a partir de regras e contextos sociais específicos. A partir do momento que o locutor assume a fala, o discurso é direcionado a um determinado público, assim, é construído com uma finalidade específica. A noção de discurso modificou a maneira como os estudiosos da área imaginam a linguagem, tendo em vista a expansão que o conceito proporcionou para os estudos das Ciências da Linguagem.

Frases como “pare”, encontradas em placas de trânsito, e a frase “proibido fumar”, geralmente escrita em formato de cartazes pendurados em locais fechados, são discursos, tendo em vista que ambas formam uma unidade de sentido de acordo com o contexto no qual estão sendo inseridas. Entretanto, as mesmas frases empregadas fora de contexto, ou seja, fora de uma situação comunicacional de uso, não interessam para a análise do discurso, pois

em uma linguística do discurso, uma categoria como “frase” não diz nada sobre o funcionamento da linguagem em situação de comunicação, limitando-se a um objeto abstrato da linguística da língua, cujo objetivo é o da classificação de elementos formais ou o estudo das relações entre eles fora de contexto (EMEDIATO, 2020, p. 21).

A análise do discurso não deixa de lado as características sintáticas e morfológicas do discurso, ou seja, as regras gramaticais que regem uma determinada língua. Porém, essas características são estudadas pelos analistas tendo como base um dado contexto em uma situação de comunicação.

Patrick Charaudeau (2015) ressalta que é através do discurso e/ou da linguagem que as pessoas são capazes de se relacionar, e de fazer com que os objetos e as coisas do mundo ganhem significados. É a partir do discurso que os valores sociais são instituídos, ou seja, a linguagem nos auxilia na construção de nossas próprias identidades e, também, pensando de uma maneira coletiva, em nossa identidade cultural. Charaudeau (2015) é responsável por desenvolver um estudo acerca da relação entre discurso e identidade, tendo em vista que somos seres sociais inseridos em uma sociedade. Grande parte das ações realizadas pelas pessoas, seja ela positiva ou negativa, é pensada, segundo Charaudeau (2015), a partir de uma coletividade, uma vez que

para viver bem em sociedade, o indivíduo é levado a elaborar com outros membros do grupo normas de comportamento social e a respeitar, sem as quais não haveria senão anarquia incontrolável. Por mais selvagem que sejamos, vivemos em sociedade, isto é, em relação com os outros (CHARAUDEAU, 2015, p. 15).

A reflexão acima demonstra que, além das ações serem pensadas em relação a outrem, as pessoas estão, a todo tempo, vivendo sob leis e regras, que fazem com que a vida em sociedade, a priori, seja vista de um modo justo e satisfatório. Entretanto, embora as leis e regras tenham mudado e evoluído com o passar dos anos, alguns fatos históricos ilustram o

contrário, por exemplo, analisar os processos de colonização que ocorreram no final do século XV e foram até o início do século XIX. Esses ocorridos demonstram que as ideologias são capazes de orientar o modo de perceber o mundo e, conseqüente, as leis e as regras. Em relação à questão da identidade, pelo fato de vivermos em sociedade, estamos o tempo todo sendo etiquetados pelos outros, ou seja, acabamos sendo a imagem e/ou *ethos* prévio que são construídos em cima de nossas pessoas. Assim,

nossas vestimentas, nossa maquiagem, nosso penteado, nossa linguagem, nosso andar, e mesmo o que nos é mais inerente, como sexo e a idade, tudo isso atesta nosso pertencimento a uma categoria de indivíduos, o que permite aos outros classificar-nos nesta ou naquela categoria (CHARAUDEAU, 2015, p. 15).

Em relação ao *ethos* pré-discursivo, a população negra sofre diversos tipos de discriminações por ter sua imagem, na maioria das vezes, associada a algo negativo diante da sociedade.

Por conseguinte, autores como Bakhtin, Benveniste e Volóchinov são responsáveis por desenvolverem uma teoria do discurso tendo o sujeito como o centro da teoria. A dimensão enunciativa do discurso compreende que as enunciações, em sua maioria, estabelecem uma relação entre um “eu”, que assume o papel de locutor, e a um “tu”, que passa a ser o interlocutor. O linguista francês Émile Benveniste (1989) é um dos responsáveis por desenvolver esse postulado, pois, para o autor, o sujeito se apropria do aparelho formal da língua para poder criar enunciados/discursos. Benveniste (1989) entende o aparelho formal da enunciação como sendo um dispositivo que ordena e organiza a língua, além de determinar as condições de uso.

Benveniste (1989), diferentemente de Saussure, é um dos responsáveis por ter dado lugar ao sujeito em uma teoria linguística, pois Saussure se preocupa em estudar a língua no lugar da fala, excluindo, assim, o sujeito de sua teoria. Sobre a noção de sujeito, é importante destacar que as pessoas apenas se constituem como sujeitos a partir do contraste em relação a um “tu”. Além disso, pensando sobre a enunciação, conforme Benveniste (1989), o presente é a origem do tempo, assim, a enunciação/discurso existe apenas no tempo presente. É a partir do tempo presente que as pessoas são capazes de dizerem o que foi o passado, e construir o que vai vir a ser o futuro.

Para Volóchinov (2018) e os estudiosos do círculo de Bakhtin, a enunciação estabelece um contato entre dois – ou mais – indivíduos em uma determinada situação de comunicação. Volóchinov (2018, p. 204) destaca que “na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence.” A dimensão enunciativa do discurso é importante, pois ela estabelece essa ligação entre o orador e o seu ouvinte e/ou auditório, além de permitir que o *ethos* (imagem) do orador possa ser construído a partir do ponto de vista de outro sujeito.

Volóchinov (2018) aponta que o diálogo *tête-à-tête* é apenas uma das muitas formas de uma interação discursiva. Pensando no *corpus* da presente pesquisa, que utiliza discursos produzidos *on-line*, pretendemos ampliar, assim como Volóchinov (2018), a noção de interação discursiva, tendo em vista que “o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219). Assim, os discursos antirracistas produzidos e postados pelos ativistas digitais são orientados por discursos anteriores e são destinados a um auditório. Para os estudiosos do Círculo de Bakhtin, é difícil conceber um discurso proferido como sendo a origem e/ou o primeiro, pois, de acordo com Volóchinov (2018), todo discurso é orientado e moldado por discursos anteriores.

Assim, pensando no caso dos discursos antirracistas, é possível sugerir que os discursos construídos hoje pelos movimentos sociais negros são influenciados, de uma maneira implícita, pelos discursos antirracistas do século passado. Conforme aponta Amossy (2011), a dimensão argumentativa do discurso é responsável por não apenas analisar como a argumentação se inscreve no discurso a partir de dados linguísticos, mas, também, por analisar a maneira como um discurso é retomado, a maneira como ele é refutado, e o modo como ele é modificado.

2.1 ANÁLISE DO DISCURSO E AS TEORIAS DA ARGUMENTAÇÃO

Como destacado anteriormente, as teorias da AD buscam compreender os funcionamentos e os objetivos dos discursos. Em vista disso, partindo do pressuposto que os discursos buscam persuadir a outrem, estamos adentrando em uma dimensão argumentativa do discurso. Esse pensamento foi elaborado por Ruth Amossy (2011), uma vez que a autora afirma que a argumentação deveria ser estudada dentro do quadro da análise do discurso, pois,

segundo ela, “na medida em que a Análise do Discurso (AD) espera descrever o funcionamento do discurso em situação, ela não pode negligenciar a sua dimensão argumentativa” (AMOSSY, 2011, p. 129).

O estudo da argumentação, segundo Plantin (2009), é a união entre disciplinas clássicas, sendo elas a Retórica, a Lógica e a Dialética. Chaim Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca e Stephen Toulmin foram os responsáveis por retomarem os estudos argumentativos no século XX, tendo em vista que os estudos retóricos foram caindo em declínio com o passar dos anos. A argumentação, com base nos estudos retóricos, é o estudo das técnicas discursivas que auxiliam na persuasão do orador frente a um auditório. Para Plantin (2009, p. 15),

argumentar é ligar proposições, constituir um discurso coerente, baseado num elemento considerado como *evidente* e dele fazer derivar uma proposição segunda *menos segura*. É apoiar uma afirmação – a conclusão – sobre uma boa razão – o argumento.

Desse modo, a argumentação está diretamente ligada a questões sociais, pois ela ocorre a partir do contato entre dois agentes que versam sobre um assunto em comum. A argumentação posta em uma situação de comunicação não é dada, mas colocada em disputa, tendo em vista que ela tende a qualificar um determinado acontecimento. O orador necessita apresentar provas (*logos*) convincentes para defender o seu ponto de vista, e é exatamente este ato que constitui, segundo Plantin (2009), o que vem a ser argumentação.

Em vista disso, a argumentação coloca os discursos em uma espécie de confronto, pois surge a partir do embate e da polêmica, onde temos dois discursos que, no final, não concluem de um mesmo modo e, conseqüentemente, entram em conflito. Para Plantin (2009), um orador apenas aprende a argumentar quando é capaz de fazer críticas construtivas de seus argumentos e dos outros. Assim, o orador precisa ter consciência e conhecimento sobre aquilo que fala, além de demonstrar aptidão ao lidar com a opinião alheia.

Por outro lado, Ruth Amossy (2011) faz uma separação entre a intenção e a dimensão argumentativa do discurso. No primeiro caso, compreendemos que há uma intenção argumentativa quando o orador deixa explícitas suas motivações, além das estratégias de persuasão. Além disso, Amossy (2011) acrescenta algumas modalidades na intenção argumentativa, sendo elas a modalidade demonstrativa, a modalidade negociada e a modalidade polêmica. Optamos por não entrar em detalhes sobre a intenção argumentativa, pois o foco da pesquisa é a dimensão argumentativa do discurso, uma vez que essa abordagem

diz respeito aos discursos que, em um primeiro momento, aparentam ser neutros. Desse modo, com base nos estudos propostos por Ruth Amossy (2011), o essencial em uma análise é investigar o modo como esses discursos, que aparentemente não buscam persuadir, acabam influenciando e/ou entrando em conflito com o auditório.

Amossy (2011) aponta que nem todo discurso é necessariamente argumentativo, tendo em vista que alguns não têm como objetivo triunfar uma tese, como ocorre com os textos literários, por exemplo. Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, no livro *Tratado da Argumentação: a nova retórica* (1958), definem a argumentação como as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que são apresentadas. O discurso, ainda que não busque modificar a concepção do interlocutor sobre determinado assunto, pode auxiliar para reforçar as crenças e os valores acerca de um tópico, “passa-se, então a uma concepção mais larga de argumentação, entendida como a tentativa de modificar, de reorientar, ou, mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas por parte do alocutário” (AMOSSY, 2011, p. 130).

Amossy (2011) busca ampliar a concepção elaborada pelos autores ao considerar que a argumentação, além de fazer o auditório aderir a uma tese, modifica os modos de até mesmo sentir (*pathos*). Não apenas para alterar os modos de sentir, mas a argumentação pode servir, também, para reforçar as crenças e as emoções do auditório frente a alguma temática. A argumentação, nesse sentido, pode ser entendida como sinônimo de retórica, ou seja, como a arte de persuadir. Durante o desenvolvimento da pesquisa, concebemos a dimensão argumentativa do discurso como sendo, segundo Amossy (2011), toda fala que possui objetivo por trás, sendo ele explícito ou não, tendo em vista que esta abordagem permite, para nós pesquisadores, debruçar-nos sobre os mais variados tipos de discursos que circulam na sociedade. A argumentação somente surge, de acordo com Amossy (2011), a partir do conflito e/ou discordância, ou seja, o discurso argumentativo acontece apenas quando existem dois pontos de vistas diferentes para uma determinada situação.

Não necessariamente é preciso haver uma situação de conflito explícita para falarmos sobre discurso argumentativo. Por exemplo, um ativista digital negro, ao postar um texto sobre racismo na *web*, está indo contra certa ideologia racista compartilhada por um determinado tipo de grupo na *internet*. Ruth Amossy (2011, p. 131) considera que

o discurso em situação comporta em si mesmo uma tentativa de fazer ver as coisas de uma determinada maneira e agir sobre o outro. A posição contrária não precisa

ser apresentada na íntegra, na medida em que a palavra é sempre uma resposta à palavra do outro, uma reação ao dito anterior.

Seguindo os estudos de enunciação propostos por Benveniste (1958), a dimensão argumentativa do discurso é responsável por estabelecer a relação entre um locutor, aquele que fala, e um alocutário, para quem o discurso se dirige. A relação entre locutor e alocutário, em uma situação de comunicação, é recíproca. Por exemplo, um professor, ao dar uma aula, assume o papel de locutor e os alunos o papel de alocutário, mas o professor, ao ser interpelado por um aluno, assume o papel de alocutário, ocorrendo, assim, uma inversão de papéis. Para Nerci D'Ávila (2004, p. 153) “essa condição de diálogo, constitutiva da pessoa, implica reciprocidade: locutor e alocutário revezam-se na manifestação da linguagem.” Dessa forma, ao pensarmos que o discurso é interativo, não é possível conceber o alocutário como um ser passivo, pois, segundo Maingueneau (2004), a enunciação/discurso não caminha em um sentido único.

Como destacado anteriormente, Amossy (2011) concebe a dimensão argumentativa como sinônimo de retórica, mas é difícil discutir retórica sem citar Aristóteles, uma vez que ela é uma das disciplinas mais antigas da humanidade. Os pensamentos do filósofo grego são mais conhecidos, em razão de que sua obra perpassou séculos, diferente dos escritos sofistas que não, sobreviveram com o passar dos anos. Para Aristóteles, a retórica seria a segunda face da dialética, em razão de que ambas fazem parte de um conhecimento comum e não fazem parte de nenhuma ciência específica. Aristóteles define a retórica como “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (ARISTÓTELES, 2005, p. 7). Aristóteles entende que a retórica está a serviço da filosofia e não de um procedimento utilitário, no sentido de se dar bem em situações cotidianas através do uso da palavra. Pelo contrário, a retórica seria a arte de descobrir, mediante especulação filosófica, o que seria mais persuasivo ou verossímil em cada contexto específico da vida pública, em função da finalidade de cada gênero – judiciário, deliberativo e epidíctico –, da finalidade do discurso e das diferentes disposições dos ouvintes.

No Livro I da Retórica, Aristóteles (2019) apresenta os três gêneros da retórica, que são o deliberativo, o judiciário e o epidíctico. Eles se diferenciam entre si devido as especificidades de cada gênero, pois cada um possui um tempo, procedimentos discursivos e fins diferentes. Segundo Aristóteles (2019), existem três gêneros porque temos três tipos de auditórios. O tempo no gênero deliberativo é o futuro, porque ele é responsável por aconselhar sobre eventos que estão por vir, e seu fim é julgar o útil e o inútil, o conveniente

ou o prejudicial e está ligado a um coletivo, aconselhando interesses da sociedade em geral. No gênero judiciário, o tempo é o passado, uma vez que quem defende ou acusa está se referindo a algum acontecimento acabado e o valor para o gênero judiciário é julgar o justo e o injusto. No gênero epidíctico, o tempo principal é o presente, ainda que algumas vezes possa ter quem argumente sobre um passado e projete um futuro. O gênero epidíctico é o responsável pela censura e o elogio, sendo o mesmo quem o que seria vir a ser o belo e feio. O gênero epidíctico é responsável por perpetuar o preconceito e os discursos de ódio, através da censura.

Os tratados de argumentação utilizam das categorias de raciocínio de Aristóteles para descrever o funcionamento do discurso. As principais categorias do raciocínio são, segundo o filósofo grego, o entimema e o exemplo. O primeiro, segundo Aristóteles, é um raciocínio lógico dedutivo formado por premissas que ao final se chega a uma conclusão, tal como: todo homem é mortal (premissa maior), Sócrates é um homem (premissa menor), logo, Sócrates é mortal (conclusão). Já o exemplo, para Aristóteles, é um raciocínio indutivo que parte de uma premissa particular até chegar a uma premissa geral, por exemplo: a *Afropress* busca empoderamento do sujeito negro e denunciar casos de racismo (premissa menor), *Afropress* é um movimento social negro (premissa maior), logo, todos os movimentos sociais negros buscam empoderamento do sujeito negro e denunciar casos de racismo (conclusão). Conforme Amossy (2011), cabe ao analista examinar a maneira como a argumentação se inscreve no discurso, além de observarem as estratégias utilizadas pelo orador e os esquemas utilizados para atingir a persuasão.

A dimensão argumentativa, também, coloca em jogo outras estratégias persuasivas além do entimema e do exemplo, sendo elas o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Aristóteles, no decorrer do Livro I, apresenta as provas de persuasão, que são o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. A razão de abordar esses três meios é que os argumentos persuasivos se dão por três vias, sendo elas: 1º) alguns são persuadidos pela personalidade de quem fala; 2º) alguns por meio do estado emocional sentido pelo ouvinte; e 3º) outros, pelo que o discurso demonstra, ou aparenta demonstrar. Na persuasão, por meio do *ethos*, o orador projeta uma boa imagem de si para o seu público, em razão de que é comum acreditarmos em um orador que passa a impressão de ser sério, digno, honrado etc.; já na persuasão por meio do *pathos*, o orador leva seu público a sentir emoções. A última forma de persuasão é o *logos*, que utiliza um discurso mais técnico e lógico. Nesse caso, o discurso apresenta uma verdade ou uma verdade

aparente, que corresponde à ideia da verossimilhança. O *logos* se manifesta por duas operações lógicas exemplificadas anteriormente, sendo o entimema e o exemplo.

Ruth Amossy (2018), baseando-se na *Retórica* de Aristóteles e no *Tratado da Argumentação: a nova retórica*, adota os conceitos de *ethos*, *pathos* e *logos* herdados da retórica antiga. O locutor também deve se preocupar com a imagem que deseja passar para os seus ouvintes, ou seja, o seu caráter é traçado com base no discurso proferido para determinado auditório. Para Ruth Amossy (2018, p. 79), “a importância atribuída à pessoa do orador na argumentação é ponto essencial nas retóricas antigas, que chamam *ethos* à imagem que o orador constrói de si em seu discurso, com o objetivo de contribuir para a eficácia de seu dizer.” Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si, entretanto, não é necessário que o orador, ao fazer isso, faça uma autodescrição de sua pessoa, pois, é com base em seu discurso, a partir de suas crenças, seus conhecimentos e de sua competência linguística, que o orador vai construir sua imagem.

A autora amplia a noção de *ethos*, tendo em vista que, em seu livro *A Argumentação no discurso* (2018), ela apresenta o termo *ethos* prévio e/ou pré-discursivo. Para Amossy (2018), a imagem elaborada pelo locutor é baseada em dados preexistentes, ou seja, antes mesmo que ele tome a palavra, o locutor já tem uma imagem prévia de sua posição. Ademais, a autora busca renovar a concepção de *ethos* ao afirmar que,

do ponto de vista moderno que não dá aos dominados acesso à palavra senão alienando o seu direito à diferença. Como posso assumir, por minha conta, um *ethos*, uma “personagem” que não corresponde ao meu “eu”, que deforma e nega sob a capa da universalidade o que eu sou – mulher, árabe, negro, colonizado etc.? (AMOSSY, 2018, p. 102).

Assim, mais que pensar no *ethos* que pretendem construir com base em seus discursos, os movimentos sociais negros necessitam combater as imagens prévias que são construídas em torno de seus *ethos*.

Em vista disso, compreendemos que a argumentação, segundo Amossy (2011), é construída a partir do corpo da língua e de sua utilização. Entretanto, a língua é apenas um dos recursos necessários para que a argumentação ocorra, uma vez que a troca é feita entre dois indivíduos buscando influenciar um ao outro. Após o estudo de Aristóteles sobre retórica, ela foi caindo em desprestígio e passa, então, a ser retomada no século XIX, com alguns autores como Nietzsche, no livro *Escritos sobre Retórica*. Porém, o retorno da retórica acontece com

Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, no livro *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica* (1958). Na obra, os autores trabalham com a noção de argumentação, de auditório etc., além de resgatarem alguns conceitos aristotélicos de retórica, apresentando também uma releitura sobre a arte da oratória. Muitos são os autores dentro das Ciências da Linguagem que buscam estudar a argumentação, entretanto, as visões acerca da argumentação tendem a variar de acordo com o autor.

Opostos de Aristóteles, que se preocupava mais com o discurso oral, Perelman e Olbrechts-Tyteca não se limitam à oralidade e dão destaque também a textos impressos, em razão de que todo discurso se dirige a um auditório. Enquanto o discurso é concebido em função direta do auditório, a ausência material de leitores pode levar o escritor a crer que está sozinho no mundo, conquanto, na verdade, seu texto seja sempre condicionado, consciente ou inconscientemente, por aqueles a quem se dirige.

Desse modo, na presente pesquisa, adotamos o conceito de argumentação abordado por Perelman e Olbrechts-Tyteca, e ampliado por Ruth Amossy em artigo publicado no ano de 2011. Assim, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020) entendem a argumentação como as estratégias discursivas que um orador utiliza para aumentar e/ou provocar a adesão dos espíritos às teses que estão ao seu assentimento. Além disso, pretendemos inserir esses conceitos em uma análise do discurso digital, mas, para introduzir essas concepções para a contemporaneidade, é necessário ampliar determinadas noções. Pensando no ativismo digital, é importante que esses movimentos sociais contemporâneos, que se articulem por meio da *internet* leve em consideração, seu público, ou seja, seu auditório.

Ao definir o conceito de argumentação, com base em Perelman e Olbrechts-Tyteca e Amossy, adentramos em outro termo importante quando se trata de argumentação, a saber: a noção de auditório. Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020, p. 23),

[...] em matéria de retórica, parece-nos preferível definir o auditório como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. Cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos.

Cabe destacar que o auditório é sempre uma construção do orador, em outras palavras, o orador necessita pensar quais são aqueles cuja adesão ele pretende conquistar ao discursar e, a partir disso, construir seu auditório. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020) dividem os

auditórios em universal, heterogêneo, particular, de elite, entre outros. A priori, cabe destacar que as noções de auditório relevantes para o presente projeto de pesquisa são o auditório universal e o heterogêneo, embora as outras concepções possam servir também para a pesquisa. O auditório universal é constituído por todas as pessoas de uma dada comunidade, em outras palavras, ele é composto com base nas crenças e valores de uma sociedade. Além disso, como bem destaca Ruth Amossy (2018), podemos entender o auditório universal como sendo aquele composto por todos os seres de razão. Em vista disso,

o auditório universal é constituído por cada qual a partir do que sabe de seus semelhantes, de modo, a transcender as poucas oposições de que tem consciência. Assim, cada cultura, cada indivíduo tem sua própria concepção do auditório universal, e o estudo dessas variações seria muito instrutivo, no decorrer da história, real, verdadeiro e objetivamente válido (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2020, p. 57).

Já o auditório heterogêneo e/ou compósito é formado por pessoas que possuem visões de mundo distintas. Desse modo, um orador, ao estar diante de um auditório heterogêneo, necessita construir argumentos múltiplos que contemplem grande parte do auditório, uma vez que

é muito comum acontecer que orador tenha de persuadir um auditório heterogêneo, reunindo pessoas diferenciadas pelo caráter, vínculos ou funções. Ele deverá utilizar argumentos múltiplos para conquistar os diversos elementos de seu auditório. É a arte de levar em conta, na argumentação, esse auditório heterogêneo que caracteriza o grande orador (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2020, p. 24).

O orador, ao planejar seu discurso, geralmente já tem em mente de maneira consciente qual público pretende atingir. Assim, um movimento social, ao se articular por meio da *internet*, necessita levar em consideração seu alvo, tendo em vista que a *internet* é composta por um auditório heterogêneo, ou seja, nas palavras de Ruth Amossy (2018), um auditório compósito. Em vista disso, o orador, ao tomar a palavra, primeiramente busca se adaptar a seu auditório, deduzindo o ponto de vista que seus ouvintes têm do mundo.

Entretanto, conforme apontado por Sousa (2005, p. 47), “obviamente, não se compreende o orador independentemente do auditório e vice-versa, e ambos são essenciais a qualquer argumentação.” A argumentação é construída com base no auditório criado pelo orador. Além disso, ela é pautada, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020), no juízo de

valor, pois um discurso não está ligado apenas a fundamentos lógicos, mas, também, no conveniente e preferível. Para os autores, o juízo de valor seria as verdades em que o auditório do locutor acredita, ou seja, seriam os *Topois* – lugares comuns – os quais Aristóteles apresentou em sua obra *Tópicos*. Assim, a argumentação prevê uma determinada situação de comunicação que busca levar em consideração a pessoa que fala, a quem ela se dirige e o espaço pelo qual a ação está ocorrendo, além da imagem (*ethos*) de cada indivíduo presente na situação, em outras palavras, “a fala situa-se, necessariamente, no quadro de um gênero de discurso que ocupa um lugar particular num espaço social dado e que comporta seus objetivos, suas regras e suas próprias restrições” (AMOSSY, 2011, p. 133).

Em vista disso, compreendemos que a AD é responsável por estabelecer a conexão do discurso a um lugar social. Ao determinar tais relações, o analista é capaz de observar como a argumentação está em diálogo com outras falas. Amossy (2011) busca se aproximar do conceito de dialogismo, ao propor que a heterogeneidade constitutiva é a responsável pelo elo que é formado entre os mais variados discursos, ou seja, a partir dela que podemos analisar como determinado discurso responde a outro, além de observar como ele pode ser retomado e/ou modificado.

Por conseguinte, Ruth Amossy (2018) aponta a *doxa* como uma aliada do orador na adaptação e na construção do auditório, pois adaptar-se ao auditório é levar em conta sua *doxa*. Em outras palavras, é levar em consideração suas crenças e seus valores. Desse modo,

o locutor deve elaborar uma imagem de seu público se quiser ter como referência as “opiniões dominantes”, as convicções indiscutíveis”, as premissas admitidas que fazem parte de sua bagagem cultural. Ele deve conhecer o nível de educação de seus interlocutores, o meio social, do qual fazem parte, as funções que eles assumem na sociedade. É somente quando ele consegue ter uma ideia de seu público que o orador pode tentar aproximá-lo de seus próprios pontos de vista (AMOSSY, 2018, p. 55).

Assim, todo discurso argumentativo se sustenta, ao ser proferido, a partir de acordos estabelecidos entre um orador e seu auditório. Durante o desenvolvimento da pesquisa, buscamos analisar como os movimentos sociais negros, na *internet*, combatem as teses racistas que são, por sua vez, assentadas em *doxas* vigentes. Assumimos que os movimentos sociais negros tentam combater preconceitos, ao mesmo tempo em que combatem essas *doxas* e/ou senso comum. Dito de outro modo, compreendemos que os movimentos sociais negros, ao produzirem discursos antirracistas, buscam desconstruir determinados valores enraizados

em uma sociedade, uma vez que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020), o orador pode desqualificar certos valores em uma argumentação.

A AD é uma disciplina que oferece arcabouços teóricos que podem ser utilizados para outras finalidades sem ser a das Ciências da Linguagem. Ao mesmo tempo, a AD faz o uso de objetos de estudos de outras áreas do conhecimento, por exemplo, a presente pesquisa buscou alinhar os estudos da argumentação e do discurso aos movimentos sociais e a *web*, sendo os últimos interesses da área de Comunicação e Ciências Sociais. Em relação a essa interdisciplinaridade que AD proporciona, Amossy (2011, p. 141) afirma que

em vez de ver aí uma confusão desagradável ou um embate inquietante de fronteiras, podemos nos alegrar por uma interdisciplinaridade que já muitas vezes mostrou-se profícua e que convém, para nós, desenvolver.

Ao adotar as teorias da argumentação e do discurso como arcabouço teórico da pesquisa, possibilitou-se estabelecer um diálogo com outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais e a Comunicação.

2.2 DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA A ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL

Como abordamos no capítulo anterior, na virada do século XX para o XXI, entramos em uma nova era, a era da *web 2.0*. Os estudos sobre a argumentação foram elaborados na década de 1950 e a Análise do Discurso é uma disciplina que surgiu em meados dos anos de 1970. Em vista disso, as principais teorias desenvolvidas pelos estudiosos da AD e da argumentação são do século XX, ou seja, antes da criação e da popularização da *internet*. Para Maingueneau (2015, p. 159),

a análise do discurso emergiu e se difundiu a partir dos anos 1960 em um mundo ainda estruturado pela dualidade oral/escrito [...] O desenvolvimento, no final do século XX, das novas tecnologias da comunicação fez aparecerem novas práticas, específicas do universo digital, mas também modificou profundamente as modalidades tradicionais de exercício do discurso. Os analistas do discurso são agora levados a se interrogarem sobre a pertinência das categorias que utilizam, a se perguntarem se elas ainda estão à altura dessa nova distribuição das cartas em jogo.

Com os avanços tecnológicos e o advento da *internet/web 2.0*, a maneira e as formas de comunicação foram passando por mudanças, tendo em vista que agora as pessoas estão

diante de computadores, celulares, e *tablets*, que acabam mediando às comunicações, e sendo os principais canais de comunicação do século XXI.

Os movimentos sociais que utilizam a *internet* como forma de mobilização pensam na imagem de si que eles pretendem construir para os outros internautas, uma vez que a construção de um *ethos* positivo, provavelmente, fará com que suas publicações sejam compartilhadas por um maior número de internautas, alcançando, assim, um maior número de usuários. Mais que se mobilizarem por meio da *internet*, os movimentos sociais, como o movimento negro e os movimentos LGBTQIA+, por exemplo, precisam se apropriar das estratégias da argumentação e do discurso para desconstruir o *ethos* prévio e/ou pré-discursivo construídos em torno de suas imagens.

Como destacado anteriormente, grande parte das teorias da argumentação e do discurso abordadas até o momento são anteriores à popularização da *internet*. Assim, faz-se necessário adaptar e/ou atualizar tais teorias a esse novo modo de comunicação pelo qual a sociedade está passando, visto que

qualquer que seja o nome, revolução, transformação ou conversão, as ações e os efeitos do digital estão aí, o uso das tecnologias digitais, da internet e dos objetos conectados sendo progressivamente integrados a nossas existências, pelo menos nas áreas culturais, sociais e geográficas nas quais as ferramentas informáticas e as tecnologias digitais puderam se desenvolver [...] (PAVEAU, 2021, p. 27).

As teorias tradicionais da AD não conseguem explicar o funcionamento de certos tecnôgenos que circulam na *web*, como as *hashtags*. Desse modo, concebemos a Análise do Discurso Digital (ADD) como sendo uma área da AD que busca a descrição, a análise, e o funcionamento dos discursos produzidos *on-line*, no âmbito da *web 2.0*. Assim, a ADD empenha-se em desenvolver teorias para compreender as produções discursivas e não discursivas que são feitas na *web*.

Conforme destaca Paveau (2021, p. 57), “a análise do discurso digital cria dispositivos metodológicos e teóricos que podem dar conta do funcionamento específico dos discursos nativos da internet.” Os discursos que são produzidos na *web* são constituídos por elementos da Linguística como a sintaxe e a morfologia. Esses elementos linguísticos se unem a elementos do campo da informática, fazendo com que as tradicionais teorias do discurso não consigam, segundo Paveau (2021), dar conta dos discursos produzidos *on-line*. Os discursos que circulam na *web* são, nas palavras de Paveau (2021), compósitos. Em outras palavras, tal

termo é utilizado quando ocorre a união de elementos linguísticos e tecnológicos, formando, assim, termos como tecnolinguageiras, tecnopalavras e tecnogêneros. O analista do discurso que pretende se debruçar sobre os tecnodiscursos necessitam adotar uma perspectiva teórica que busque uma renovação em relação à concepção de linguagem.

Os discursos produzidos *on-line*, conforme destaca Paveau (2021), não são mais propriamente elaborados por um orador. Em outras palavras, os discursos nativos da *web* são orientados por uma máquina e seu conjunto de programas que são responsáveis por materializar as produções discursivas dos internautas, além de suas intencionalidades. Assim, “para refletir sobre esse processo, falaremos aqui de elementos compósitos: a produção linguageira *na* máquina é, na verdade, uma produção *da* máquina, e é, de fato, uma evolução inédita na história da linguagem” (PAVEAU, 2021, p. 33). Com base neste trecho destacado, pretendemos inserir os estudos do discurso nesse universo digital construído por meio dos aparelhos eletrônicos.

Desse modo, entendemos que a ADD é ecológica, tendo em vista que busca levar em consideração o ambiente no qual o discurso está inserido, uma vez que

essa perspectiva teórica está assentada na ideia de que os discursos são constitutivamente integrados a seus contextos e não podem ser analisados apenas a partir da matéria linguageira, mas sim como compósitos, que integram o linguageiro e o tecnológico, e igualmente o cultural, o social, o político, o ético etc. (PAVEAU, 2021, p. 159).

Por abordarmos esse ponto de vista teórico proposto por Paveau (2021), buscamos levar em consideração todo o ambiente digital, tais como os algoritmos, os *hiperlinks*, os *likes* etc., já que, nessa perspectiva teórica, esses elementos que compõem o ambiente digital são concebidos como objetos de produção de sentido. O caráter ecológico do discurso diz respeito ao fato de que os discursos precisam ser analisados, não apenas a partir de seus traços linguísticos, mas, também, apoiando nos elementos tecnológicos, além dos aspectos sociais e culturais (PAVEAU, 2021).

A concepção ecológica do discurso nos permite desenvolver ferramentas necessárias para a análise dos elementos tecnológicos que integram os tecnodiscursos. Na presente pesquisa, buscamos analisar os discursos digitais nativos e/ou as manifestações verbais produzidas *on-line*. Paveau (2021) destaca seis características importantes para a análise do

discurso digital, quais sejam: a deslinearização, a composição, a relacionalidade, a investigabilidade, a imprevisibilidade e a ampliação.

A deslinearização está relacionada ao fato de que os discursos digitais não são, obrigatoriamente, lineares, ou seja, os internautas, através dos *links hipertextuais*, podem ser direcionados, a partir de um discurso-fonte, para um discurso-alvo. Em vista disso, a cor desempenha um papel fundamental na deslinearização e na compreensão dos tecnodiscursos, pois “nos universos discursivos digitais nativos, a cor é uma marca visual que sinaliza uma propriedade dos tecnodiscursos. Ela sinaliza duas características dos tecnodiscursos: a hipertextualidade e a coletividade” (PAVEAU, 2021, p. 2021). No ambiente digital, a cor azul, em grande parte das ocasiões, é um elemento significativo do tecnodiscursos, uma vez que ela indica que determinada palavra é clicável e, conseqüentemente, pode ser direcionado ao discurso-alvo.

Já a relacionalidade compreende que todos os tecnodiscursos possuem uma relação entre si. Essa característica proposta por Marie-Anne Paveau (2021) se aproxima do conceito de dialogismo proposto por Volóchinov, que afirma que todo discurso é uma resposta a outros discursos. Outra característica do tecnodiscurso que possui relação com a relacionalidade é a investigabilidade que diz respeito ao fato de que os discursos digitais, uma vez postados *on-line*, podem ser retomados através das ferramentas de busca. Foi a partir da investigabilidade que fomos capazes de coletar o *corpus* da pesquisa para ser analisado, uma vez que as redes sociais e os *sites* fornecem ferramentas para que possamos pesquisar uma publicação específica sobre determinado tema. Por último, a imprevisibilidade entende que, depois de publicados, os tecnodiscursos são imprevisíveis, uma vez que o autor não é capaz de prever as possíveis reações dos internautas, os compartilhamentos, a viralização, os comentários gerados, além de os algoritmos controlarem os meios de produção dos tecnodiscursos.

Na ADD, surge a ideia de ampliação sendo entendida, de acordo com Paveau (2021), como a capacidade de criação de ferramentas que desenvolvam a capacidade cognitiva humana. No âmbito digital, os internautas têm a sua capacidade de escrita ampliada de uma maneira que não ocorre com o tradicional lápis e papel, uma vez que os computadores conectados em uma rede possibilitam diferentes formas de escrita e de interação. Os dispositivos eletrônicos como computadores, celulares e *tablets* ampliam as capacidades de escritas dos usuários. Na *web*, a ampliação ocorre, segundo Paveau (2021), de duas maneiras. No primeiro caso, a escrita é ampliada a partir dos comentários que são gerados em uma

determinada publicação, além da possibilidade de (re) compartilhamentos em uma mesma publicação.

Outro ponto levantado por Paveau (2021) é por conta de a possibilidade de diversas pessoas conseguirem produzir textos em conjunto sem terem dificuldades relacionadas à interferência do outro. Pensando nas tradicionais teorias do discurso que compreendem que, eu um discurso, temos um orador, uma situação de comunicação e a quem o discurso se dirige. No âmbito digital, essa concepção sofre uma alteração, tendo em vista que temos um orador, um computador – que também é agente –, e outro orador. Desse modo, durante o desenvolvimento da pesquisa, buscamos dar visibilidade a todo o ambiente digital que envolve os discursos digitais nativos.

Do mesmo modo em que as capacidades de escrita são ampliadas, o mesmo ocorre com a leitura na *web*, pois, segundo Paveau (2021), a leitura é ampliada com os comentários que são gerados. Baseando-se na noção de ampliação proposta por Paveau (2021), é necessário, também, que os analistas do discurso repensem a noção enunciador, pois

nos contextos digitais, a instância enunciativa não é mais, com efeito, assimilável a uma figura única, o enunciador, como ainda querem as teorias dominantes em ciências da linguagem. O esquema da enunciação provindo dos trabalhos de Benveniste, em particular, que identifica um enunciador, um enunciatário, um tempo e um lugar para a enunciação, continua em vigor, e permanece sempre a pergunta tanto no ensino como na pesquisa: “quem fala?”. No contexto digital, essa pergunta sofre um deslocamento e a noção de enunciador deve ser revisada graças à noção de ampliação (PAVEAU, 2021, p. 54).

O enunciador, nos estudos da ADD, sofre uma alteração, tendo em vista que o discurso produzido *on-line* permite a adição de diversos textos em uma mesma publicação. Assim, qual seria o enunciador em situação como essa? Este é um questionamento levantado por Paveau (2021, p. 54), uma vez que “limitar a unidade à publicação ou ao estatuto do proprietário de uma conta é um procedimento consideravelmente redutor em termos de contextualização e, portanto, de significação.” Cabe ao pesquisador traçar o limite que será colocado para as análises dos textos, ou seja, o analista decide como irá filtrar e selecionar os comentários lidos. Todas essas características abordadas nos fornecem instrumentos para que possamos fazer análises adequadas dos discursos nativos da *web*.

É importante que um pesquisador, ao decidir utilizar a *web* como fonte de pesquisa, seja um usuário assíduo desse serviço, para que possa compreender minimamente o

funcionamento das redes digitais. Um termo abordado por Paveau (2021) em seu dicionário é o algoritmo. Como abordamos no capítulo anterior, na *internet*, certas informações, postagens e/ou notícias são disseminadas em uma quantidade maior do que outras publicações, pois o motivo da dispersão ser alta ou não depende dos algoritmos. Por exemplo, frequentemente influenciadores negros têm reclamado que suas publicações não estão tendo um bom engajamento devido aos algoritmos das redes sociais como *Twitter* e *Instagram*. Para Paveau (2021, p. 39),

os algoritmos, que muitas vezes parecem ter uma existência própria e capacidades de decisão, são evidentemente criados por humanos, profissionais da informática, codificadores, programadores; mas os seus efeitos nos conteúdos da internet e, conseqüentemente, nas nossas vidas, são importantes.

A partir dos algoritmos, é possível perceber como eles determinam o que pode se tornar viral, além de controlar o que pode e deve ser falado nas redes. Eles acabam criando uma estrutura social e hierarquizada na *web*, uma vez que avalia e julga os dados que são compartilhados na rede.

Os algoritmos são os responsáveis pelos processamentos dos discursos e das informações que circulam na *web*, ou seja, eles são incumbidos, de acordo com Paveau (2021), de classificar e hierarquizar as informações transmitidas nas redes sociais e *sites* de informações. Os algoritmos acabam fazendo parte da vida dos internautas e, conseqüentemente, constroem e exercem influência sobre eles. Além disso, eles são os responsáveis por fazerem com que certos assuntos e/ou temas apareçam mais para os internautas. Em outras palavras, “certas informações aparecerão com mais frequência, ou em melhor lugar do que outras, ou serão mais disseminadas do que outras, ou, pelo contrário, serão invisibilizadas” (PAVEAU, 2021, p. 39).

Em vista disso, os algoritmos, por serem criados e controlados por seres humanos, representam, na maioria das vezes, a crença e os valores comuns de uma sociedade (*doxa*). É possível sugerir se os algoritmos reforçam o racismo existente em nossa sociedade, pois, com muita frequência, influenciadores negros alegam que o seu conteúdo não é distribuído e acessado do mesmo modo que os conteúdos de influenciadores brancos. Desse modo, com base na presente pesquisa, os ativistas digitais, preocupados em combater o racismo, necessitam enfrentar, também, os algoritmos que tendem a desfavorecer suas pautas.

Os efeitos causados pelos algoritmos impactam diretamente no modo como os indivíduos interagem e utilizam a internet. Além disso, “os algoritmos entraram em nossa vida cotidiana, e isso ocorreu em todos os níveis” (PAVEAU, 2021, p. 39). Pensando nos estudos das Ciências da Linguagem, os algoritmos podem ser inseridos, segundo Paveau (2021), em uma análise discursiva. Pensando no quadro de estudo da análise do discurso, é possível estabelecer uma relação entre os algoritmos e o conceito de formação discursiva elaborada por Pêcheux (1969). Para o francês, o conceito de formação discursiva é aquilo que pode e deve ser dito em uma determinada ocasião, em outras palavras, os algoritmos acabam controlando as informações e as postagens que são compartilhadas na *web*.

Paveau (2021) separa as noções de algoritmos que interessam à análise do discurso digital. São dois fundamentos que interessam à área, sendo os algoritmos que estão *acima* da *web*, e os algoritmos que estão *abaixo* da *web*. Os algoritmos que estão acima da *web* podem ser entendidos como as citações presentes, por meio de *links* hipertextuais presentes nas publicações, nos comentários, nos *blogs* etc. Paveau (2021, p. 43) considera que

esta função de autoridade desloca os critérios de legitimidade e de poder dos discursos: os discursos dominantes já não são aqueles mantidos ou selecionados a partir de uma escala vertical dos poderes, por locutores detentores dos diferentes meios e que conferem poder aos discursos, mas aqueles que são reconhecidos, na horizontalidade dos links, pela “inteligência coletiva” constituída pelas trocas e avaliações dos internautas.

Já o algoritmo abaixo da *web* é caracterizado pela influência que ele causa nos internautas, a partir de discursos publicitários que são inseridos em suas contas nas redes sociais. O usuário acaba não tendo controle de suas próprias produções discursivas, pois suas publicações acabam sendo influenciadas de uma maneira inconsciente, uma vez que ele é influenciado com base nesses algoritmos aos quais é exposto. Desse modo,

visto a partir de uma perspectiva linguística, o estudo mostra que os discursos são contextuais: nós não produzimos nossos discursos somente a partir de uma intencionalidade livre, nem de uma subjetividade ilusoriamente autônoma, mas no interior de um ambiente que nos fornece instruções semânticas fortes. O estudo mostra que a internet, no caso a *web*, constitui um contexto particularmente determinista, onde os instrumentos de determinação podem facilmente se transformar em armas de manipulação. Na internet, portanto, o locutor é falado, não mais pela ideologia ou pelo inconsciente, mas pela máquina, ou mais exatamente pelos humanos que criaram a máquina (PAVEAU 2021, p. 44).

É importante que os analistas do discurso pensem a respeito dessa nova concepção de enunciação, que surge com os avanços tecnológicos. Isso ocorre porque pensar a enunciação como sendo constituída de um locutor que fala para um interlocutor em uma dada situação de comunicação é ultrapassada. Desse modo, quando trabalhamos com os discursos produzidos *on-line*, temos um novo modo de pensar a enunciação.

Outro tópico importante abordado por Paveau (2021) é o conceito de ambiente cognitivo, o qual é um termo que tem origem nos estudos acerca da cognição social proposta por alguns psicólogos nos anos de 1990. Os trabalhos sobre a cognição social estão preocupados em decodificar a maneira como uma pessoa processa determinada informação. Embora a noção de ambiente não tenha sido criada pelos analistas do discurso, ela é utilizada por pesquisadores da área que buscam compreender como os discursos são elaborados a partir de determinados ambientes. Na AD, o ambiente é entendido como os lugares nos quais os discursos são produzidos. Assim, o ambiente diz respeito a questões sociais, culturais, históricas e materiais. A noção de ambiente é, segundo a autora, fundamental para a análise do discurso digital, em razão de que ele desempenha um papel importante para entender os tecnodiscursos. No capítulo seguinte buscamos realizar uma análise para colocar em prática toda discussão desenvolvida até o momento.

3. ANÁLISE DO OBJETO: OS DISCURSOS ANTIRRACISTAS NA WEB 2.0

A única maneira de um analista do discurso estudar os textos, de acordo com Maingueneau (2015), é convertendo-os em *corpus*. O *corpus*, geralmente, é composto por diversos textos e/ou excertos de textos, além de poder ser, também, um único texto. Maingueneau (2004) divide o texto em três eixos principais que interessam a análise do discurso, a saber, texto-estrutura, texto-produto e texto-arquivo.

Na primeira concepção, o texto é concebido a partir do seu aspecto sintático, morfológico e gramatical. Já o texto-produto é compreendido como parte de uma atividade discursiva, seja ela oral, escrita ou visual. Além disso, esse segundo eixo também relaciona os textos a um dispositivo de comunicação e/ou gêneros discursivos. O último eixo entende o texto como sendo um material presente na memória das pessoas, podendo ser transmitido, retomado, modificado etc. O texto-arquivo se assemelha ao conceito de memória discursiva trabalhado por muitos pesquisadores da área. Cabe ressaltar que é possível utilizar, em determinadas análises, os três eixos em uma mesma análise.

Desse modo, um analista do discurso necessita construir seu *corpus* com base nos materiais pelos quais ele julgue pertinente. De acordo com Maingueneau (2015, p. 40),

com a utilização crescente da informática, distanciamos-nos cada vez mais de uma concepção dos textos como totalidades dadas que poderiam ser apreendidas por uma leitura atenta e justaposta nas bibliotecas. O crescimento incessante da potência dos computadores e da capacidade de armazenamento possibilita a integração de quantidades gigantescas de textos em enormes bases de dados, material a partir do qual muitos corpora podem ser elaborados pelos pesquisadores.

O presente trabalho tem como objetivo investigar como os discursos são produzidos e recebidos nas plataformas digitais, uma vez que a *web 2.0* ampliou a comunicação entre os sujeitos. Conforme aponta Paveau (2021, p. 35),

os enunciados considerados nesta obra são todos nativos da internet, isto é, produzidos diretamente on-line, e não trazidos on-line a partir de uma digitalização fora da rede, ou produzidos num telefone desconectado.

Desse modo, foram feitos *prints* (capturas de tela) para melhor visualizar os discursos a serem analisados. Por trabalharmos com discursos nativos, ou seja, discursos produzidos *on-line*, pretendemos conceber como *corpus* uma amostra de práticas de linguagem produzidas por meio de suportes eletrônicos como computadores, celulares e *tablets*. De acordo com Paveau (2021, p. 137), “os analistas do discurso que trabalham com os discursos *on-line* ainda continuam, em grande parte, a elaborar seus *corpora* com base em critérios tradicionais da análise do discurso.” Para tal, utilizaremos discursos produzidos nas páginas *Alma Preta* e *Afropress* para análise e aplicaremos algumas categorias das teorias abordadas durante o texto como recursos para a análise. A seleção das postagens foi feita a partir de um caso que ocorreu nos EUA e um acontecimento no Brasil, ambos em 2020.

Uma das páginas que utilizamos como fonte para a construção de nosso *corpus* foi a *Afropress*, uma agência de notícias *on-line* que trata de assuntos de interesse da população preta brasileira. A *Afropress* é uma das pioneiras no âmbito digital, tendo sido criada em 2007. A agência de notícias busca, também, fornecer material para pesquisadores, educadores e ativistas do movimento social negro, que tenham interesse pela temática racial. Em uma entrevista realizada com Dojival, criador da *Afropress*, ele afirma que

a Afropress, hoje, é a mídia focada, no tema do combate ao racismo e na defesa dos direitos civis e políticos da população negra brasileira, é a mídia mais longa da história focada nesse tema. É uma agência de notícias que funciona sem o auxílio de patrocinadores. Nós somos uma agência de notícias, focada no tema, que funciona a partir da entrega/esforço voluntário e individual de ativistas como eu [...].

Assim, com base no trecho destacado, o material desenvolvido e elaborado pela *Afropress* é construído de maneira coletiva. Em outras palavras, a *Afropress* ilustra bem o conceito de atuação em rede desenvolvido nos capítulos anteriores.

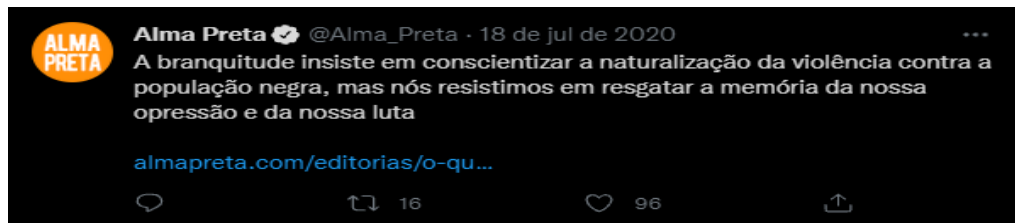
Outra página utilizada como referência para a elaboração da pesquisa foi a *Alma Preta*, que é conhecida por ser uma agência de jornalismo especializada em temática racial. A agência foi criada no ano de 2015 por um grupo de estudantes universitários negros. Com o passar dos anos, a *Alma Preta* se tornou uma das maiores agências especializadas em temática racial do Brasil. O objetivo dessa agência é informar a sociedade a partir de uma perspectiva racial negra e periférica. Assim, gostaríamos de destacar a importância da *Alma Preta* por desempenhar um papel de valorização e de preservação da cultura negra. Além disso, a

plataforma busca lutar contra as desigualdades de raça, gênero, classe, sexualidade e território⁷.

A seguir, pretendemos apresentar uma página e/ou um movimento social que se articula apenas nos meios digitais, ou seja, nas redes sociais como o *Twitter* e o *Instagram*, além de terem um *site* para compartilhar apenas notícias voltadas a questões raciais. Buscamos fazer uma análise discursiva de um texto publicado⁸ pela *Alma Preta* em referência ao assassinato de George Floyd. Cabe ressaltar que destacamos apenas alguns pequenos trechos que consideramos importantes para a análise.

No dia 18 de julho de 2020, a *Alma Preta* postou o seguinte *tweet*:

Imagem 1: Captura de tela de um tuíte do perfil *Alma Preta*



Fonte: https://twitter.com/Alma_Preta. Acesso em: 07/01/2022.

No *tweet* acima, é possível percebermos alguns traços específicos que compõem os tecnodiscursos, como a deslinearização, o *hyperlink* e a cor. A deslinearização, como abordamos, está relacionada ao fato de que os discursos nativos da *web*, muitas das vezes, não são lineares, pois no *tweet* acima temos um discurso primeiro que projeta o discurso alvo a partir do *hyperlink*. Para Paveau (2021, p. 145),

a deslinearização, traço específico do enunciado digital nativo, consiste na intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso, que direcionam o leitor-escritor de um fio do discurso-fonte a um fio do discurso-alvo, instaurando uma relação entre dois discursos.

O *hyperlink* é um tecnogênero que consiste nas relações estabelecidas entre um texto e algum outro na *web*. Já a cor, segundo Paveau (2021, p. 131), “nos universos discursivos

⁷ Alguns trechos desse subtópico foram baseados no texto que se encontra no site principal da página da Alma Preta: <https://almapreta.com/quem-somos>

⁸ O texto completo se encontra no tópico 5 do artigo.

digitais nativo é uma marca visual que sinaliza uma propriedade dos tecnodiscursos.” A cor não está presente no *tweet* destacado acima apenas como uma decoração, mas sim como uma particularidade do tecnodiscurso, ao indicar que uma palavra é clicável. Assim, ao clicarmos no *hiperlink* do *tweet* acima, somos levados diretamente para a página da *Alma Preta*, onde temos a seguinte reportagem:

Imagem 2: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*



Fonte: <https://almapreta.com/sessao/quilombo/precisamos-respirar>. Acesso em: 07/01/2022.

Na reportagem destacada acima, podemos perceber que ela foi feita quase dois meses depois do assassinato de George Floyd. Já no título da reportagem é possível destacar a presença de uma interdiscursividade, pois há uma retomada da fala e/ou do pedido do pedido de George Floyd antes da morte, a saber: “eu preciso respirar.” Além disso, é importante destacar a presença da 1ª pessoa do plural no título do texto. O uso do plural traz a ideia de uma coletividade, tendo em vista que diariamente os negros são vítimas de racismo. Portanto, é toda a comunidade negra que necessita de respirar.

Ademais, o uso da modalidade deôntica enfatiza a *necessidade* comum a todos os seres vivos, que é a necessidade de respirar. Em outras palavras, as pessoas precisam de ar,

elas precisam *respirar*. Entretanto, devido às constantes retaliações, as pessoas negras não têm conseguido ‘respirar’, sendo que este último item lexical pode ser assumido tanto num sentido convencional literal quanto num sentido figurado, a exemplo do sentido de ‘ser livre’. Podemos entender que o texto, embora tenha o nome da autora que o escreveu, é escrito por um *nós* que está solicitando algo a um *tu*.

Por conseguinte, somos apresentados a esse *tu* que, possivelmente, seria tanto a *branquitude* quanto a própria comunidade negra. Assim, pensando na construção do auditório, é possível fazermos a inferência de que a autora do texto está construindo seu texto, tendo as pessoas brancas e negras como destinatárias. Temos a presença do verbo *insistir*, que possui um valor semântico de ação reiterada continuamente, ou seja, as pessoas brancas continuam não dando o direito às pessoas negras de respirarem, uma vez que elas naturalizam a violência contra as pessoas negras. Em vista disso, conforme destaca Van Dijk (2008, p. 102), “culpar a vítima é a maior estratégia da elite branca dominante também no discurso corporativo: denúncias de discriminação são anuladas através da acusação de que as minorias (especialmente os negros) causam sua própria desgraça.” Na sequência, a oradora emprega uma oração adversativa para ressaltar que, apesar disso tudo, os negros continuam resistindo a esse sistema opressor. A função dessa oração adversativa no texto é exatamente para destacar a força das pessoas negras contra as variadas formas de racismo que sofrem.

Imagem 3: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Há 520 anos tentamos respirar, mas continuamos sob os açoites. Não temos nem um dia de trégua!

Todo dia pela manhã, abro o Facebook e me deparo com pelo menos três mortes relacionadas aos amigos da minha rede. São pelo menos três vezes que cumprimento amigos dizendo: “meus sentimentos”, pois de fato eu sinto, lamento muito cada vida perdida. E em sua grande maioria são vidas negras. As condições de morte são diversas, mas as mortes que mais me sufocam são as execuções sumárias do Estado Brasileiro e as humilhações diárias e cotidianas que a população negra sofre.

Fonte: <https://almapreta.com/sessao/quilombo/precisamos-respirar>. Acesso em: 07/01/2022.

No trecho destacado acima, temos novamente o emprego do *nós* para tratar de uma memória coletiva. Desse modo, a oradora retoma o passado para ressaltar que os negros tentam respirar desde o início da colonização. Adiante, ela utiliza novamente uma oração adversativa para explicar que, mesmo após a abolição da escravidão, os negros seguem sendo vítimas de racismo, uma vez que

os agora cidadãos da recém-proclamada República brasileira não tiveram direito a nenhuma parcela das terras onde trabalharam durante toda a vida, e nem foram amparados por quaisquer políticas reparatórias por parte do governo. Dessa forma, um contingente significativo dos brasileiros não teve oportunidade de se integrar a esse novo regime político e econômico. O resultado foi a crescente condição de miserabilidade dessa parcela da população, com reflexos em processos de desigualdade social evidenciados ainda hoje na sociedade brasileira (CHAVES; COGO, 2013, p. 217).

A oradora continua ressaltando, de uma maneira assertiva, que os negros continuam sem descanso, a exemplo do uso metafórico da expressão “continuamos sob os açoites”. O tom assertivo presente no discurso da autora reforça o *ethos* de revolta, de indignação e de luta.

A enunciadora constrói uma imagem de si como uma pessoa que está disposta a lutar pela liberdade dos negros. Além disso, ela projeta um *ethos* de cansaço por conta das diversas vidas negras que são mortas diariamente ao redor do mundo. Portanto, na medida em que a oradora constrói uma imagem de si como militante, ela também busca ir contra a ideologia dominante, ou seja, contra a *doxa*. Conforme destaca Amossy (2018, p. 111), “ela persegue a *doxa*, assinala o engano e a manipulação; em outros termos, desmitifica”.

A maneira escolhida pela autora para combater essa *doxa* dominante é por meio de argumentos de comparação, pois ela apresenta exemplos que ilustram a maneira como os negros sofrem pelo racismo. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020, p. 274), “por isso os argumentos de comparação são quase-lógicos. São em geral apresentados como constatações de fato [...]”.

No parágrafo seguinte, já não é mais um *nós* quem fala, mas um *eu*. Desse modo, a oradora busca alterar sua estratégia argumentativa ao utilizar a enunciação em 1ª pessoa do singular, trazendo um valor semântico de subjetividade. Ao fazer uso dessa técnica, a oradora pretende trazer exemplos de seu cotidiano para enfatizar o que está em jogo no texto, no caso, os negros sendo vítimas de racismo. A oradora, inclusive, traz sua própria voz no texto, ao falar que cumprimenta seus amigos dizendo “meus sentimentos”. Portanto, ela reforça seu *ethos* de revolta, indignação e tristeza com esses acontecimentos que ocorrem com a população negra.

Imagem 4: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Pisam em nosso pescoço, nos espancam até lesionar nosso cérebro ou quebrar nossa tibia, arrastam nosso corpo pelo asfalto, prendem nosso companheiro que cuidava dos nossos filhos levando nosso caçula a se afogar na piscina, abandonam nosso filho de quatro anos no elevador repetidas vezes até que ele morra ao despencar do prédio.

Fonte: <https://almapreta.com/sessao/quilombo/precisamos-respirar>. Acesso em: 07/01/2022.

No trecho destacado acima, a oradora busca trabalhar com a noção de pós-memória ao trazer para o texto fatos específicos que ocorreram com sujeitos negros em um determinado espaço de tempo. Além disso, ela volta a empregar a 1ª pessoa do plural para ressaltar que os negros seguem sendo pisoteados, arrastados, presos etc. Paveau (2013, p. 158) define a pós-memória

como sendo a memória dos descendentes ou dos sobreviventes, baseada em narrativas, descrições e fotos. Trata-se de uma memória de segunda mão [...] o descendente, que não viveu o trauma, que “não estava em Auschwitz”, traz consigo, porém, os sintomas dos quais fala o discurso.

Em vista disso, o discurso antirracista da oradora é construído com base nesses acontecimentos históricos, o que faz com que ele se torne ainda mais impactante, persuasivo e convincente. Além disso, pensando que as provas retóricas possam ser utilizadas em conjunto, o discurso da oradora coloca em questão, também, seu caráter *pathémico*, pois ela busca convencer também por meio dos sentimentos de indignação, revolta etc.

Imagem 5: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Por isso, mesmo com o silêncio ensurdecedor das grandes redes de comunicação, estamos em marcha. A cada 25 de julho e 20 de novembro marchamos por nós, pelos mais velhos e pelos mais novos. Nos unimos pela nossa comunidade. E é por conta disso que resistimos e tomamos fôlego para nossa resistência e reexistência nessa sociedade estruturalmente racista.

Fonte: <https://almapreta.com/sessao/quilombo/precisamos-respirar>. Acesso em: 07/01/2022.

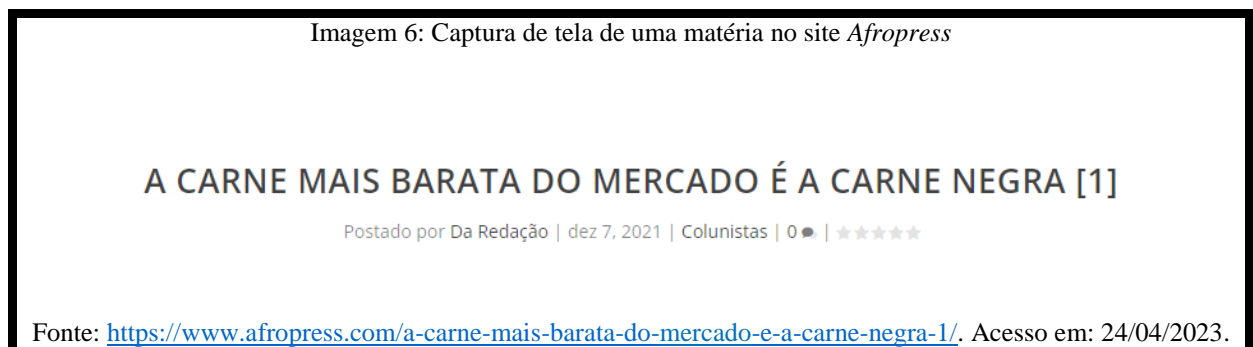
No último trecho destacado, temos uma denúncia contra as grandes mídias, que se mostram omissas e coniventes com o racismo ao não abordarem esses fatos destacados pelo discurso da oradora, pois

o quadro de pessoal nos jornais é praticamente todo composto de brancos, e isso, é claro, acarreta sérias consequências na produção de notícias, no estilo de redação, no acesso às fontes e no ponto de vista geral do discurso jornalístico [...] (VAN DIJK, 2008, p. 98).

Esse desinteresse, por parte das grandes mídias, de não abordar esses assuntos, faz com que o racismo continue presente em nossa sociedade, uma vez que as pessoas não são educadas para desconstruírem seus preconceitos. Em outras palavras, a branquitude segue confiando nesse *ethos* que foi imposto aos negros desde o início do período colonial. Os sujeitos negros carregam um *ethos* de pessoas violentas, irresponsáveis, arrogantes, incivilizados etc.

A seguir realizamos uma análise em uma notícia publicada pela agência de notícias online *Afropress*, referente ao assassinado de João Alberto Freitas. No dia 07 de dezembro, de 2021, a *Afropress* compartilhou a seguinte a notícia em seu *website*:

Imagem 6: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*



O título da reportagem estabelece um diálogo com a canção *A Carne*, de Elza Soares. Na canção, a cantora ilustra, de uma maneira didática, as dificuldades sofridas pela população negra brasileira oriundas do racismo. Desse modo, logo no título é possível perceber o caráter dialógico do discurso, uma vez que

esse discurso verbal é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera, e esse discurso verbal parte de determinada situação de um problema científico ou de um estilo literário. Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis busca apoio e assim por diante (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219).

Em outras palavras, o orador da reportagem acima busca recuperar uma canção brasileira, conhecida por muitos, para trazer certa indignação e denúncia para casos de racismo como o ocorrido com João Alberto Freitas. Além disso, o título da reportagem faz uma inferência direta à rede de supermercado na qual o homem fora assassinado.

Imagem 7: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

Quanto vale a vida humana? Podemos dimensionar em vil metal o valor da vida de um ser humano? Trinta moedas custou a vida de Jesus Cristo! Nas periferias das grandes cidades brasileiras, sua vida pode ser abatida por um celular usado, um par de tênis ou mesmo por estar no lugar errado, na hora errada.

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

No *print* destacado, o orador inicia seu discurso utilizando da modalidade interrogativa, ao levantar alguns questionamentos relacionados ao possível valor da vida de um ser humano. O autor da reportagem estabelece um comparativo da vida humana, de um modo geral, até chegar à população pobre e marginalizada. A reportagem indica que as vidas humanas, nas periferias do Brasil, não valem muita coisa, pois as pessoas costumam perder a vida por pequenos bens materiais. Além disso, o orador busca conquistar a adesão dos internautas a partir do viés do *logos*, ao utilizar de questionamentos sobre o preço da vida, e por meio *pathos*, pois é possível que a reportagem cause um sentimento de revolta e/ou indignação com o sistema.

Imagem 8: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

Mas, é sabido que a vida de um homem negro vale menos do que a de um semelhante cis, heterossexual, branco! A Polícia Militar de qualquer Estado da República do Brasil age diferente na abordagem a um branco num bairro nobre de quando aborda um homem negro na periferia. E a mulher negra? Está alijada na base da sociedade, como a camada mais inferior e sensível ao racismo, seja por seu cabelo, cor da pele, sexualidade e, obviamente, por ser negra.

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

No trecho destacado acima, para ilustrar o modo como os sujeitos negros sofrem com a discriminação, o orador busca comparar o negro com o branco. Vivemos em uma sociedade em que, infelizmente, a cor da pele é o primeiro quesito para julgamento. Além disso, o orador ainda levanta as dificuldades da mulher negra, tendo em vista que suas lutas são ainda mais árduas do que as dos homens negros, tanto que existe o movimento feminista negro e o movimento feminista – que agrega todas as mulheres não negras –. Assim, o internauta é, ao se deparar com a comparação feita pelo orador, convidado a refletir sobre as condições de vida da população negra brasileira. O racismo é regido pelo sistema da *necropolítica*, ou seja,

o racismo estabelecerá a linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte, entre os que devem permanecer vivos e o que serão mortos (ALMEIDA, 2019, p. 115).

O conceito de *necropolítica* é desenvolvido pelo pesquisador Achille Mbembe, que compreende que o Estado tem controle sobre a vida e a morte das pessoas. Em outras palavras, o Estado decide aqueles que vivem e os que morrem e, infelizmente, a população negra está a todo o momento sofrendo ataques pelas autoridades máximas do Estado e até mesmo pelos sujeitos civis.

Imagem 9: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

A esse fenômeno, enraizado em nossa sociedade após 380 anos de escravidão negra, os acadêmicos denominam racismo estrutural. Na definição de Silvio de Almeida[3], seria “*uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional.*”

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

No *print* acima, o orador, utilizando a modalidade epistêmica, de uma maneira assertiva, afirma que toda problemática gerada a partir do racismo segue presente em nossa sociedade até a atualidade, uma vez que “se há instituições cujos padrões de funcionamento redundam em regras que privilegiem determinados grupos raciais, é porque o racismo é parte da ordem social” (ALMEIDA, 2016, p. 47). Além disso, a utilização do pronome possessivo

nossa nos remete a uma coletividade, ou seja, o racismo é algo que deveria ser combatido por todos.

O orador utiliza do discurso direto para trazer mais uma voz e/ou mais um nome para auxiliar em seu discurso e, conseqüentemente, legitimar sua fala. Em vista disso, pensando no conceito de *doxa*, o autor da reportagem busca romper com as crenças e os valores da ideologia dominante. Um dos objetivos dos movimentos sociais negros é desconstruir as *doxas* dominantes, pois “ele persegue a *doxa*, assinala o engano e a manipulação; em outros termos, desmitifica” (AMOSSY, 2018, p. 111). Até o momento, o orador está projetando um *ethos* de um ativista que possui convicção daquilo que fala, além de estar criando um *ethos* de uma pessoa indignada com a discriminação sofrida pela população negra. Nas palavras de Eggs (2016, p.31), “o lugar que engendra o *ethos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele.” Desse modo, o orador consegue construir seu *ethos* se apoiando por meio do *logos*, por exemplo, ao levantar os questionamentos sobre a vida do negro e do branco e ao citar o Silvio de Almeida.

Imagem 10: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

Sabemos, pois, que a vida de uma pessoa branca no Brasil vale mais do que a de uma pessoa negra; os dados não mentem: “(...) em 2019, taxa de homicídios por 100 mil habitantes negros foi de 29,2, enquanto a dos não negros foi de 11,2, de acordo com o Atlas da Violência 2021, ou seja: A chance de uma pessoa negra ser assassinada no Brasil é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes negros no Brasil em 2019 foi de 29,2, enquanto a da soma dos amarelos, brancos e indígenas foi de 11,2.” [4] Isso representa um aumento de 11.5% nos últimos 10 anos, enquanto a taxa de assassinatos de não-negros (brancos, indígenas e amarelos) apresentou queda de 12.9% no mesmo período.

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

Para ilustrar seu argumento de que as vidas brancas são mais valorizadas que a dos negros, o orador busca validar o seu argumento a partir de provas, ou seja, pelo viés do *logos*. A persuasão é obtida pelo “próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2019, p. 45). Assim, a reportagem é atravessada por mais uma voz, a partir da citação direta.

Imagem 11: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

Em 25 de maio de 2020, Minnesota, nos EUA, a morte por asfixia do negro George Floyd[5] por um policial branco gerou uma série de protestos mundo a fora, inclusive no Brasil, com a subida da *#vidasnegrasimportam* como slogan. Mas cabe aqui a pergunta: *vidas negras importam no Brasil?*

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

Por conseguinte, citando o assassinato de George Floyd, ocorrido no mesmo ano, o locutor ressalta a comoção que foi gerada ao redor do mundo. Inclusive no Brasil, onde os internautas passaram a postar *#vidasnegrasimportam*. Para Paveau (2021), a *hashtag* é uma tecnopalavra clicável, onde são reunidos centenas de tecnodiscursos de uma mesma temática. Em outras palavras, as *hashtags* auxiliam na viralização de alguns assuntos, como foi o caso do movimento Vidas Negras Importam, assim, compreendemos as *hashtags* como sendo um importante elemento do tecnodiscurso. Ao final do trecho em destaque, é feito o seguinte levantamento: *as vidas negras importam no Brasil?*

Cabe ressaltar que essa pergunta se encontra em destaque no texto, ou seja, ela é direcionada ao possível auditório do orador em uma forma de questionamento. O motivo para tal questionamento se deve ao fato de que é comum que casos de racismo que ocorrem fora do país ganhem maior destaque do que os casos nacionais, tendo em vista que os ativistas digitais sofrem ameaças, perseguições e são silenciados pelas grandes mídias. Em uma entrevista com o criador da *Afropress*, ele comenta sobre os ataques que sofreu durante alguns anos:

Em 2005, a gente passa a operar em tempo real, né?! Daí começa as histórias desses 17 anos, sendo que seis dos quais, eu posso te dizer que de 2006 a 2012, nós fomos sistematicamente atacados por grupos neonazistas, você entendeu? Com ameaças graves, sérias, a minha vida, a vida da minha mulher, da minha família, entendeu? Nós vivemos momentos de terror, durante seis que grupos neonazistas de São Paulo e de outros estados nos atacavam, invadiam as nossas páginas.

Imagem 12: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

Em pleno 19 de novembro de 2020, as vésperas do 20 de novembro[6], João Alberto Silveira Freitas[7], também com 40 anos (mesma idade de George Floyd), foi covardemente assassinado por seguranças da terceirizada empresa de segurança Vector nas dependências do Hipermercado Carrefour de Porto Alegre, espancado até a morte (sufocamento e asfixia, além de outras lesões) por conta de um desentendimento de Beto com uma funcionária do grupo Carrefour Brasil.

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

Na imagem acima, logo no início da oração, é utilizada uma oração adjetiva que demonstra um possível estado de espanto, pois, no século XXI, a população negra segue sendo vítimas de discriminação e violência. Além disso, logo após a oração adjetiva, orador busca trabalhar com a memória discursiva de seu auditório ao destacar “às vésperas do dia 20 de novembro”. Em outras palavras, a data citada pelo autor não é uma data qualquer e para decodificar essa informação é necessário que seu público acesse seu conhecimento enciclopédico para saber que a data referida é o Dia da Consciência Negra. Por conseguinte, é utilizada a modalidade apreciativa como forma de qualificar a maneira como João Alberto Freitas fora assinado pelo segurança.

Imagem 13: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

Imediatamente após o assassinato, a multinacional francesa Carrefour tratou de apagar o incêndio com uma grande campanha de marketing denominada “*Beto Freitas, não vamos esquecer*”, limitada a cidade de Porto Alegre, além de soltar a tradicional “*nota à imprensa*”. Em 16 de setembro de 2021 a multinacional Carrefour encerrou o contrato com a empresa de segurança terceirizada e colocou um negro como “*diretor de segurança*” do grupo, ante a série de protestos em suas lojas em todo o Rio Grande do Sul e em outras localidades do país.

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

Na imagem 13, a oração é iniciada com um advérbio de tempo para ilustrar que a rede de supermercados agiu rapidamente para abafar o caso, uma vez que as manifestações nas ruas, com o auxílio das redes sociais, estavam crescendo. Foi utilizada a expressão “tratou de apagar o incêndio”, como figura de linguagem para ilustrar o modo como o supermercado agiu para se proteger. A reportagem passa a informação de que fora criada uma campanha de *marketing* por conta da morte do rapaz, mas que ela foi restrita apenas para o local onde ocorreu a fatalidade. Isto nos mostra como classe dominante consegue operar e controlar a

grande massa, tendo em vista que conseguiram acabar com as manifestações que estavam ocorrendo. De acordo com a reportagem, a rede de supermercados fechou um acordo de R\$ 115 milhões, que teriam que ser convertidos em cestas básicas e para a educação de jovens negros.

Imagem 14: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

Trocou-se a vida de um homem negro por cestas básicas e bolsas de estudo, sem nenhuma fiscalização, num gabinete a portas fechadas! O dinheiro não vai para os familiares da vítima, nem conclui como condenação ou responsabilização dos responsáveis. Sai como "doação"!

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

Na imagem acima, embora não esteja escrito em primeira pessoa, aparentemente, temos a subjetividade do orador, ou seja, sua opinião em relação ao ocorrido. Além disso, o locutor projeta um *ethos* de uma pessoa enfurecida e indignada com o desfecho da situação, que busca a justiça no caso. Além disso, é possível perceber que, possivelmente, as emoções e/ou *pathos* estão orientando o discurso do orador, pois “as emoções não têm somente efeitos cognitivos (influenciando o julgamento do auditório), mas também origens cognitivas, com raízes em crenças e julgamentos que as justificam aos olhos dos que as sentem” (AMOSSY, 2018, p. 205). O caráter *pathémico* do discurso auxilia diretamente na construção da imagem do orador e dos argumentos (*logos*) utilizados por ele. A indignação do orador é confirmada ao utilizar as aspas ao se referir à *doação* feita pela rede de supermercados. As aspas utilizadas remetem a certa ironia por parte de quem escreve, ou seja, o orador nos leva a entender que a empresa não fez mais do que sua obrigação.

Imagem 15: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

Inúmeras ações e homenagens a Beto tem ocorrido em São Paulo, sem a autorização ou participação da família, que não foi contemplada no “acordo” com o Ministério Público gaúcho e a Defensoria do Estado, o que, por si só, deixa-nos perplexos! O portal *Afropress* (<https://www.afropress.com/>) tem mantido significativa cobertura dos desdobramentos do caso Beto X Carrefour, acompanhando, inclusive, as falas dos advogados da viúva e de eminentes pessoas de destaque do movimento negro brasileiro.

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

No trecho destacado acima, o autor, fazendo uso da modalidade epistêmica, afirma que a família de João Alberto Freitas não foi beneficiada no acordo firmado entre a justiça e a rede de supermercados. Além disso, temos novamente a modalidade apreciativa representando certa coletividade e subjetividade pela seguinte frase: “deixa-nos perplexos”. Logo em seguida, temos a posição da *Afropress* frente ao caso, ou seja, é possível que o *nós* presente no texto sejam os colaboradores da agência de notícias, além das pessoas que compartilham do mesmo sentimento de indignação e frustração.

Imagem 16: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

João Alberto Silveira Freitas, o Beto Freitas perdeu a vida graças a um ataque feroz e irresponsável dos seguranças da empresa Vector, a serviço do Grupo Carrefour do Brasil e, pelo TAC firmado, as ditas empresas não assumiram sua parcela de culpa ou responsabilidade no ocorrido!

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

Na imagem acima, mais uma vez, é utilizada a modalidade apreciativa para qualificar as ações dos seguranças do supermercado, classificadas pelos advérbios *feroz* e *irresponsável*. O orador, em suas afirmações, consegue projetar um *ethos* de uma pessoa segura e com convicção sobre aquilo que fala, tornando, assim, seu discurso ainda mais persuasivo e convincente.

Imagem 17: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

No caso Beto Freitas, não há condenação pública das empresas responsáveis pelo racismo estrutural que reproduz na mente de seus seguranças e empregados do setor de prevenção de perdas, onde o negro é sempre suspeito, deve ser seguido para não ocorrerem furtos e, em caso de rebeldia explícita, contido à força ou até a morte, como ocorreu a Beto Freitas.

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

Caminhando para o final do discurso, fazendo uso da modalidade epistêmica, o orador afirma que nem a empresa de segurança nem a rede de supermercados foram penalizadas pelo episódio de racismo seguido de morte. Além disso, ao alegar que “o negro é sempre suspeito,” o orador busca reforçar o *ethos* prévio que é construído em cima do sujeito negro, ou seja, ele

faz uma denúncia “ao mostrar que o discurso dominante impõe um ‘eu’ modelado segundo uma visão falsamente universalista, que responde, na verdade, a parâmetros de sexo, de raça, de cultura, o discurso crítico problematizou a fala daqueles que se definem como ‘outros’” (AMOSSY, 2018, p. 102). Desse modo, o autor da reportagem tenta, com seu discurso, demonstrar que a população negra brasileira segue sofrendo todos os tipos de preconceitos possíveis, aponta as falhas de nosso sistema judiciário quando o assunto é raça, busca desmitificar a imagem do que é ser negro, além da luta por justiça pelo assassinado brutal de João Alberto Freitas.

Imagem 18: Captura de tela de uma matéria no site *Afropress*

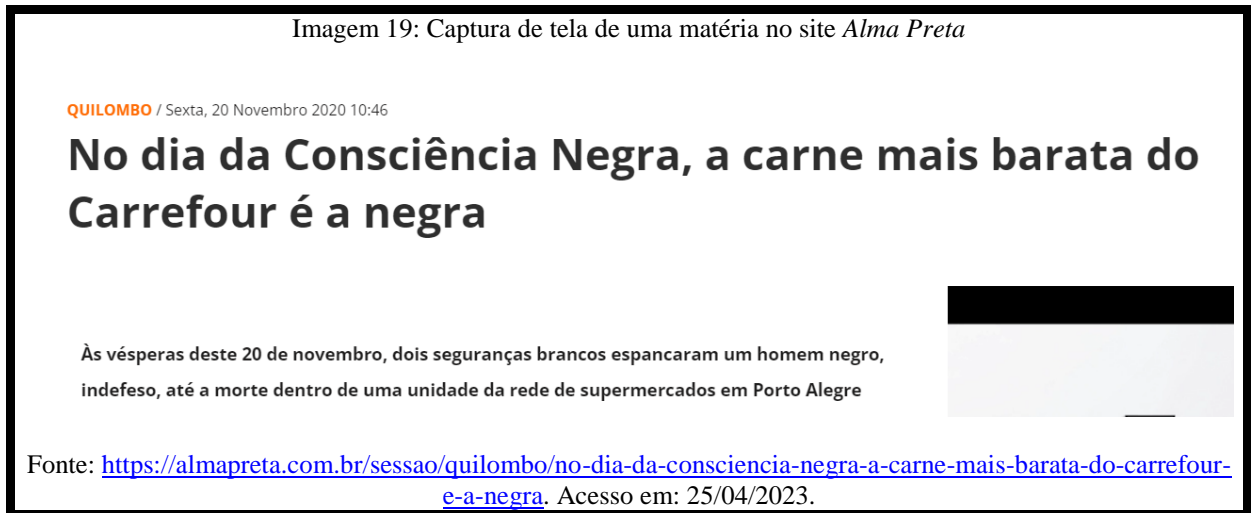
Sem a publicidade das indenizações, sem a assumpção da culpa e responsabilidade pelo Grupo Carrefour e sua terceirizada Vector, teremos mais Beto's sendo assassinados por seguranças, policias militares e agentes de segurança em geral, afinal, a vida do negro vale muito pouco no supermercado da sociedade brasileira.

Fonte: <https://www.afropress.com/a-carne-mais-barata-do-mercado-e-a-carne-negra-1/>. Acesso em: 24/04/2023.

Conforme aponta Vin Dijk (2008), enquanto a grande mídia for controlada e financiada por aqueles que detêm o poder, a população negra continuará sofrendo as mazelas do racismo. De acordo com a reportagem em questão, por exemplo, as empresas envolvidas no assassinato de João Alberto Freitas não foram parar nos principais canais de notícias do Brasil. Infelizmente, enquanto houver omissão por parte do Estado, fatalidades como a ocorrida em Porto Alegre poderão acontecer novamente. O orador finaliza seu discurso retomando o título da notícia, a saber: “a carne mais barata do mercado é a carne negra”. Desse modo, o orador, com seu o texto, foi capaz de trazer à luz todas as problemáticas envolvendo a empresa de segurança e a rede de supermercados, além de mostrar que, com a *Afropress*, existe uma rede de apoio para a população negra.

A reportagem seguinte a ser analisada foi publicada pela agência de notícias *Alma Preta*, sendo também, sobre a fatalidade ocorrida em Porto Alegre. Embora as duas agências de notícias tenham como pauta a raça, além de utilizarem apenas a *internet* como forma de mobilização, a maneira como o discurso é construído por elas sobre um mesmo fato é diferente, ou seja, as duas páginas possuem uma visão diferente sobre o mesmo assunto. A seguir, destacamos os trechos mais relevantes para a análise.

No dia 20 de novembro de 2020, Dia da Consciência Negra, a *Alma Preta* publicou a seguinte reportagem em seu *website*⁹:



Do mesmo modo que o orador da *Afropress*, o locutor da *Alma Preta* buscou associar, no título da reportagem, a morte de João Alberto Freitas à música de Elza Soares. Assim, pensando no conceito de heterogeneidade constitutiva, proposto por Amossy (2013), percebemos o modo como o discurso é capaz de estabelecer conexões com falas que versam cada uma sobre assuntos específicos da sociedade.

O título da reportagem é acompanhado de um subtítulo que tende a preparar o auditório do que está por vir e, possivelmente, conquistando a adesão do auditório a partir das emoções (*pathos*). No subtítulo, o orador enfatiza que o crime ocorreu nas vésperas do Dia da Consciência Negra, podendo, provavelmente, gerar uma maior comoção e revolta no público-alvo do locutor. Outro ponto importante a ser destacado, ainda no subtítulo, é a oposição que é feita entre o branco e o negro, tendo em vista que, infelizmente no Brasil, a qualidade de vida de um sujeito negro não está em pé de igualdade com o branco. Ainda que algumas pessoas tentem silenciar o racismo na sociedade brasileira, é possível percebê-lo, uma vez que

apesar de aparentemente silenciosos estariam bastante vivos nos discursos naturalizados os quais sustentariam a condição de marginalidade e desigualdade de oportunidades entre brancos e negros desde os tempos da escravidão (MELO-SILVA; GUARNIERI 2017, p. 184).

⁹ A reportagem está disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/no-dia-da-consciencia-negra-a-carne-mais-barata-do-carrefour-e-a-negra>

A desigualdade social no Brasil ainda se mostra como um de seus principais problemas. Quando aliamos condição social à questão racial, as diferenças se tornam ainda mais expressivas. Além disso, o orador utiliza a modalidade apreciativa, ao empregar o adjetivo *indefeso*, para ilustrar que mesmo Beto Freitas estando vulnerável, ele foi espancado até a morte.

Imagem 20: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Neste 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, as notícias que gostaríamos de dar são apenas as que reforçam a potencialidade da comunidade negra, mas como ser negro no Brasil é sinônimo de não ter um dia de paz nos deparamos ainda na madrugada sobre o assassinato brutal de João Alberto Silveira, de 40 anos, espancado até a morte por dois homens brancos, um segurança da rede de supermercados Carrefour e um policial militar.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/no-dia-da-consciencia-negra-a-carne-mais-barata-do-carrefour-e-a-negra>. Acesso em: 25/04/2023.

No primeiro trecho do discurso, temos a contração *neste*, que representa um elemento dêitico, ou seja, este elemento é responsável por instaurar o tempo e o espaço em uma cena enunciativa. Cabe destacar que, segundo Benveniste (1958, p. 85),

o presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual se não realizando-o pela inserção do discurso no mundo.

Como abordamos no capítulo anterior, o orador, ao retomar um ocorrido do passado, projeta, também, em seu discurso, uma possibilidade de futuro. Desse modo, o único jeito possível de acessar o passado é por meio do presente, pois é só a partir dele que somos capazes de projetar o futuro. Em outras palavras, a reportagem publicada pela *Alma Preta* busca justiça pela morte de Beto Freitas, ao mesmo tempo em que estima por melhores condições de vida à população negra.

É utilizada ainda a modalidade enunciativa, na primeira pessoa do plural, para ilustrar a presença de uma coletividade. O *nós* que fala, no texto, possivelmente, pode ser dos redatores da *Alma Preta*. O intuito da página era elaborar uma reportagem que enaltecesse o *ser negro*, mas, devido à fatalidade ocorrida com Beto Freitas, isso não foi possível. Assim, a partir da oração adversativa, o orador projeta um *ethos* de uma pessoa que está cansada dos

ataques sofridos pela população negra. Ao mesmo tempo, o locutor se empenha em conquistar a adesão do auditório a partir das emoções desencadeadas por ele.

Imagem 21: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

As imagens divulgadas nas redes sociais mostram quando João é atacado pelos dois homens e recebe uma série de socos no rosto. Imobilizada e tentando manter o equilíbrio, a vítima é atingida por chutes nas costas, braços, pernas e mais socos. Enquanto uma mulher de blusa branca e crachá grava a cena em um aparelho celular a poucos passos de distância.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/no-dia-da-consciencia-negra-a-carne-mais-barata-do-carrefour-e-a-negra>. Acesso em: 25/04/2023

No trecho destacado acima, o orador, a partir do discurso relatado, busca descrever os acontecimentos da fatalidade envolvendo Beto Freitas. A utilização deste tipo de discurso busca, possivelmente, causar emoção no auditório e gerar um sentimento de revolta por conta da ação dos seguranças da rede de supermercados.

Imagem 22: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Essa não é a primeira vez que pessoas negras são vítimas de racismo dentro de supermercados. Aliás, ser perseguido como se a sua pele representasse um perigo é algo comum à maioria de nós. O Carrefour, também, parece ter a desumanidade como uma política interna. Há poucos meses, o corpo de um funcionário que morreu de mal súbito durante o expediente foi coberto com guarda-sóis verdes enquanto o supermercado permaneceu aberto.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/no-dia-da-consciencia-negra-a-carne-mais-barata-do-carrefour-e-a-negra>. Acesso em: 25/04/2023.

Na imagem acima, o orador faz uso da modalidade epistêmica para afirmar, de maneira convicta, que esse não é o primeiro caso de racismo que ocorre dentro da rede de supermercados. Em seguida, temos o emprego do advérbio *aliás* para reforçar, assim como fez a *Afropress*, a imagem prévia que é construída em cima do sujeito negro. Além disso, é utilizada novamente a modalidade enunciativa, na primeira pessoa do plural, mas, dessa vez, somos levados a inferir que a pessoa que fala se reconhece, possivelmente, enquanto uma pessoa negra. Logo, ela reconhece seu lugar de fala e, assim, o texto passa a ter um caráter

subjetivo por conta do *ethos* que construímos do orador. Entretanto, ainda que o discurso contenha traços de subjetividade, os questionamentos e as denúncias feitas pelo locutor são pertinentes e ilustram o cotidiano da população negra.

Em seguida, enunciador transforma o substantivo *desumano* em adjetivo para qualificar a maneira como a empresa trata seus funcionários e clientes. Desse modo, ele busca reforçar seus argumentos por meio dos exemplos, uma vez que “quando baseamos a demonstração de uma proposição em um grande número de casos semelhantes, temos a indução na dialética e o exemplo na retórica” (ARISTÓTELES, 2019, p. 47). A partir da presente análise, é possível perceber que um orador, ao discursar, coloca em prática os três meios de persuasão elencados por Aristóteles, quais sejam: o *ethos*, o *logos* e o *pathos*.

Imagem 23: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

A gestão de crise do Carrefour correu para emitir uma nota onde diz que “nenhum tipo de violência e intolerância é admissível” e que “adotará medidas para responsabilizar os envolvidos no ato criminoso”. Mais uma vez a empresa não reconhece que sua política de segurança é racista e desumanizadora.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/no-dia-da-consciencia-negra-a-carne-mais-barata-do-carrefour-e-a-negra>. Acesso em: 25/04/2023.

No trecho destacado acima, ao transformar o verbo *correr* em uma figura de linguagem, o orador ilustra o modo como a rede de supermercados reagiu ao ocorrido. Por conseguinte, a partir da citação direta, temos a presença da voz do supermercado no texto, que busca se defender das acusações. É interessante notar que, em nenhuma das duas falas da empresa temos a presença da palavra racismo e/ou discriminação, ou seja, há uma omissão por parte do supermercado. Assim, o orador, ao utilizar os adjetivos *racista* e *desumanizadora*, continua condenando, de maneira assertiva, sua posição frente à empresa.

Imagem 24: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Vivemos um momento em que as empresas têm dado mais atenção para a questão racial até para melhorar a própria imagem. O próprio Carrefour havia anunciado o lançamento de um manifesto pela diversidade, com um material que seria fixado nas lojas e em centros de distribuição da rede sobre a inclusão de pessoas de diferentes raças, identidades de gênero, orientações sexuais e crenças.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/no-dia-da-consciencia-negra-a-carne-mais-barata-do-carrefour-e-a-negra>. Acesso em: 25/04/2023.

No *print* acima, a partir da primeira pessoa do plural, temos a modalidade enunciativa visando à coletividade. O orador utiliza o plural para fazer um alerta de que as empresas não estão preocupadas com a pauta racial, mas sim preocupadas em transmitir um *ethos* de uma companhia devidamente politizada. Em vista disso, é possível pensar que o discurso elaborado pelo autor da reportagem visa diversos públicos e/ou auditórios, tendo em vista que “para ter um discurso sobre um tema dado, deve-se também construir uma representação daquele ao qual nos dirigimos e imaginar a maneira pela qual ele percebe e compreende o tema tratado” (AMOSSY, 2018, p. 56). Primeiramente, ele está visando à população negra brasileira, devido ao Dia da Consciência Negra e pela fatalidade ocorrida com Beto Freitas; o segundo auditório possível cuja adesão o orador tenta conquistar é o auditório universal, uma vez que ele pode ser definido como sendo “aquilo que é válido para a razão de todo ser humano, independentemente do tempo e do lugar” (AMOSSY, 2018, p. 75).

Imagem 25: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Esse é mais um 20 de novembro em que precisamos buscar forças para seguir em frente em uma sociedade onde nossa cor de pele nos faz alvos, onde somos sete a cada dez vítimas de homicídios, oito a cada dez mortos em intervenções policiais. Meu maior desejo é um dia poder falar apenas sobre a potencialidade e resistência dos nossos ancestrais que nos trouxeram até aqui, por João Alberto e tantos outros que não mais poderão.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/no-dia-da-consciencia-negra-a-carne-mais-barata-do-carrefour-e-a-negra>. Acesso em: 25/04/2023.

O final do texto busca estimular as emoções e convida a população negra a resistir a toda forma possível de violência que, infelizmente, tende a enfrentar. Abdias Nascimento (2019) teoriza sobre um projeto, por parte dos colonizadores, de extermínio da população negra. O programa foi colocado em prática, durante a colonização, “quando um dos recursos utilizados foi o estupro da mulher negra pelos brancos da sociedade dominante, originando os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno” (NASCIMENTO, 2019, p. 83). Por mais que tenha ocorrido à abolição da escravatura, a população negra segue sendo perseguida, violentada e morta pela sociedade. O *ethos* prévio que é construído da pessoa do negro faz com que ele continue sendo vítima. O orador finaliza seu texto tentando passar uma mensagem de resistência aos negros presentes e aos que, infelizmente, vieram a falecer por conta de ocorridos parecidos com o de Beto Freitas.

Ambas as agências de notícias, por terem o mesmo título de reportagem, relacionam o ocorrido de Beto Freta com a música composta por Jorge Aragão e cantada por Elza Soares. A *Afropress*, diferentemente da *Alma Preta*, inicia o discurso de um modo mais assertivo, ao fazer questionamentos em relação à vida do negro. Além disso, apenas após o quarto parágrafo que o orador da página apenas inicia a fala sobre o caso de Beto Freitas. A *Afropress* busca ainda apresentar maiores dados e informações relacionadas ao pós-acontecimento do assassinato, enquanto a *Alma Preta* descreve com maiores detalhes a fatalidade ocorrida com Beto Freitas. A reportagem publicada pela *Alma Preta* pode, também, ser lida como uma crônica, por conta da subjetividade presente no discurso. Já a reportagem publicada pela *Afropress* busca trabalhar com dados, informações e leis. Desse modo, compreendemos que a *Alma Preta* busca conquistar a adesão de seu público pelo viés do *pathos*, enquanto a *Afropress* tenta afirmar seu discurso com base em informações e dados, ou seja, através do *logos*.

Na reportagem a seguir, publicada pela *Alma Preta*, a população negra é convidada a reagir contra as formas de racismo e preconceitos sofridas por ela¹⁰.

Imagem 26: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Reaja à violência racista!

É preciso reagir e é necessário que isso seja feito pelas mãos do movimento negro, com os métodos de luta do movimento negro

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 26/04/2023.

O título da reportagem está no imperativo, exprimindo uma ordem, solicitando para que o interlocutor enfrente o racismo. O título da reportagem, ao interpelar o público, projeta seu auditório em seu discurso. O público possível do orador seriam todas as pessoas preocupadas em combater, além de ter a população negra como principal ouvinte. No subtítulo, o orador ressalta a importância de se opor ao racismo, mas faz uma observação que isso deve ser feito exclusivamente pelas mãos do movimento negro e com as maneiras de combate do movimento negro.

¹⁰ A reportagem está disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>

Imagem 27: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Em 1991, o Movimento Negro Unificado (MNU) publicou um jornal cuja capa continha a inscrição “reaja à violência racial”. Na foto, uma mulher e um homem negros se beijando com o complemento “beije sua preta em praça pública”. Diante da recente redemocratização do país, uma das mais antigas organizações do movimento negro brasileiro nos dava um recado: era preciso reagir à violência racista, e era necessário que isso fosse feito pelas mãos do movimento negro, com os métodos de luta do movimento negro.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 26/04/2023.

No *print* acima, o orador busca recuperar uma memória discursiva para ilustrar a possível inspiração para a elaboração da presente reportagem. Assim, cada discurso produzido está relacionado a uma memória de algum acontecimento do passado, uma vez que

o discurso apoia-se, então, numa Tradição, mas cria, pouco a pouco, sua própria Tradição. Aqui, a memória não é psicológica; ela é inseparável do modo de existência de cada formação discursiva, que tem uma maneira própria de gerir essa memória (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2020, p. 325).

O orador recupera essa memória discursiva como modo de elucidar seu argumento, ou seja, apresenta provas de que a resistência frente ao racismo deve ser feita a partir do movimento social negro. Neste primeiro trecho da reportagem, o orador apenas busca retomar e explicar o que fora apresentado no título e no subtítulo da reportagem.

Imagem 28: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

O próprio surgimento do **MNU** – à época denominado Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) –, em 1978, pode ser considerado um dos eventos mais importantes da história do protesto negro no Brasil. Isso porque, em plena Ditadura Militar, a ocupação das escadarias do Teatro Municipal para a refundação do movimento negro significou também a retomada do protesto de rua como forma de luta pela transformação social, na época condensada na exigência de uma verdadeira “democracia racial”.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 26/04/2023.

Mais uma vez, a memória discursiva é utilizada para ilustrar a importância do movimento social negro contra o combate ao racismo. O orador, ao recuperar esses fatos do

passado, envolvendo o MNU, se apropria do *logos* para validar seus argumentos, além de apresentar a importância do MNU para a temática racial.

Imagem 29: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Décadas depois, em 2020, diante do assassinato de George Floyd em plena pandemia da Covid-19, manifestações contra a violência racial explodiram em todo o mundo e a Coalizão Negra por Direitos, frente que articula mais de uma centena de organizações do movimento negro no país, publicou um manifesto denominado “enquanto houver racismo, não haverá democracia”. Mais uma vez, estava colocada a discussão no panorama do movimento negro nacional.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 26/04/2023.

O orador busca traçar um percurso histórico para elucidar a eficácia do movimento social negro. Inclusive, é utilizada uma oração adjetiva, a saber, “em plena pandemia da COVID-19”, para mostrar que, mesmo diante das dificuldades e do perigo da pandemia, o movimento social negro seguiu desempenhando seu papel na luta contra a discriminação racial.

Imagem 30: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Se é verdade que a violência racista não é novidade na história do Brasil, a reação coletiva a ela precisa ser. Enquanto o Estado brasileiro insistir em nos dizer que as nossas vidas não importam, precisamos demonstrar que somos a maioria e que sem justiça não haverá paz aos que não nos querem vivos. Nós sabemos o caminho, é preciso segui-lo.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 26/04/2023.

O discurso é finalizado ressaltando a importância de os ativistas reagirem contra a violência racista de uma maneira coletiva, assim como é feito pelos movimentos sociais negros. O orador, ao empregar o verbo *insistir*, aponta que o Estado brasileiro é conivente com as mais diversas formas de violências sofridas pela população negra. A modalidade enunciativa faz com que o orador seja inserido em seu discurso, ou seja, ele se coloca enquanto pessoa que também necessita reagir à violência racista. Ao mesmo tempo em que o orador projeta seu discurso à população negra, temos, também, a presença de outro grupo ao qual o locutor se dirige.

A reportagem propõe, ao trazer que “somos a maioria e não haverá paz aos que não nos querem vivos,” uma disputa entre dois grupos. Inclusive, ao utilizar a modalidade

enunciativa, a primeira pessoa do plural, o orador aponta seu posicionamento em relação à discussão abordada no texto. Além disso, *os outros* ao qual o orador se remete, provavelmente, são as pessoas brancas racistas e o Estado brasileiro. Embora o texto faça o uso em demasia do imperativo, o orador é capaz de construir um discurso de resistência que, a partir de comprovações, demonstra que a luta contra o racismo é coletiva. A reportagem a ser analisada em seguida foi retirada do site da *Alma Preta*. O texto é uma crítica às organizações brasileiras que, provavelmente, são coniventes com os casos de racismo que ocorrem no país¹¹.

Imagem 31: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

No Brasil, Fascismo é Racismo e Genocídio!

As instituições brasileiras estão executando com rigor o projeto; Genivaldo morreu numa câmara de gás, no estilo hitlerista, mas a verdade é que, no Brasil, todo camburão descende de um navio negreiro

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 27/04/2023.

A população negra, desde a colonização, tem sido vítima de um processo de exterminação. Entre os séculos XVI e XIX, os negros escravizados eram abusados, explorados e, conseqüentemente, mortos pelos colonizadores europeus. Na atualidade, a população negra enfrenta um novo tipo de ameaça: o sistema. Na imagem destacada acima, em nível de comparação, somos levados a comparar o regime fascista com o racismo. Seria o mesmo que dizer que, se na Itália teve o Fascismo, o brasileiro tem de enfrentar o Racismo. Assim como o Fascismo, o Racismo persegue, oprime e mata, além de possuir característica autoritária. Com base no título da notícia, o orador busca fazer um alerta e uma denúncia contra os agentes de governo que lideram o país.

No subtítulo da reportagem, é utilizado um verbo na terceira pessoa do plural para elucidar que os órgãos públicos brasileiros estão planejando um programa que visa à perseguição e o extermínio da população negra. O orador transforma ainda o substantivo *rigor* em adjetivo para demonstrar que o programa está sendo seguido com rigidez, uma vez que

¹¹ A reportagem está disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/no-brasil-fascimo-e-racismo-e-genocidio>

a violência contra negros, sobretudo a institucionalizada, como é o caso do tratamento violento perpetrado por policiais contra esta população demonstra que as suas vidas são cada vez mais passíveis de eliminação impune. Pode-se, nesse sentido, diante da magnitude do fenômeno morte associado à população negra do Brasil, afirmar a existência de uma verdadeira política de extermínio (WERMUTH; MARCHT; MELLO, 2020, p. 1065).

Como exemplo para seu argumento, o locutor utiliza de um fato ocorrido, ou seja, se apropria de uma memória discursiva para validar seu discurso.

Imagem 32: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

O Estado brasileiro precisa ser imediatamente responsabilizado pelo genocídio que pratica contra população negra. Os governos e governantes têm ordenado que as forças policiais executem a população no Brasil. Nesta semana, uma viatura da Polícia Rodoviária Federal foi transformada numa câmara de gás para sufocar um homem negro. Genivaldo de Jesus Santos, neurodivergente, viveu seus últimos minutos de vida com os pés segurados por agentes do Estado, preso, onde inalou gás lacrimogêneo e morreu por asfixia mecânica, com comprovação em laudo do IML.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 27/04/2023.

No primeiro parágrafo do texto, em tom assertivo, é utilizado o verbo *precisa* no modo imperativo para ordenar que o estado brasileiro pare de executar a população negra. O advérbio *imediatamente* faz com que o orador projete um *ethos* de alguém em busca de justiça e, possivelmente, cansado de presenciar a morte violenta da população negra pelo estado brasileiro. O discurso apresentado, na reportagem, estabelece um confronto entre aquele responsável pela reportagem e o estado brasileiro, ou seja, o orador constrói seu auditório visando politizar os ativistas e/ou internautas que acessam a *Alma Preta*. Além disso, o orador retoma o que fora dito no subtítulo, mas, dessa vez, com maiores detalhes sobre o assassinato de Genival de Jesus Santos, morto por policiais federais.

Imagem 33: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

A reação, diante de cenas bárbaras como essa, é uma rápida assimilação ao fascismo, um movimento político que surgiu na Itália sob a liderança de Benito Mussolini e seguiu para Europa, com o nazismo de Hitler. Esses regimes mataram centenas de milhares de seres humanos, baseado no racismo "científico" que tem por ideologia a eliminação das diferenças étnicas. Genivaldo morreu numa câmara de gás, no estilo hitlerista. Mas a verdade é que, no Brasil, todo camburão descende de um navio negreiro.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 27/04/2023

Genival de Jesus foi morto ao ser trancado por polícias federais dentro de um portamalas enfeitado de gás. O orador qualifica a ação dos agentes federais a partir da modalidade apreciativa para ressaltar que suas atitudes foram repugnantes. O discurso apresentado pela *Alma Preta* é construído se apoiando no caráter *pathémico* do discurso, tendo em vista as analogias que são feitas pelo orador e pelo uso em demasia de adjetivos. O orador se apropria de um fato do passado para ilustrar o que está acontecendo com a população negra atualmente. Assim, o orador compara o assassinato de Genival de Jesus com Auschwitz, o campo de concentração onde foram assassinadas milhões de pessoas, sobretudo judeus. Os argumentos por analogia

são uma plausível de raciocínio. Duas situações podem ser semelhantes ou dessemelhantes sob inúmeros aspectos, que poderiam ser citados. Mas, quando uma similaridade pertinente é citada, ela pode ser usada para transferir o ônus da prova numa argumentação (WALTON, 2006, p. 359).

Ao fazer essas comparações, o orador consegue, de maneira convincente, defender sua principal tese de que o Estado brasileiro é responsável por grande parte das mortes da população negra. A próxima analogia feita pelo locutor é a relação entre o camburão e um navio negreiro, tendo em vista que ambos são responsáveis por transportarem pessoas de forma forçada.

No caso do navio negreiro, seu objetivo era transportar negros para as colônias espelhadas no continente americano, enquanto o camburão tem como principal objetivo conduzir os infratores até delegacia. A possível semelhança entre os dois se deve pelo fato que eles operam contra a população negra. Em outras palavras, com o argumento do orador, compreendemos que os negros continuam sendo perseguidos e mortos, tendo em vista que “é possível auferir que as vidas negras estão sendo tratada tal qual há quinhentos anos, como coisas” (WERMUTH; MARCHT; MELLO, 2020, p. 1065).

Imagem 34: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Sua morte ocorreu em maio, mês da abolição inconclusa, que faz referência ao período da escravidão negra, que durou mais de três séculos e também torturou, matou e desumanizou, deixando como principal legado o Racismo. Inconclusa porque persistem no país a discriminação e desigualdade racial, sem nenhum tipo de reparação histórica ao povo negro. A morte de Genivaldo também ocorreu no mês da luta antimanicomial, que combate a tortura imposta aos neurodivergentes. E se a Itália viveu o fascismo, a Alemanha o nazismo. No Brasil, vivemos o Racismo há 520 anos. Tortura e morte não fazem parte apenas dos regimes nazistas e fascistas, mas da história branca e capitalista de dominação.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 27/04/2023.

Na imagem acima, o orador afirma, em tom assertivo, que a herança deixada pelo processo de escravização foi o racismo. Fazendo o uso da modalidade deôntica, o locutor ressalta que as entidades públicas pouco se esforçam para combater a discriminação racial. O orador retoma o título da reportagem para demonstrar que, do mesmo modo que a Itália teve o Fascismo, a Alemanha o Nazismo, o Brasil segue tendo o Racismo enraizado há mais de 520 anos. O parágrafo termina culpando os possíveis responsáveis pelo programa de extermínio contra a população negra, sendo os brancos que buscam viver em um regime de Capitalismo. Desse modo, o orador projeta em seu discurso o *tu* ao qual seu texto se remete, além de assinalar a *doxa* vigente e combatê-la.

Imagem 35: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Certamente muitas pessoas acham exagero essa comparação. Mas eu ousar repetir que são séculos e séculos de tortura, morte e um plano de Estado que busca a eliminação do povo negro e indígena no Brasil. Um plano que tem a segurança pública como pilar de concretização.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 27/04/2023.

Mais uma vez, o orador faz referência ao *tu* ao qual está se referindo, pois ele tem consciência do que algumas pessoas pensam sobre suas afirmações. Entretanto, ele utiliza a flexão do verbo *ousar* para demonstrar segurança sobre suas afirmações e seus argumentos, ou seja, continua defendendo a tese de que o Estado brasileiro é conivente com as mortes de pessoas negras em todo o Brasil. Ao fazer tais afirmações, o orador confirma seu *ethos* de um

militante politizado e disposto a lutar contra o Estado brasileiro e as variadas formas de discriminações raciais.

Imagem 36: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Tal projeto atravessa inclusive as nossas fronteiras e nos conecta a todas e todos de pele não branca no mundo. Desgraçadamente, Genivaldo morreu no dia exato quando há dois anos vimos a morte George Floyd, afro-americano assassinado em Minneapolis, sufocado pela polícia. Separados por frações do tempo e território, esses dois homens são pele alvo do genocídio em curso no mundo e, infelizmente, a comunidade negra tem histórias para lembrar para cada mês do ano, sempre dos nossos mortos.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 27/04/2023.

O parágrafo acima tem como objetivo demonstrar que a luta contra o sistema vai além do Brasil, ou seja, ativistas de todo o mundo estão conectados em uma rede de resistência e combate contra o programa de extermínio da população negra. O discurso presente na reportagem busca se ancorar em memórias discursivas para gerar um sentimento de comoção e revolta em seu auditório, tendo em vista que ele cita o assassinato de George Floyd, que também fora morto por policiais. No final do parágrafo, o orador faz o uso do pronome possessivo *nosso* para demarcar seu lugar e seu *ethos* enquanto ativista negro.

Imagem 37: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

É verdade, é crescente a escalada de ódio com o atual governo, seja nacional ou estaduais, mas as polícias têm cumprido seu verdadeiro papel no genocídio nos últimos séculos, desde o Brasil colônia, em que ao passo que as cidades se tornavam “incontroláveis”, com a presença da população negra nos centros urbanos e no campo, foi imposto o controle e sufocamento da liberdade de corpos específicos, para avançar com repressão e morte.

Não há lugar para fugirmos, e longe de serem histórias coincidentes, convivemos assim com a insegurança de que nós ou os nossos sejamos os próximos.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 27/04/2023.

No *print* acima, o autor da reportagem expressa sua subjetividade e opinião com o governo brasileiro da época, uma vez que a reportagem foi publicada 2022. O fato de o discurso ser marcado pela subjetividade do orador ilustra que é a partir da linguagem que o indivíduo se constitui enquanto sujeito, tendo em vista que, segundo Benveniste (1958), as

peessoas apenas conseguem ter consciência de si a partir do contraste que é estabelecido em relação a outrem. Desse modo, o autor da reportagem consegue expor sua visão de mundo a partir de uma crítica em relação a um *tu*, ou seja, o Estado brasileiro.

Imagem 38: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

No Brasil, fascismo é racismo e entender as causas dessas mortes é parte do caminho para construirmos saídas. Precisamos seguir mobilizados, organizando a luta em nossos territórios e nas ruas, contra o racismo e pelo bem viver. Precisamos cobrar Justiça por Genivaldo e os 25 que perdemos no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 27/04/2023.

No parágrafo seguinte, é retomada a analogia feita ao longo do texto entre Racismo e Fascismo para enfatizar a raiz do problema e formular meios de combater o Racismo. Cabe destacar que essa estratégia de retomada apresentada no texto faz com que ele fique didático e fácil de ser compreendido. No mesmo parágrafo, o orador marca sua posição de ativista e utiliza a modalidade enunciativa na primeira pessoa do plural para inserir a coletividade em sua fala. É possível perceber, na reportagem, a união entre os ativistas digitais e os atos que acontecem nas ruas, uma vez que a união entre o ciberespaço e sociedade potencializa as manifestações nas ruas.

Imagem 39: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Além das mobilizações permanentes, o movimento social negro também tem atuado na esfera jurídica e institucional para culpabilizar o Estado brasileiro de genocídio. Recentemente, junto a Coalizão Negra Por Direitos, protocolamos a ADPF Pelas Vidas Negras, denunciando o genocídio à população negra brasileira no Superior Tribunal Federal.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 27/04/2023.

Na imagem acima, é destacado o importante papel desempenhado pelo movimento social negro no combate contra a discriminação racial e o Estado brasileiro. O movimento social negro segue sendo a maior entidade que luta por melhores condições de vida para a população negra. Ao utilizar a flexão do verbo *protocolar* na primeira pessoa do plural, o

orador se insere como membro de algum movimento social negro e reforça o *ethos* de um militante politizado que está lutando contra o estado brasileiro.

Imagem 40: Captura de tela de uma matéria no site *Alma Preta*

Agora é hora de tomarmos as ruas por Justiça por Genivaldo e exigir um projeto de futuro onde vidas negras importem e possam florescer em suas máximas potencialidades e dignidades.

Desde a travessia, de muitos antes do Atlântico, nossos ancestrais nos ensinaram a confrontar o racismo e o colonialismo e mais uma vez aqui estamos até derrotá-lo.

Fonte: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/reaaja-a-violencia-racista>. Acesso em: 27/04/2023.

No final da reportagem, o orador se apropria do *pathos* para convidar todos aqueles que são solidários quando o assunto é questão racial. Ele termina o texto utilizando a modalidade deôntica para demonstrar que essa luta contra a discriminação racial é necessária para que a população negra possa se ver livre de ações violentas como a ocorrida com George Floyd, Beto Freitas, Genivaldo, entre outros.

As reportagens analisadas demonstram a importância das agências de notícias que priorizem a pauta racial, além da importância de ativistas digitais que coloquem em discussão questões que, muitas vezes, são abafadas pela grande mídia. O racismo no Brasil é “insidioso, ambíguo, que se afirma via sua própria negação e que está cristalizado na estrutura da nossa sociedade” (GOMES, 2021, p. 51). A *doxa* da sociedade brasileira, com o apoio do sistema e das grandes mídias, auxilia nas ideologias e nas práticas racistas. Cabe aos movimentos sociais negros, em conjunto com os ativistas sociais e/ou digitais, desconstruir tais valores e crenças enraizadas em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento da presente pesquisa, foi possível chegar à conclusão de que o advento da *web 2.0* potencializou o desenvolvimento do ativismo digital, além do surgimento de novos movimentos sociais e/ou agências de notícias, tais como as *Afropress* e *Alma Preta*. Além disso, com base no referencial bibliográfico da pesquisa, foi possível expandir o conceito de movimento social negro, pois o compreendemos como todo grupo que se reúne em prol da qualidade de vida da população negra e do combate ao racismo. Embora sejam classificadas como agências de notícias, concebemos páginas em questão como integrantes do movimento social negro.

Em outras palavras, buscamos conceituar o movimento social negro de um modo abrangente e/ou extenso, uma vez que o compreendemos como uma associação onde são reunidos diversos ativistas em prol das mesmas pautas. O conceito de atuação em rede, desenvolvido no segundo capítulo da presente dissertação, nos possibilita fazer tal afirmação. Além disso, o movimento social negro tem conseguido difundir seus ideais e suas pautas em espaços onde antes não era possível, e tudo isso por conta dos avanços tecnológicos e da *internet* (GOMES, 2021).

Compreendemos que as teorias da argumentação nos auxiliam na compreensão dos discursos construídos pelos oradores dos movimentos sociais, além de ajudar na identificação de discursos racistas. Com base no *corpus* da pesquisa, percebemos que a *internet* pode servir como um espaço de luta pela democratização, como aponta Ruth Amossy (2017). Os ativistas digitais têm, cada vez mais, provado a importância de as pessoas se articularem por meio da *web*, pois a *internet* possibilita uma comunicação rápida, acessível e de grande alcance.

Entendemos que os avanços tecnológicos permitiram que a *web* se tornasse um espaço público essencial para a consolidação das reivindicações, não apenas dos movimentos, mas também dos sujeitos sociais. Os trechos que foram selecionados para análise ilustram a importância do movimento social negro frente à luta contra a discriminação racial, uma vez que eles são os responsáveis por transmitir as notícias de um modo mais detalhado em comparação com as reportagens que são transmitidas nas televisões e jornais. Além disso, com base nas análises, percebemos o modo como os discursos antirracistas podem ser construídos de diferentes maneiras, tendo em vista o modo como um mesmo assunto é abordado diferentemente pela *Afropress* e pela *Alma Preta*.

Acontece que o ativismo digital possibilitou que os casos de racismo sejam denunciados, tendo em vista que as grandes mídias muitas vezes omitem e até reafirmam o discurso racista em nossa sociedade. Nas palavras de Van Dijk (2021, p. 237), “a mídia de hoje às vezes se assemelha a um representante moderno dos senhores escravistas.” Como destacamos ao longo do texto, compreendemos que o movimento social negro é essencial para a luta contra o racismo, tendo em vista que, com base em Gomes (2021), observamos, na *internet*, um crescente aumento de agências de notícias e/ou influenciadores negros com o intuito de escreverem sobre o que é a negritude, além da denúncia de casos de racismo, discussões de temas como apropriação cultural, colorismo, cotas etc.

Durante a elaboração da dissertação, percebemos a importância do discurso enquanto uma ferramenta de denúncia e resistência. É a partir do discurso que somos capazes de acessar o outro e, conseqüentemente, fazermos com que nos entenda. Além disso, percebemos como os discursos antirracistas são atravessados por uma memória discursiva que busca validar o argumento do orador. Como destacamos nos trechos analisados, grande parte dos discursos argumentativos colocam em prática o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Compreendemos que todo discurso argumentativo é construído a partir da *doxa* e/ou ideologia de um determinado grupo, e que, quando há um embate entre duas ideologias, o discurso argumentativo emerge, como vimos nos trechos analisado.

A presente pesquisa demonstrou como a Análise do Discurso pode estar a serviço de outros campos de saberes, bem como outros campos de saberes podem se integrar no campo das teorias da argumentação e do discurso. Entretanto, percebemos uma carência pela falta de teorias da argumentação e do discurso voltadas para o ambiente digital. Cada vez mais, a sociedade está se fundindo com o tecnológico, ou seja, nossas vidas estão sendo mediadas e auxiliadas por meio de aparelhos tecnológicos. Assim, faz-se necessário que os pesquisadores interessados pela área desenvolvam e/ou repensem as teorias do discurso, tendo como base essa nova sociedade que tende a se atualizar a todo momento.

Por fim, a presente dissertação possibilitou a ampliação dos estudos acerca do ativismo digital e da *web 2.0*, tendo em vista que, atualmente, o mundo tecnológico tem ganhado cada vez mais espaço em nossas vidas. Com base nesta pesquisa, compreendemos como a *internet* pode ser reconhecida como um espaço de luta e de democratização, mas, também, é um ambiente propício à manipulação, tendo em vista o aperfeiçoamento das inteligências artificiais.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da Polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, R. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. In. **EID&A**, p. 128-144. 2011
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2 ed. Trad. Edison Bini. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. 2 ed. São Paulo: Pólen, 2019.
- ACIOLI, Sonia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito.. *Informação & Informação*, [S.l.], v. 12, n. 1esp, p. 8-19, dez. 2007. ISSN 1981-8920. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784>>. Acesso em: 22 out. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2007v12n1esp8>.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989, p. 81-90.
- BERNARDES, Franciani. BARBOSA, Célia. **A internet nos Movimentos Sociais e nas Manifestações Massivas no Brasil**. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba. 2017.
- Bernardes, F., & Barbosa, C. (2018). Movimentos sociais na era da Internet: por todas as formas de ativismo. *Revista Mídia E Cotidiano*, 12(1), p. 6-23. <https://doi.org/10.22409/ppgmc.v12i1.9859>
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2020.
- Christian Plantin. A Argumentação biface. Muniz Proença Lara G., Machado I. L., Emediato W. **Análises do discurso hoje**, Vol. 2, Lucerna, pp.14-26, 2009.
- DESLANDES, Suely Ferreira. O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. 2018. p. 3133 – 3136
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Dimensões**. Vol. 2, p. 102 – 124, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**. 23 vol. 2006. p. 100 – 122.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências emergências e a produção dos saberes. **Política e Sociedade**. Vol. 10, p. 133 – 154, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. 1 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez. 2007, p. 248-285.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2015.

MARIANI, Bethania. **Colonização linguística**. São Paulo: Pontes, 2004.

MELO-SILVA, Lucy Leal, GUARNIERI, Fernanda Vieira. Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo. Volume 21, n. 2, agosto, 2017. p. 183 – 193.

MELLO, Renato. **Silêncio faz sentido**. s/d, p. 2590. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_146.pdf Acesso: 25/06/2022.

NASCIMENTO, Abidias. **O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

D'ÁVILA, Nerci. A enunciação em Benveniste e em Ducrot. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 39, nº 4, p. 151 – 162, 2004. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/13801/9142/>. Acesso em: 25/05/2023

D'ADESKY, Jacques. **Racismo e Anti-racismos no Brasil**: pluralismo étnico e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

NASCIMENTO, Abdidas. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas**. 1 ed. São Paulo: Pontes, 2021.

PEREIRA, Marcus Abilio. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. **IV Encontro da Compólitica, Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. p. 1 – 26.

PERELMAN, Chaim; TYTECA, Olbrechts. Tratado da argumentação: a nova retórica. São Paulo: Martin Fontes, 2005.

PRIMO, Alex . O aspecto relacional das interações na Web 2.0. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

ROESLER, Rafael. Web 2.0, interações sociais e construção do conhecimento. VII SIMPED-Simpósio Pedagógico e Pesquisa em Educação – 2012.

Sedrez Chaves, L., & Cogo, D. (2013). Activismo por la igualdad racial en Brasil. La comunicaci3n a trav3s de redes e Internet: Agencia de Noticias Afropress. index.comunicaci3n, 3(2), 211-245. Recuperado de <http://journals.sfu.ca/indexcomunicacion/index.php/indexcomunicacion/article/view>. Acesso em: 22/10/2021

VERENA, Alberti; PEREIRA, Almicar Araújo. O Movimento Negro no Brasil. **GELEDÉS**, 2010. Disponível em: https://www.geledes.org.br/o-movimento-negro-no-brasil/?gclid=CjwKCAjwnIr1BRAWEiwA6GpwNS_FPL2nPpcGyQft_Zi5ENn0smqxlPjYx3My89RgCz852SJTFJfj8xoCEdoQAvD_BwE. Acesso em: 12/04/2014.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. Análise de discurso crítica: resgatando noções preliminares. *Análise do Discurso (para a) Crítica*. FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília: Ed. UNB, 2001.

VAN DIJK, TEUN A. **Discurso Antirracista no Brasil: da abolição as ações afirmativas**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHERER-WARREN, I. Redes e movimentos sociais projetando o futuro. Revista Brasileira de Sociologia, 2013, v. 1, n. 1, p. 187-217.

WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi; MARCHT, Laura Mallmann; DE MELLO, Letícia. Necropolítica: racismo e políticas de morte no Brasil contemporâneo / Necropolitics: racism and death politics in contemporary Brazil. **Revista de Direito da Cidade**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 1053-1083, jun. 2020. ISSN 2317-7721. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/49790/36804>>. Acesso em: 03 abr. 2023. doi:<https://doi.org/10.12957/rdc.2020.49790>.

ANEXO – ENTREVISTA COM O CRIADOR DA AFROPRESS

Sobre a entrevista:

Sr. Dojival sobre a *Afropress*:

A *Afropress*, hoje, é a mídia focada, no tema do combate ao racismo e na defesa dos direitos civis e políticos da população negra brasileira, é a mídia mais longeva da história focada nesse tema. É uma agência de notícias que funciona sem o auxílio de patrocinadores. Nós somos uma agência de notícias, focada no tema, que funciona a partir da entrega/esforço voluntário e individual de ativistas como eu [...] **A *Afropress* foi criada no contexto das iniciativas tomadas durante a conferência de Durban, que passou a estimular o uso das modernas tecnologias como instrumentos estratégicos de combate ao racismo. Foi isso que nos inspirou. A conferência de Durban estimula o uso das modernas tecnologias [...]** Jornalista que sou desde os anos 70, pensei **como é que podemos transformar o nosso ativismo do combate ao racismo, como podemos utilizar instrumentos para amplificar, né?! Para ecoar mais alto a nossa luta, daí surge a ideia da *Afropress*.**

Sr. Dojival sobre a imprensa negra:

A imprensa negra teve um papel determinante no nosso processo de resistência. Se não fosse a existência da imprensa negra, nós não teríamos sobrevivido às políticas de branqueamento [...] Entre os anos de 1910 e 1920, a imprensa negra teve um papel fundamental na nossa resistência, porque a imprensa negra, que se organizava de forma associativa, né?! Imprensa escrita, né?! Era também um instrumento de resistência física, compreende?

Sr. Dojival sobre os ataques sofridos:

Em 2005, a gente passa a operar em tempo real, né?! Daí começa as histórias desses 17 anos, sendo que seis dos quais, eu posso te dizer que de 2006 a 2012, nós fomos sistematicamente atacados por grupos neonazistas, você entendeu? Com ameaças graves, sérias, a minha vida, a vida da minha mulher, da minha família, entendeu? Nós vivemos momentos de terror, durante seis que grupos neonazistas de São Paulo e de outros estados nos atacavam, invadiam as nossas páginas.

Benedicto Roberto: Sr. Dojival, como que é o senhor, hoje, no ano de 2022, como que o senhor enxerga o ativismo digital? Pensando nas próprias atuações de vocês através do site, através do twitter. Eu vi que vocês também tem Instagram. Vocês acham que isso tem surtido efeito? Tem alcançado a população negra? Eu não sei se vocês tem acesso as pessoas que entram no site de vocês, se é um público misto ou se apenas é o público negro mesmo.

Resposta do Sr. Dojival: Olha só! O que acontece, Benedicto. É o seguinte: nesses 17 anos, eu posso dizer que as coisas mudaram muito, sabe?! E também posso dizer que houve um processo de adaptação muito singular, né?! De setores antirracistas e de setores do movimento negro. por que há uma característica na Afropress que você vai identificar com muita clareza. Primeiro, é o seguinte, nós não queríamos ser um blog, nós queríamos ter uma estrutura de redação, de agência de notícia. Nesse propósito, a gente não conseguiu porque isso pressupunha patrocínio, pressupunha estrutura, pressupunha suporte né?! Mas nós fizemos uma coisa que eu devo dar maior relevância que foi o seguinte, como eu sou jornalista e minha mulher é jornalista, nós passamos, a Afropress passou a ser fonte das redações durante anos, entendeu?! Porque o nosso olhar sobre determinado fato é diferente. É o olhar do jornalista, cê entendeu? Aliás, é o olhar do jornalista ativista, antes de ser militante entendeu? Não é o olhar do militante. É o olhar, primeiro do jornalismo profissional, depois do jornalista ativista que atua em defesa de causas, no nosso caso as causas antirracistas e a defesa dos direitos civis e políticos dos negros. Eu te digo isso, porque, na realidade, é uma diferença fundamental. É uma diferença entre um militante negro, não importa ao partido que ele pertença, que tem o seu blog, fala, se posiciona e se manifesta através do seu blog é uma coisa. E tem a posição que nós defendemos que é a de fazer um jornalismo independente de partidos, autônomo em relação ao estado, que na prática é o seguinte: é o que nós consideramos que deveriam ser os princípios do movimento negro brasileiro, como movimento social, independência em relação à agenda partidária e autonomia em relação ao estado.

Benedicto Roberto: Aproveitar que o senhor tocou no assunto de discordância entre os movimentos negros. É até um termo que a professora trabalha muito na tese dela é essa questão do conceito da sociedade em rede, como que a gente está todo ligado por uma rede de conhecimento, compartilhamento vivência etc. Aí eu gostaria de saber se o senhor, com a Afropress, se vocês estabelecem contato com outras organizações, com outros movimentos sociais negros, com outras páginas que trabalham também através da internet ou se são sozinhos mesmo?

Sr. Dojival: Nós gostaríamos de ter uma parceria muito maior, uma interação muito maior, mas a coisa não avança por essa razão que eu tô te falando, porque nós fazemos, nós temos um uma postura muito definida em relação a nossa agenda e a nossa falta você compreendeu? E eu diria para você que 99% das entidades negras no Brasil, tá? 99% em?! Não estou exagerando não. Tô me referindo a GELEDES, A UNEGRO, que é ligada ao PCDOB. Todas essas entidades, né?! Elas estão associadas às pautas partidárias. Então, a gente até dá material deles, mas não é a nossa pauta. A nossa pauta é a independência, entendeu? A gente respeita, mas não há interação possível, o que é muito ruim, nem em termos de iniciativa de mídias.

Benedicto Roberto: Como o senhor e a Afropress enxergam as manifestações que ocorreram entre 2020 e 2021 do Black Lives Matter. Eu até vi que na afropress vocês postaram um vídeo

de um ex pantera negra falando que o black lives matter é modismo. Aí eu gostaria de ver o que o senhor acha desse movimento que teve. Você acha que essa questão do ativismo digital auxiliou para que tivesse toda essa repercussão, essas manifestações que foram para as ruas, ultrapassaram essas fronteiras da internet.

Sr. Dojival: Eu acho que é uma confusão muito grande que se faz entre a questão do movimento negro no Brasil e o movimento negro americano. Vamos lá! O que que aconteceu, o que impulsionou o movimento black lives matter? O assassinato, daquela forma bárbara, do George Floyd, em maio de 2020. Na minha avaliação da conjuntura política mundial, as rebeliões populares após o assassinato de George Floyd mudou a conjuntura Mundial, porque eu não tenho dúvida se não tivesse havido A rebelião popular nos estados americanos que obrigaram a decretação do toque de recolher, o Trump teria sido reeleito. Eu não tenho dúvida disso. Nós estamos falando de uma situação de grande um movimento de grande envergadura. Benedito, 6 meses depois do assassinato de George Floyd, no estado de Minneapolis, tivemos, no Brasil, no Rio Grande do Sul, o assassinato do João Alberto Silveira Freitas. Com relação a atitude dos negros brasileiros e/ou do movimento negro brasileiro, se você preferir, foi reação altamente tímida, contida esporádica, e circunstancial. Fala-se mais na imprensa brasileira sobre o caso George Floyd, do que sobre o caso Beto Freitas. E por que se silencia sobre o caso do Beto Freitas? Porque o movimento negro brasileiro, tá?! Na maioria das suas organizações, tá?! Por razões de cálculo político ou de interesse de conveniência, resolveu compactuar com o Carrefour na sua política de abafa.

Benedicto Roberto: Agora só meio para que finalizar mesmo, Sr. Dojival. Eu gostaria muito que o Sr. me respondesse uma pergunta final: as pessoas falam que é muito fácil militar pela internet, postar textos etc. Eu gostaria muito de saber o que Sr., particularmente, pensa sobre essa frase? O que o Sr. acha da internet, das redes sociais, como elas tem crescido cada vez mais, como mais ou menos o senhor enxerga esse ativismo digital pensando no próprio caso da Afropress?

Resposta do Sr. Dojival: Pode ser fácil para quem encara o ativismo digital como entretenimento, um passatempo, um alguém que não tem o que fazer e passa o tempo nas redes sociais, entendeu?! Como uma espécie de exibicionismo e exibição de egos mal resolvidos. Aí é muito fácil. Aí não vai ter custo nenhum. Vai termilhões de likes, entendeu?! Para quem como eu que há 17 anos utiliza o jornalismo como instrumento de ativismo, na perspectiva da transformação social, né?! A transformação da sociedade, da erradicação do racismo como elemento estruturante da desigualdade social produzida pelo capitalismo monopolista. Aí não é fácil não, meu amigo. Aí é barra pesada. Muito pelo contrário as ameaças, os processos que eu tenho, as ameaças de condenação, as ameaças a minha vida e da minha família demonstra que não é nada fácil. Isto tudo, Benedito. Isso tudo não é fácil, é perigoso, mas eu digo para você, é o único caminho possível para que avancemos para um país que sendo negro se assuma negro. Para uma república que não pode

continuar sendo a república da casa grande é esse o problema que nós vivemos no nosso país. Jamais se ajustou contas com o legado do escravismo. Nós temos uma elite racista, tem o racismo no seu DNA que jamais aceitou ajustar contas com a herança maldita da escravidão. Essa herança permanece presente em cada cidade do Brasil. As redes sociais têm um papel relevante, mas elas são meios e não fins, entendeu?! Elas devem servir como meio para ações concretas, para as iniciativas que façam este processo avançar. Não basta ficar sentado atrás do computador e ficar escrevendo. As redes são meios para atingir os objetivos que queremos. E o que queremos? Nós queremos que esse país se assuma finalmente negro, porque negro ele é e sempre foi.